

**A exclusão social como base do discurso neonazista contemporâneo:
Uma análise psicanalítica dos novos discursos da supremacia branca**

Frederico Martins Vergara

Brasília
Outubro de 2020

Frederico Martins Vergara

**A exclusão social como base do discurso neonazista contemporâneo:
Uma análise psicanalítica dos novos discursos da supremacia branca**

Relatório de Pesquisa final apresentado à
Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa do
Centro Universitário de Brasília

Orientador:
Prof. Dr. Juliano Moreira Lagoas

Brasília
Outubro de 2020

Resumo

Este trabalho busca apresentar algumas elaborações acerca do neonazismo contemporâneo, como expresso por integrantes da *alt-right* — a direita alternativa norte-americana — concebidas a partir de algumas ideias centrais da Psicanálise em Lacan e Freud, com ênfase nos desenvolvimentos de Slavoj Žižek. Partindo do paradigma da psicanálise extramuros, propôs-se o método da análise psicanalítica do discurso como ferramenta de análise psicológico-social. O objetivo da pesquisa foi identificar as relações entre a figura histórica do Judeu e esse novo sujeito neonazista por meio da análise do seu discurso. Nossa hipótese é a de que a exclusão do Judeu constitui um ponto nuclear do discurso neonazista e, como tal, imprescindível à sustentação das fantasias ideológicas que lhe são imanentes. Falamos isso a partir de uma perspectiva estrutural, ou seja, que o Judeu tem uma função determinada que é comum entre os mais distintos sujeitos, ainda que não carregue as mesmas conotações ou descrevam um mesmo objeto — a de ser excluído para que se dê consistência ao discurso. O material analisado é de acesso público e decorrente de publicações do portal *The Daily Stormer*, consistindo em uma coleção de textos e vídeos postados por lideranças da *alt-right*, além de um curta-metragem documentário que acompanha uma dessas lideranças em manifestações nos Estados Unidos. O resultado são documentos e transcrições em que buscou-se explicitar as referências ao Judeu no discurso neonazista, identificar os tipos de relação que este significante têm com outros e, sobretudo, a posição em que se insere o sujeito neonazista diante dele. Nossa hipótese pode ser parcialmente verificada nos discursos analisados. A centralidade do antagonismo ao Judeu está presente no novo neonazismo, mas ela se expressa muitas vezes de modo distinto do que pudemos observar em análises sobre o nazismo original. Dentre outros aspectos, concluímos que, ao contrário do que coube a Hitler no passado, há a prevalência do que denominamos um líder negativo, cujos indicadores no discurso são os mesmos que aqueles que tentam fazer referência ao Judeu, quer dizer, o discurso se organiza muita mais em volta dessa sorte de líder negativo, o Judeu, que em volta de uma figura de liderança positiva. Com efeito, o Judeu não apenas é o que/quem deve ser excluído mas a que/quem, antes, atribui-se tudo aquilo que deve ser excluído para que a sociedade deixe sua suposta trajetória de degeneração e transcenda tudo que há de mal. Assim, para o neonazista da *alt-right*, o que deve ser removido está sempre na conta do Judeu, mas este é mais abstrato do que nunca, sua presença percebida por sua negatividade, sua ação executada por intermediários, sejam eles instituições, outras etnias, nacionalidades, religiões, ou figuras específicas. Secundariamente, propomos uma discussão sobre como a exclusão que permeia esse discurso se relaciona com aspectos que são constitutivos do sujeito — e assim da sociedade —, ou seja, como não é possível falar de uma fantasia ideológica que não tenha profunda relação com aspectos fundamentais da subjetivação e o papel do desejo e das relações identificação na delimitação da experiência e ação política.

Sumário

1. Introdução.....	1
1.1 Objetivos.....	2
1.2 Justificativa.....	3
2. Método.....	5
2.1 Procedimento.....	8
2.1.1 Construção do Material.....	8
2.1.2 Análise do Material.....	9
3. Fundamentação Teórica.....	10
3.1 A Direita Alternativa.....	11
3.2 O Judeu.....	16
3.3 O Real.....	18
4. Resultados e Discussão.....	21
4.1 O Real e o Judeu.....	22
4.2 O Judeu na Direita Alternativa.....	26
4.3 O Judeu em Freud.....	30
4.4 Virtualidade, totalidade, exclusão.....	41
5. Considerações Finais.....	53
6. Referências.....	57
7. Apêndice.....	70

No ano de 2017, iniciava-se a mais nova oportunidade para a sociedade globalizada testemunhar a aparente reascensão de algo que ainda insiste-se em considerar superado: movimentos que pregam a superioridade da dita raça branca. Hoje, nos Estados Unidos sobretudo, esse discurso é trazido pelos que se denominam os novos *nacionalistas brancos*, ou a *alt-right* — a direita alternativa. Um marco dos recentes eventos se deu durante as manifestações *Unite the Right*, em gosto daquele ano, na cidade de Charlottesville, quando um integrante de um grupo branco-nacionalista (Williams, 2017; Liautaud, 2017; Davey & Ebner, 2017), avançou sobre contra-manifestantes com seu carro, resultando em alguns feridos e um morto (Wilson, 2017; Katz, 2017) e uma experiência que, por mais que nós que não estivemos lá já tenhamos esquecido, aqueles que a vivenciaram não terão facilidade para esquecer. Menos acanhada que em muito tempo, a *alt-right* permanece e, destacamos, com uma curva de crescimento acentuada e uma capacidade sem precedentes de fazer de seus tópicos a pauta do debate público, e não só nos Estados Unidos.

Uma série de coincidências nos levaram a pensar sobre esses eventos sob o olhar singular da proposta psicanalítica de Lacan e sua apreensão por autores essenciais ao desenvolvimento do braço extra-muros desta, sobretudo Christian Dunker, psicanalista brasileiro, e o filósofo esloveno Slavoj Žižek. Enquanto nossa ideia original foi uma apreensão política desses fatos por via de alguns conceitos-chave de Lacan, a saber o Real e o objeto *a*, ficou claro que o aspecto propriamente psíquico que circunda as dinâmicas investigadas têm papel essencial aqui. Pensando nas múltiplas consequências nacionais e internacionais desse movimento, no que diz respeito a sociedade e o sofrimento psíquico e suas novas gramáticas, adentramos o discurso neonazista proveniente deste movimento, analisando-o em profundidade, com base nas propostas teóricas de análise social psicanalítica

a partir dos conceitos de Real e do objeto *a*, de Lacan, bem como sua relação com elaborações de Freud, da figura histórica e presente do Judeu como descrita pelo neonazismo e outros discursos antissemitas. Desta forma, começaremos falando sobre a (i) Direita Alternativa, movimento político que proporcionou os eventos citados acima; (ii) em seguida definiremos o Real de que falamos; (iii) falaremos sobre a figura do Judeu, em função do discurso em questão; (iv) discorreremos sobre uma apreensão que toma o Judeu como aspecto Real do discurso da Direita Alternativa, principalmente de um grupo neonazista — aqui falamos sobre o aspecto ideológico do discurso; (v) introduziremos algumas contribuições que Freud oferece-nos para tratar deste assunto, dialogando ainda com os conceitos de Lacan, com foco especial no texto *Psicologia das Massas e a Análise do Eu*; (vi) discorreremos sobre os sujeitos que produzem, escutam, reproduzem e, assim, compõem o discurso e o movimento, bem como os contextos que os possibilitam e fortalecem. O propomos a partir do paradigma da Análise do Discurso, com as especificidades da investigação psicanalítica, como formalizada por Orlandi (2006, 2015) e Dunker et al. (2016), de modo a relacionar nossas proposições teóricas com as falas de alguns novos atores desse particular extremo, como se faz em Psicanálise.

1.1 Objetivos

O objetivo deste trabalho foi investigar as articulações entre as posições do Real, do objeto *a* e do Judeu no discurso neonazista da *alt-right*, o novo lar da supremacia branca nos Estados Unidos, como proferido por Christopher Cantwell, Andrew Anglin e colegas do site *The Daily Stormer*. Em segundo lugar, explorar as consequências e relações dessas articulações com: (i) o seu contexto social, político e cultural; (ii) as modalidades de sofrimento psíquico que produzem, permeiam e advêm de tal discurso; (iii) a teoria psicanalítica e a proposta de investigação e produção de conhecimento da psicanálise em extensão; (iv) os processos ideológicos e dinâmicas discursivas envolvidas.

1.2 Justificativa

A análise dos discursos antissemitas sob a proposta e os conceitos de Lacan — conceitos que tratam de coisas que não são exclusivas ao neonazista, este é o ponto — nos pareceu promissora por se articulam muito bem com o cenário e o discurso apresentado, como ficou claro no decorrer da pesquisa demonstrar ao longo da fundamentação teórica. A recorrência de tais discursos nos indaga e pensamos que a psicanálise oferece, também, a possibilidade de exploração no que concerne a esse aspecto da questão. Além disso, a análise do nazismo a partir do nazista deu bons frutos em eventos anteriores, como demonstrado, por exemplo, por Arendt (1963), Sartre (1945) e Žižek (1992b, 2009), que trouxeram à luz elucidações que se encontravam em pontos cegos de outras perspectivas. Entendemos que os atuais discursos carecem de uma análise desta natureza, senão a continuada por Žižek (2017), que, de todo modo, não abrange boa parte da discussão trazida aqui.

O evento da direita alternativa é fundamentalmente racista, fonte recorrente e direta de sofrimento psíquico em uma infinidade de âmbitos, isso se ignorarmos os seus resultados sistêmicos, retornos reais, políticos e sociais, da desigualdade, à segregação, ao, realmente e naturalmente cogitado (MacCarthy, 2017), genocídio. As dinâmicas psíquicas de quem adere a esse tipo de movimento, voluntário ou involuntário, antes ou depois de se filiarem, nos pareceram dignas de maior esclarecimento. Tais dinâmicas são prejudiciais não somente ao outro, mas àqueles que se vêm parte do movimento, sobretudo ao considerarmos os mecanismos ideológicos e identitários muitas vezes envolvidos nestes, que se expressam, por exemplo, na proposta de orgulho branco, ou no entendimento de que não há racismo, ou no de que não houve holocausto. Ainda nesse âmbito, os discursos proferidos dentro da *alt-right* são de uma sorte, às vezes, extremamente sutil, capciosa, de tal forma que suas proposições se agregam, em um bom número de ocorrências, ao fantasma do próprio alvo de seus racismos ou outros ódios (e.g. um negro que critica movimentos como *black lives matter*, sob

o argumento de que o racismo sistêmico não mais existe; ou um que admite sua biológica inferioridade intelectual).

A ocorrência da *alt-right* representa, fundamentadamente, o aumento no número de sujeitos e grupos promotores desses discursos de ódio nos EUA (Potok, 2017), ou ao menos sua publicidade, sobretudo de 2015 até o presente momento, e com suas contra-partes continentais igualmente ativas, como manifestações branco-nacionalistas na Europa, da Alemanha à Polônia — como as dos grupos Die Rechte e Młodzież Wszechpolska, presentes em grandes manifestações nacionalistas durante 2017 (Bishop, 2016; Musial, 2017) —; e o crescimento dos partidos de extrema-direita europeus, no mínimo segregacionistas, ambos caracterizados por um notado populismo (Zizek, 2017) que tem, também, argumentáveis semelhanças com o panorama brasileiro (cf. Dunker, 2017; Rivera, 2018). Para além da semelhança política, sublinhamos que os discursos exclusivamente pautados no ódio, à diferença em geral, são núcleo de diversas comunidades virtuais no Brasil, com significativos números de simpatizantes, como a do fórum *Anti Nova Ordem Mundial*¹, com 52 mil seguidores no *facebook*, que, mesmo não sendo neonazista, é recheado de *posts* sobre o “Problema Judeu”. Não obstante, comunidades exclusivas do neonazismo também não são incomuns no país, grupos cuja atuação na internet cresceu durante a passagem de 2016 para 2017, segundo informações da Delegacia de Repressão aos Crimes Raciais e Delitos de Intolerância da Polícia Civil de São Paulo, que volta e meia inspiram violência fora da rede (Kawaguti, 2017; Soprana, 2017).

Ademais, acreditamos ser essencial, teórica e praticamente, desenvolver as ideias de Zizek (1992b, 2009) a respeito do Judeu e o objeto da ideologia, que se embasaram sobretudo nos modelos teóricos de Lacan. As questões por estas propostas são de imensa importância para melhor compreensão da ideologia e, tratando-se de uma ideologia, a nosso ver,

¹ Disponível em: <http://forum.antinovaordemmundial.com/>

extremamente destrutiva, que retorna com uma notória força na contemporaneidade, nos parece obrigatório que atualizemos a leitura de Žižek às novas expressões desse velho fantasma.

Dado esse contexto e sua articulação com a Psicanálise de Lacan, elaborada num primeiro momento por Žižek, a ser melhor evidenciado na fundamentação teórica, as seguintes perguntas motivaram este projeto de pesquisa: De que forma se expressa a relação entre o Real e o Judeu nos novos discursos neonazistas? E, desta forma, como o neonazista se relaciona com o seu Real, ou melhor, como essa relação se mostra no discurso? Qual destino exatamente o neonazista pretende dar ao Judeu ou ao Real, e o que fazer com isso?

2. Método

Este trabalho buscou investigar um discurso a partir de conceitos basilares da teoria psicanalítica de Lacan com o objetivo de não somente analisar o discurso, mas desenvolver possibilidades conceituais e teóricas a respeito desses conceitos. Desta forma, como recorrente na pesquisa em Psicanálise (Rosa & Domingues, 2010), trata-se de uma pesquisa simultaneamente aplicada (psicanálise em extensão) e de base (psicanálise clínica)², de abordagem qualitativa e natureza exploratória. Para tal, foi empregada predominantemente a estratégia metodológica da *análise psicanalítica do discurso* e a constante atualização do suporte bibliográfico do trabalho a fim de possibilitar uma análise ampla e nunca definitiva.

Introdutoriamente, em nossa fundamentação, utilizamos também do “trabalho do conceito” como denominado por Canguilhem (1963; tradução nossa), que consiste em “fazer variar sua extensão e compreensão, generalizá-lo mediante a importação de traços de

² Acerca disso, concordamos com Elia (2000): “Toda e qualquer pesquisa em psicanálise é, assim, necessariamente uma pesquisa clínica, não tanto pelo fato de utilizar como ‘campo’ — campo da pesquisa dita ‘de campo’ — um espaço terapêutico — consultório, ambulatório, hospital ou outro —, modo como normalmente se concebe o caráter indicado pelo atributo ‘clínico’ dado a uma pesquisa. Em psicanálise não há, a rigor, ‘pesquisa de campo’, formulação que pressupõe a existência de outras modalidades de pesquisa, que justamente não seriam ‘de campo’ e sim ‘teóricas’, por exemplo, como se costuma dizer. Na psicanálise, há, isto sim, um ‘campo de pesquisa’, que é o inconsciente, e que inclui o sujeito. Por isso, a clínica, como forma de acesso ao sujeito do inconsciente, é sempre o campo da pesquisa” (p. 23).

exceção, exportá-lo para fora de sua região de origem, tomá-lo como modelo, ou, inversamente, fornecer-lhe um, em resumo, dar-lhe progressivamente a função de uma forma” (1975, apud Lagoas, 2017, p. 21). Este deslocamento do conceito foi essencial para nossa proposta, uma vez que todo o trabalho se desenvolveu a partir de conceitos. Trata-se de, em outros termos, deformar o conceito. Essa deformação está inserida na “epistemologia histórica” de Bachelard (1961, 1978, 1996, 2004, apud Lagoas, 2017), ou “história epistemológica” (Machado, 2006), e advém da proposição fundamental de que o conceito tem de ser analisado em função de (i) a posição dele em dada teoria (i.e. em relação a outros conceitos) e (ii) sua própria função em dada teoria (i. e. para que tal conceito foi introduzido). Pois assim emerge o conceito, ele não é dado de antemão, ele é sempre uma produção (Bachelard, 1996; Neves, 2010).

Quanto à Análise do Discurso (AD), baseamo-nos nas propostas da vertente francesa desta, de Pêcheux a Foucault, mas sempre associada ao método psicanalítico como desenhado por Lacan. A ênfase da análise do discurso está, como método: (i) no contexto do discurso; (ii) na forma de enunciação do discurso; (iii) no sujeito que enuncia o discurso e sua posição no contexto (Lagoas, 2017). O discurso, cabe ressaltar, “é mais que transmissão de informação, é efeito de sentidos entre interlocutores” (Pêcheux, 1969, citado por Orlandi, 2006, p. 14), o material produzido pelas relações (Foucault, 1997, citado por Azevedo, 2013). “Cada realidade se funda e se define por um discurso,” (Lacan, 1973, citado por Dunker et al., 2016, p. 116) e justamente o que pretendemos aqui é apreender tal realidade, seus elementos constitutivos, estrutura e, assim, sua relação com o Real.

Entendemos que a invocação de Pêcheux é importante para a delimitação de nosso método, mesmo que nossa base maior seja a psicanálise. Uma articulação fundamental concerne aos “processos de significação”, essenciais ao entendimento do discurso, que não se dão sem vínculo ao contexto histórico, como propõe Pêcheux, mas também não sem vínculo

aos processos inconscientes, como propõe Freud. Um outro lugar de convergência entre essas escolas é na AD tomada como análise da ideologia (Dunker et al., 2016), que não é diferente do que propomos aqui. Nesse sentido, “a linguagem não é transparente nem àquele que fala, nem àquele que ouve” (Lagoas, 2017, pp. 22-23), e só assim pode se dar tanto a análise, psicanalítica ou não, do discurso, quanto a própria psicanálise.

Consideramos, também, que o universo do discurso não existe: no que diz respeito ao sujeito, e à interação dele com a ideologia, o que há de ser analisado é a fala (Dunker, 2016; Dunker et al., 2016), pois é justamente na fala que se pode identificar as incongruências do discurso, as incongruências entre os papéis de sujeito e autor (Orlandi, 2015). Melhor exposto por Lacan, “a transmissão envolve um estilo, na qual a coisa tratada depende e é covariante com o modo de sua própria exposição” (1966, citado por Dunker et al., 2016, p. 113). Assim, não consideramos o discurso, palavras, nosso objeto último, nem consideramos nossas ferramentas de análise externas aos discursos. Evidentemente, procuramos estabelecer nossos procedimentos com rigor e fundamentados nos modelos teóricos que apresentamos, mas não nos iludimos com a pretensão de uma metalinguagem, o que pode ser considerado um ponto de divergência à proposta de Pêcheux (Dunker et al., 2016). Desse modo, a construção um dispositivo de interpretação implica não no desvelamento de fatos concretos, mas no estabelecimento de fatos discursivos, fatos que dizem respeito tanto ao dispositivo de análise quanto ao discurso em questão. A descrição não está isenta de interpretação, eis o motivo pelo qual não julgamos fazer coleta de dados, mas a construção de um material para análise (Orlandi, 2015).

Há de sublinhar-se que o que propomos aqui é sobretudo psicanálise em extensão — parte da práxis psicanalítica desde Freud —, não no sentido de que não é pesquisa clínica (cf. Elia, 2000), pois nossos métodos, teorias e campo são os da clínica, mas no sentido de que o nosso enfoque é um fenômeno sócio-político e cultural, refletido em um discurso, que excede

as dimensões do divã, mas que surge das dimensões do divã. Entendemos, assim como Roudinesco (1994), que esta é uma forma de repensar “a ordem institucional em função de uma primazia atribuída à ordem teórica” (citada por Rosa & Domingues, 2010, p. 181). Nesse sentido, pode surgir o questionamento sobre a validade de uma pesquisa em psicanálise, ou de uma prática analítica, que não disponha do dispositivo analítico clássico, da transferência ou da associação livre, que levantamos apenas para apresentar a sumária resposta oferecida por Rosa (2004): “O sujeito do inconsciente está presente em todo enunciado, recortando qualquer discurso pela enunciação que o transcende” (p. 342).

2.1 Procedimento

2.1.1 Construção do Material

A construção do material de análise se deu por meio de um levantamento bibliográfico da ocorrência do conceito de Real na obra de Lacan, do Seminário I (1953-54) até o Seminário XIV (1966-67), sob o critério específico de tratar-se do Real como conceituado, e não suas ocorrências adjetivas ou substantivas. No âmbito da AD, o discurso em foco foi dos neonazistas da direita alternativa, majoritariamente advindo de: (i) documentário de curta-metragem *Charlottesville: Race and Terror*, produzido pela *Vice News* (Reeve, 2017); (ii) numa entrevista com Anglin, no canal do youtube *The Reality Calls Show*, por MacCarthy (2017); (iii) numa entrevista de Anglin à *Fox News* (“*Andrew Anglin ABC*”, 2017); (iv) num discurso de Anglin em Londres (2014). Pretendemos a partir de tais produzir um texto, “fato discursivo”, (Orlandi, 2015), que não é somente a transcrição do dito, mas de todas suas nuances — como é dito, à quem e em que situação, e o que sobrou — com enfoque nas falas específicas de Christopher Cantwell, Andrew Anglin e integrantes do seu grupo (*The Daily Stormer*) nos momentos em que falam sobre judeus.

A produção desses textos ocorreu em três etapas. Num primeiro momento, foi transcrito o que é falado, integralmente. No segundo, a transcrição foi complementada com

com objetivo de delinear as dinâmicas enunciativas verbais que acompanham as palavras — como entonação, pausas, e variações de velocidade de enunciação — variando conforme o sujeito. A terceira etapa ficou restrita ao registro em vídeo (apenas Reeve, 2017), no qual delinearíamos dinâmicas de enunciação relativas à expressão corporal que acompanham as palavras, também a critério dos individuais modos discursivos. Em adição, todos os registros estão na língua inglesa e não serão traduzidos antes da análise. A tradução posterior a análise não foi integral, mas apenas dos pontos relevantes à discussão. Tais fatos discursivos estão encontrados no final do relatório na seção *Apêndice*.

2.1.2 Análise do Material

O trabalho do conceito consistiu em, como delimitado por Lagoas (2017): (i) identificar o problema ou o conjunto de problemas que originaram o conceito e (ii) deformar o conceito, “analisando os efeitos de sua relação com a rede conceitual na qual está inserido,” como sua relação com aquilo que é simbólico e aquilo que é imaginário; e “estendendo e forçando seus limites de aplicação,” no sentido de utilizá-lo num contexto que fuja ao pensado por Lacan, como pensá-lo em relação ao Judeu.

Quanto a AD, a ferramenta basilar do nosso “dispositivo de interpretação” (Orlandi, 2015, citado por Lagoas, 2017, p. 23), foram as ferramentas da língua, as próprias metáforas, analogias, aforismos, característicos da proposta lacaniana (Dunker et al., 2016). Além da teoria psicanalítica, amplamente aplicanda. A fim de uma delimitação mais sintética, enumeramos junto a Orlandi (2015) alguns critérios-chave da análise. No nível material: a descontinuidade, a contradição, a dispersão, a falta, o equívoco; no nível representativo: a coerência, a unidade, a completude, a clareza. Estes critérios se relacionam intimamente com a relação discursiva, estabelecida por Pêcheux, no que se refere aos papéis de autor e sujeito, texto e discurso, e ao mesmo tempo em substancial consonância com a proposta de Lacan tanto no que fala do discurso quanto no que fala da constituição do sujeito. Como

excepcionalmente assinalado por Orlandi (2015), o discurso se constitui da mesma forma que o sujeito em Lacan, na articulação descompassada entre o domínio do real e domínio do imaginário. Sem essa articulação não há possibilidade de análise.

A identificação dos indicadores textuais-discursivos relativos a estes critérios, por sua vez, balizaram a análise macroscópica do discurso. Mais propriamente, esse nível da análise buscou no discurso as seguintes, mais amplas, diretrizes: (i) suas qualidades formais, a posição do sujeito em tal e aos significantes mestres que o organizam; (ii) seus modos representativos, elementos de repetição, relações metafóricas e metonímicas; (iii) a estrutura de ficção preponderante; (iv) a forma como se resolve a relação entre modo de exposição e o conteúdo afirmado ou negado; (v) a forma com que lida com sua impossibilidade estrutural (Parker, 2005, citado por Dunker et al., 2016).

De fato, essas diretrizes obtêm muito mais concretude quando alimentadas com um discurso a servir de base, o que está amplamente colocado na seções *Fundamentação Teórica* e *Discussão e Resultados*. Ainda que a nossa proposta inicial tenha sido trabalhar em torno da articulação entre a figura do judeu e os conceitos de Real e objeto *a*, tema em que consiste a maior parte do relatório, a análise abordou um maior número de conceitos e pressupostos teóricos. Em especial, promovemos alguns desenvolvimentos a partir de Freud e a *Psicologia das Massas* em sua relação não só com o discurso neonazista, mas com o próprio objeto *a* e o Real em Lacan, além de abarcar alguns importantes autores da Teoria Crítica além de Zizek — como Erich Fromm, William Reich e Vladimir Safatle —, procurando inserir nossas proposições num contexto mais amplo de pesquisa em Psicanálise extramuros na investigação do fenômeno do autoritarismo/fascismo.

3. Fundamentação teórica

Os seguintes parágrafos são essenciais para a compreensão dos nossos resultados a serem apresentados posteriormente, são parte integral da nossa pesquisa, e apresentam

desenvolvimentos teóricos complementares ao que propomos na discussão. Tratamos aqui da definição da direita alternativa, da definição do Real, e proposição teórica da nossa hipótese central, a saber, a articulação entre objeto *a* e o Judeu neonazista. Especialmente, adicionamos à nossa fundamentação elementos advindos de nossa análise do discurso com o objetivo de tornar nossas bases teóricas e conceitos já articulados ao nosso objeto, articulação que é um dos objetivos centrais da pesquisa.

3.1 A Direita Alternativa

Definir a direita alternativa, a *alt-right*, não é tarefa fácil. São muitos os discursos, grupos, vertentes, que propõem variações de um projeto que por vezes parecem substancialmente distintas. Argumentamos, contudo, que nas bases dos diferentes discursos se encontra um mesmo fantasma, que será melhor explicitado ao longo deste artigo, Lyons (2017) coloca alguns pontos de convergência dos discursos da direita alternativa norte-americana: a crença de que certas pessoas são inerentemente superiores a outras; uma presença e interesse específicos em certos elementos da cultura online; uma autodescrição de novidade e irreverência; nacionalismo; misoginia; antissemitismo; autoritarismo. Uma outra definição nos é apresentada pelo editor-chefe do site neonazista *The Daily Stormer*. Anglin (2016) conta que o cerne da causa alt-right está na problemática da “exterminação dos brancos” que vem se dando pela imigração em massa aos países brancos que estaria associada a uma “ideologia liberal corrosiva de auto-ódio dos brancos, e que os Judeus estão no centro dessa agenda” (p. 1; tradução nossa). Dentre as diversas informações trazidas no texto de Anglin, algumas nos chamam mais atenção, inclusive em certa consonância com o trazido por Lyons (2017). Um ponto é a asserção de que essa nova expressão branco-nacionalista foi possibilitada pelo advento das redes sociais e da “cultura troll”. Sobre esse isso, o discurso de Anglin (2016) é intrigante:

Algumas das formas com quais o movimento se apresenta podem ser confusas para a população geral, dada a quantidade de ironia envolvida. A quantidade de humor e vulgaridade confunde as pessoas. A verdadeira natureza do movimento, contudo, é séria e idealista.

Outro é quando Anglin fala sobre o movimento como a união de diversas facções da supremacia, antes fragmentada, que só puderam se juntar³ e formar a *alt-right*⁴ ao se encontrarem na figura de Donald Trump, o “nexo de tudo” (Anglin, 2016, 2019). Lyons (2017) ressalta, no entanto, que o movimento já se dava há muito da candidatura de Trump, e que ele apenas tornara parte do movimento mais público, além de defender que relação entre Trump e tais grupos é “muito mais complexa e qualificada do que muitos críticos percebem” (p. 2, tradução nossa). Um último ponto que evidenciamos é a denominada “Questão Judia”, ou o “Problema Judeu”, que será melhor explorada à frente, mas que consiste basicamente na extensão da ideia de que no cerne da suposta extinção branca está o Judeu, feita em uma série de argumentos, como o de que:

O Holocausto Judeu é [...] a fundação sobre a qual o sistema moderno de culpa Branca foi construído, utilizado pelo sistema, dominado pelos judeus, como um taco a esmagar os crânios de qualquer um que se atrevesse a levantar e dizer que os Brancos têm o direito de mandar nos seus próprios países. (Anglin, 2016; tradução nossa)

O discurso branco-nacionalista da direita alternativa é em diferentes formas supremacista. Enquanto há explícita menção ao Judeu, principalmente no neonazismo, o discurso é pelo branco, ou pelo não ao não-branco, essencialmente xenofóbico, mas acima de tudo racista. Definamos, desta forma: a direita alternativa é composta por supremacistas

³ É difícil identificar as fronteiras entre esses grupos. Davey e Ebner (2017) argumentam, nesse âmbito, que “há evidência de que grupos tenham ignorado certas diferenças ideológicas pela causa oportuna de colaboração e propósitos promocionais, enquanto o alcançar dos objetivos é priorizado” (p. 28; tradução nossa). Ainda, “não existe ‘o neonazista’. Existem grupos, às dezenas, que rompem com suas células de origem, ou surgem por outras ‘descobertas’, diferentes entre si, com alguns elementos em comum, e diferenças que marcam lugares, posições, distinções” (Dias, 2018, p. 170). Com efeito, quando falamos em neonazista ou antissemite, nos referimos aos personagens que citamos ao longo deste trabalho.

⁴ A popularização da denominação Direita Alternativa data de 2010, com a fundação do site *AlternativeRight.com*, por Richard Spencer (Lyons, 2017). Contudo, os grupos que integram a *alt-right* datam de antes: o Ku Klux Klan, por exemplo, com um a história complexa e com diferentes vertentes em si, remonta à América Confederada da década de 60 (Bullard, 1998; Martinez, 2007); enquanto a origem do neonazismo é praticamente simultânea ao fim do Terceiro Reich (Bergmann, 1997), tem seu início na própria Alemanha, e se tornou um conglomerado internacional de diferentes franquias, incluindo as estadunidenses a partir da década de 50 (Goodrick-Clarke, 2003).

brancos. Independentemente da não especificidade de alguns grupos quanto à superioridade do branco, a supremacia do branco é parte necessária da direita alternativa. Dito isso, lembramos que o discurso branco-nacionalista em muitas vezes não se caracteriza diretamente pelo discurso abertamente supremacista. Leonardo (2004), nesse âmbito, acrescenta que:

[Pensamentos racistas brancos não tem corpo, são onipresentes mas não pertencem a ninguém. Os ensinamentos, lições de vida e valores branco-racistas são representadas como ações exercidas [no] e passadas ao sujeito branco, quase sem que ele perceba, e não como algo em que ele investe.

Por fim, não é só do domínio de grupos branco-supremacistas. É, na verdade, do domínio de pessoas médias, tolerantes, amantes da diversidade, e crentes da justiça. (p.143; tradução nossa).

Cardoso (2010) identifica nesse processo o que chama de branquitude acrítica, em contraste à branquitude crítica, propondo diferenciar, respectivamente, (i) aquilo que discorre sobre a identidade branca (ii) daquilo que discorre sobre a superioridade branca. Sublinhamos esse ponto, pois o discurso branco-nacionalista, acrítico, por muitas vezes se mistura, se dissolve, em argumentos em quais se apresenta como crítico, ou simples expressão de orgulho, de celebração da branquitude, da identidade racial branca e, inseparavelmente, de exacerbação nacionalista. Identidade essa que é central ao discurso em questão.

Exemplificamos com um trecho de um texto de Spraegeer (2016), publicado no portal

AlternativeRight.com:

Aspirar implementar um sistema moral, incluindo, mas não limitando-se a, o sistema do Marxismo Cultural atualmente sendo implementado no Mundo Ocidental, até os menores e mais triviais e privados aspectos, até o nível das preferências pessoais, palavras, livre associação, escolha do consumidor, valores políticos etc. é em si a fonte do totalitarismo. A Direita Alternativa só existe porque a própria direita parece não ser capaz de enfrentar essa mãe-de-todos-os-problemas, e por conta disso ela não poderá de modo algum salvar a América *ou qualquer coisa digna [Worth] de salvamento na América, incluindo, mas não limitando-se à raça que a fundou e construiu.* (p. 1; grifo nosso, tradução nossa)⁵

⁵ Há bastante ambiguidade aqui. Equivale-se, por exemplo, a “América” a “qualquer coisa digna de salvamento na América”. Além de já tratar-se de uma falsa equivalência, essa “dignidade” (*worth*) pode se referir a coisas distintas, que podem alterar completamente a mensagem da asserção — pode se referir a uma etnia, mas pode expressar também apenas algum aspecto negativo da sociedade americana; pode expressar tanto o judeu, ou o negro, quanto o desemprego. Além de isentar-se da acusação de retórica racista, o antissemita introduz aqui

De todo modo, a maioria dos discursos branco-nacionalistas é explicitamente preconceituosa, e muito semelhante ao discurso neonazista. Caracterizemos brevemente o neonazismo, ao qual daremos maior enfoque no presente trabalho. O neonazismo remonta ao Partido Nacional Socialista Alemão, surge após o fim da Segunda Guerra Mundial, na própria Alemanha, e aparece nos Estados Unidos em 1950 (Bergmann, 1997; Goodrick-Clarke, 2003). A doutrina neonazista é essencialmente a doutrina nazista. Da complexa ideologia do nazismo, apontamos os seguintes pontos: o ultranacionalismo associado ao racialismo, postulando a superioridade da “raça ariana”; proposta de higienização étnica; condenação dos homossexuais, judeus e estrangeiros; a caracterização do papel provedor ao homem e doméstico à mulher; oposição ao comunismo; autoritarismo político (Stackelberg, 2007).

Algumas características mais próprias do neonazismo: a negação do holocausto (Butz, 1985); racialismo mais esotérico e menos biológico (Goodrick-Clarke, 2000, 2003), em relação ao que fora o discurso nazista; a cultura de humor absurdo; anti-feminismo e machismo, demonstrado no que os neonazistas e a direita alternativa chamam de “manosphere” (machosfera; tradução nossa); misoginia, homofobia e a restauração da família; o apego pela Primeira Emenda; o apego a Trump; o apego ao Sionismo; a premissa do anti-terrorismo imigrante; a premissa da anti-dominância-mundial-judia; autoritarismo e incitação direta à violência (Anglin, 2016; Davey & Ebner, 2017; Lyons, 2017; Reeve, 2017).

A alt-right não é composta apenas por neonazistas, sublinhamos, assim como o neonazismo não se insere por completo na alt-right, sobretudo ao considerar-se a variedade de grupos (Davey & Ebner, 2017). Não obstante, os preceitos neonazistas são em grande

também a confusão entre o suposto problema étnico e o problema econômico, por exemplo, e o faz aludindo à dignidade, valor, merecimento. Se o ouvinte inclina-se ao antissemitismo, a fala de Sprager (2016) aponta para o judeu, se não o for, aponta somente para o desemprego. A mesma ambiguidade é visível quando o autor fala que o que há de ser salvo “inclui” a “raça que construiu a América”, mas que não se limita a isto — a interpretação aqui pode muito bem ser a inclusão de outras “raças” ou pessoas no grupo das coisas “dignas de salvamento”, assim como pode referir-se a qualquer outra coisa. Ao mesmo tempo, o autor diz, com todas as letras, que “a imposição um sistema moral [...] é em si a fonte do totalitarismo”.

parte os preceitos da alt-right, vice-versa. Acrescentamos também que esses esforços iniciais para a compreensão dessa nova iteração neonazista suscitaram alguns questionamentos acerca da inscrição do movimento neonazista da alt-right tanto no discurso nazista original quanto naqueles dos próprios grupos neonazistas americanos em sua forma mais usual, caracterizando assim uma sorte de novo neonazismo⁶, essa distinção diz respeito sobretudo aos aspectos virtuais — às redes sociais e os diversos fenômenos associados —, massivamente presentes e essenciais ao fenômeno da alt-right como um todo, incluindo os grupos neonazistas e o *Daily Stormer*, que nos serve de base neste trabalho. Enquanto essa distinção se faz essencial para uma compreensão mais ampla do movimento político, não a abordaremos a fundo no contexto deste artigo. Todavia, essa virtualidade, talvez chave para a referida distinção, vai além daquilo que remete à internet ou ao smartphone. O virtual, como aquilo que não é real, mas ainda assim visível, efetivo, é essencial para o conceito de fantasia na Psicanálise. E a fantasia, por sua vez, é essencial para a compreensão do neonazismo. O argumento, na verdade, é exatamente esse — não importa a “realidade” de uma fantasia para que ela tenha efeito, efeito esse que é efeito de verdade, Real⁷. Um dos associados do *Daily Stormer* convenientemente nos traz a pista de que essa reflexão ultrapassa o campo psicanalítico. Ele nos diz, durante as manifestações “Unite the Right”⁸, que eles, a Direita Alternativa, estão ali “saindo da internet”⁹ (Reeve, 2017). Essa emergência do Real na experiência política contemporânea é o que motivou a nossa investigação. Contudo, ao

⁶ Ainda que não descreva exatamente o fenômeno que vemos aqui, Dias (2007) identifica aqui a distinção entre o “neo-teutonismo” e o neonazismo, ao constatar que esse novo antisemita, mais anacronista que nunca, não se vê descendente do povo alemão, uma vez que em grande parte não o é, mas fala agora numa nova versão da preconizada raça ariana, que passa a designar uma compreensão supranacional dessa raça, em que se perde o teutonismo, mas mantém-se o patriotismo, que assim se volta para uma “nação” ainda mais fantasmática — ironicamente, é uma versão globalizada do ariano. Em outro momento, a autora nos lembra que, sobretudo nos Estados Unidos, mas também no Brasil, permanece por trás do neonazista uma percepção de ancestralidade germânica (biológica, espiritual e racial) que tem pouco respaldo histórico, mas grande prevalência na população geral de ambos os países (Dias, 2008).

⁷ Grafamos como “Real” o conceito psicanalítico, em desambiguação a “real”.

⁸ Discorreremos mais sobre as manifestações na seção “O Judeu na Direita Alternativa”.

⁹ Muito interessantemente, ele utiliza a locução “step off” (Reeve, 2017), que remete à ação física de sair, descer, pisar fora.

contrário do que poderia crer-se em outro contexto, a caravana do *Daily Stormer* não é Real no sentido que lhe dá Lacan. O Real neonazista está, na verdade, bem mais próximo do Judeu.

3.2 O Judeu

O Judeu é o pilar central da ideologia neonazista. Retirar o Judeu da sociedade branca resolveria, literalmente, todos os problemas desta (Anglin, 2016). Argumentam que: o Judeu está por trás de uma série de movimentos intelectuais, como a Escola de Frankfurt, ou a própria psicanálise, mas sobre tudo o pós-modernismo e o multiculturalismo, movimentos que como um todo teriam colocado em questão as fundações morais, políticas e econômicas da sociedade ocidental — contrárias àquelas dos judeus —, projeto que visou e visa a descrição de uma utopia, usando de “um nível muito alto de sofisticação teórica” cujo objetivo sempre fora o estabelecimento dos interesses dos judeus (MacDonald, 1998)¹⁰. O racismo e o holocausto, por exemplo, são criações dessa elite intelectual judia. Nesse sentido, exponho o curioso argumento de MacDonald (1998):

Freud enxergava a superioridade ética, intelectual e espiritual dos judeus como geneticamente determinadas, e que os gentios eram geneticamente predispostos à brutalidade e a serem escravos de seus instintos. (p. 148, tradução nossa).

O autor, inclusive, aponta os dados que comprovam, em sua visão, a superioridade intelectual do Judeu, apresentados em um outro livro de sua autoria cujo objetivo é basicamente o de estabelecer os supostos traços superiores do Judeus e explicá-los por meio da psicologia evolutiva numa jornada neo-darwiniana em que sua tese principal é a de que

¹⁰ Kevin MacDonald é referido no *The Daily Stormer*, por Anglin (2016) e Duke (2015), como um dos “principais intelectuais do nosso movimento” [neonazista, *alt-right*] (p. 1; tradução nossa). Enquanto seu discurso é de tom moderado no percurso de sua obra, obra essa de estrutura excepcionalmente *científica*, alguns trechos demonstram nitidamente sua visão política, como: “The movement toward ethnic separatism is of considerable interest from an evolutionary point of view” (1998, p. 307).

essa superioridade fora construída por meio de técnicas de seleção eugênica e práticas evolutivamente seletivas dos próprios judeus (MacDonald, 1994).

Para efeito de esclarecimento, Pinker (2000), também um psicólogo evolutivo, em uma carta pública à revista *Slate*, nos lembra que:

As várias teses de MacDonald, ainda que passíveis de debate científico, se somam numa representação consistentemente depreciativa dos judeus, expressadas com uma linguagem disparatada e carregada de julgamentos de valor. É impossível evitar a impressão de que não trata-se de uma hipótese científica ordinária. (p.1; tradução nossa).

E que:

A Human Behavior and Evolution Society nunca recebeu bem as ideias de MacDonald. O seu periódico revisado por pares nunca publicou as teorias dele (p. 1; tradução nossa).

Além do que diz respeito ao intelectual, argumentam sobre a discrepância de poder econômico e político, com um embasamento estatístico intimidante, entre os judeus e os gentios na América atual (MacDonald, 1998) e, assim, sobre como os judeus estão por trás de, e controlam, dentre outros, a imigração em massa, o feminismo, a mídia tradicional, *Hollywood*, a pornografia, o sistema global de bancos, o comunismo global, a agenda política dos homossexuais, as guerras no Oriente Médio e “virtualmente tudo o que a *alt-right* se opõe a” (Anglin, 2016, p.1; tradução nossa).

O Judeu, sob um olhar menos ideológico, é simplesmente aquele que segue a doutrina judia e/ou se vê parte da comunidade judia e/ou é descendente de judeus, da Judeia ou de Israel. Na visão da maioria dos judeus praticantes, nos Estados Unidos, o Judaísmo é mais uma questão ancestral e cultural que religiosa (Pew Research Center, 2013). Nesse âmbito, há de se diferenciar o judaísmo étnico do judaísmo religioso, por mais sutil que seja a diferença. O judeu étnico o é em respeito a questões culturais, históricas, e tem um forte sentimento de fazer parte de uma comunidade, enquanto o judeu religioso não mais que associa, ao

programa étnico, uma visão de mundo e uma forma de viver baseadas no Torá, na tradição religiosa (Neusner, 2006). Nesse sentido, é comum tanto que: um judeu (étnico) se veja como e seja parte da comunidade judia, mesmo que não siga o modo de vida, as práticas religiosas, ou que sequer tenha a crença religiosa; quanto que um judeu (étnico) pratique um religião outra que o Judaísmo; assim como, no contexto mais atual, que gentios adotem dada religião, ou talvez até apenas o modo vida, tornando-se parte da comunidade.

Questões históricas referentes ao povo judeu serão apresentadas mais à frente, na sessão *O real e o judeu*.

3.3 O Real

O Real compõe, junto ao Imaginário¹¹ e o Simbólico¹², o ternário dos registros essenciais da realidade humana, os três grandes termos (Lacan, 1953, 1953-54). Propomos, junto a Lagoas (2016) e Chaves (2006, 2009), uma série de trechos da obra de Lacan, sobretudo do Seminário, e algumas elucidacões sobre, que podem servir de entendimento para o movimento genealógico, até o Seminário XIV, do conceito de Real.

Num primeiro momento, o Real está próximo do que entende-se por realidade (Chaves, 2006): “o que é percebido como tal, é o que resiste absolutamente à simbolização” (Lacan, 1953-54, apud Lagoas, 2016, p. 162). Se trata de um “real primitivo, um real não-simbolizado” (Lacan, 1953-54, p. 74), indicando que a apreensão do Real não é somente, a apreensão do que não pode ser simbolizado, mas do que antecede a simbolização. Nesse

¹¹ Citamos Chaves (2006, p. 162): “Segundo Cesarotto (2005), o imaginário pode ser concebido de duas maneiras: a primeira, refere-se ‘à ilusão de autonomia da consciência’ e a segunda, diz respeito às representações, às imagens, ‘matérias-primas das identificações’ (p.25). Na teoria freudiana, o Imaginário corresponde ao campo do narcisismo, ‘compreendendo a etapa intermediária entre o auto-erotismo, e as relações objetais da libido’ (p.25).”

¹² Citamos Chaves (2006, p. 162): “De acordo com Cesarotto (2005), ‘o registro do simbólico tem, na linguagem, sua expressão mais concreta, regendo o sujeito do inconsciente’ (p.25). Acrescenta Cesarotto (2005) que ‘nos trabalhos de Freud, a importância do simbólico pode ser encontrada nos textos que ilustram o funcionamento do inconsciente, onde a casuística prova a maneira como é estruturado, mas também naqueles outros que discorrem sobre o Complexo de Édipo, por ser a função do pai ligada a esse registro’ (p.25).”

mesmo Seminário, Lacan sugere que o Real está sempre no “plano de fundo”, “excluído” (Lacan, 1953-54, apud Lagoas, 2016, p. 162), em consonância ao texto de 1953, no qual o Real é aquilo que nos escapa (Chaves, 2006, p. 162).

No Seminário II, o Real é “absolutamente sem fissuras” (Lacan, 1954-55, apud Lagoas, 2016, p. 162), e “só se vai ao real pelo simbólico” (Chaves, 2009, p. 42). No seminário seguinte, o que é recusado pelo simbólico reaparece, ressurge no Real (Lacan, 1955-56), enquanto no Seminário IV introduz-se a concepção fundamental da falta do objeto, como ponto essencial da experiência psicanalítica, complementando o Real sem fissura, no sentido de que há de se inserir na plenitude do Real um objeto simbólico que lhe faça um furo, a “ausência real” (Lacan, 1956-57, p. 37; Lagoas, 2016), e, nesse sentido, “quando se busca a origem de toda a dialética analítica na ausência da trindade dos termos simbólico, imaginário e real, só se pode, afinal de contas, referir-se ao real” (Lacan, 1956-57, p. 29).

No Seminário VI, o Real é, em certa oposição ao afirmado no Seminário II, feito de cortes (Chaves, 2006). No Seminário seguinte, Lacan estabelece a relação entre o Real e a Coisa freudiana: *das Ding* é — além daquilo que nos é semelhante, o outro, imaginário (Chaves, 2006; Dunker, 2016a; Lacan, 1966) — aquilo que nos é inominável, o Outro absoluto do sujeito, que constituirá precisamente o objeto perdido, que procuramos incessantemente. O Real (*da Coisa*) é, assim, em seu revestimento simbólico, o vazio, o impossível (Chaves, 2006; Lagoas, 2016; Lacan, 1959-60), e por se tratar justamente *da Coisa*, a mãe, “a causa da paixão humana mais fundamental” (Lacan, 1959-60, apud Lagoas, 2016, p. 162), o Real, assim como no Seminário III, é aquilo que retorna sempre ao mesmo lugar (Chaves, 2006, 2009; Lacan, 1955-56, 1959-60).

Pulemos ao Seminário XI, no qual introduz-se o objeto *a*, tomando agora a companhia de Quinet (1997) e Dunker (2014, 2016a, 2016b) em nossa tentativa de delimitar o Real lacaniano. Lacan (1964) introduz o objeto *a* utilizando como exemplo o olhar. Há o olho, que

pertence à ordem do Imaginário e é visível, e há o olhar, pertencente à ordem do Real, invisível. A elucidação fundamental é que o olho não é causa do desejo, mas o olhar. Assim, “o objeto *a* é oculto pela imagem do outro, e isso é necessário para que meu semelhante possa despertar o meu desejo. Trata-se de uma condição necessária, porque o objeto *a* é a causa do desejo” (Quinet, 1997, p. 156). Disso extrai-se que as pulsões pertencem à ordem do Real, e extrai-se também que o Real não é apenas o impossível, mas o impossível de se suportar, no sentido de que o objeto *a* é algo que falta à consciência, que não se pode ver ou alcançar, mas que ainda assim *é* algo, e justamente o algo que causa o desejo (ibid.), e assim se faz sempre presente. O objeto *a*, assim como o Real, resta: “O que me determina fundamentalmente no visível é o olhar que está do lado de fora” (Lacan, 1964, apud Lagoas, 2016, p. 165).

Na Lógica do Fantasma, encontramos uma articulação de grande serviço a nossa proposta. Dunker (2016b), sobre uma passagem bem específica do Seminário XIV, entende que “o objeto *a* seria importante para a crítica da experiência histórica do totalitarismo, uma realidade histórica como montagem do simbólico e do imaginário,” o que de fato é dito por Lacan (1966-67), que ainda enuncia que o termo totalitarismo é um denominação em si absurda. O fantasma é precisamente essa montagem do Simbólico e o Imaginário (Dunker, 2016b), “essa superfície primordial que nos é precisa para fazer funcionar nossa articulação lógica” (Lacan, 1966-67, p. 16). O Real, então, é o que há de ser excluído para que se sustente o fantasma (Dunker, 2014, 2016b). Nesse sentido, Lacan ainda nos diz que o Real não pode ser mais que entrevisto, e que só o entrevemos quando falha a “máscara do fantasma” (1966-67, p. 19). O totalitarismo, ou experiência totalitária, é excelente metáfora de ponto essencial da constituição do desejo, e do Sujeito, apresentada anteriormente por Lacan (1957-58; 1958-59): a fórmula do fantasma, $\$ \diamond a$, em que o objeto *a*, estrangeiro, e o Real, do qual o objeto *a* é parte, são encobertos pela articulação entre Simbólico e Imaginário (Dunker, 2016b). No entendimento de Žižek (1992a): “The ‘reality’ obtains its consistency

only by means of the ‘black hole’ in its center, by the exclusion of the real” (p. 14). Resta algo, real, à fantasmática totalidade totalitária.

O Real delineado até esse ponto é suficiente para esta análise. Enquanto muitas das informações acima colocadas serão de relevância quando tratarmos do Real em questão, nos interessa uma pequena síntese do percurso do Real. O Real primeiro do trabalho de Lacan é o Real primitivo, do ser mítico, pré-simbólico. O Real segundo é aquele da falta, interrompido pela constituição do sujeito ao entrar na linguagem. O Real terceiro é o Real da presença, do excesso promovido pela interface do objeto *a* em nossa realidade, nosso fantasma.

Acrescentamos também que, enquanto de fato estas exemplifiquem uma certa cronologia do entendimento de Lacan sobre o Real, consideramos essas três concepções do Real não excludentes. Todo Real é impossível, inominável e sempre-retornante.

Por fim, expomos algumas propostas de apreensão do objeto *a* trazidas por Žižek (2013). Quatro são os movimentos do objeto *a* apontados por Žižek, simultâneos ao nosso ver. O objeto *a* como ponto de impossibilidade provoca sua *subtração* da realidade, dando-lhe consistência. O objeto *a* engendra, também, sua própria *protração*, quando sublimado, de maneira distorcida, a uma figura específica que sempre retorna. Num terceiro momento, o objeto *a* é *obstrução*, no sentido de que é o obstáculo que sempre nos impede de alcançar nossos objetivos. E no final, caracteriza-se pela *destruição*, que resulta no colapso da própria realidade: “quando é destituído do excesso, o sujeito perde de vez aquilo com relação a que o excesso é excesso” (Žižek, 2013, p. 375). Lembramos também que o objeto *a* é, ainda nesse movimento, o objeto causa-de-desejo (Lacan, 1964).

4. Resultados e discussão

Ressaltamos que o objeto da pesquisa tem pouco potencial para uma exposição breve do encontrado, em especial falando-se de um resultado ou um veredito em relação a hipótese geral do trabalho. Como apresentado em nosso projeto, a proposta é eminentemente

exploratória, de modo que a resposta às perguntas de pesquisa se encontram distribuídas por todo esse relatório e o resultado da pesquisa é a discussão apresentada nessa seção — assim como o apresentado na seção *Fundamentação Teórica*. Sublinhamos que o principal proveito a ser encontrado no tipo de pesquisa que empreendemos e apresentamos é a ampliação dos modos de compreensão do fenômeno do neonazismo contemporâneo e a *alt-right* e também de como a teoria psicanalítica se sustenta no projeto, já presente em Lacan (Safatle, 2020), de análise política.

4.1 O Real e o Judeu

Os judeus se recusaram a aceitar que Jesus tenha sido o verdadeiro Cristo. Não suficiente, os judeus mataram Jesus (Beller, 2007). Nos parece coerente que este entendimento tenha servido de justificativa, se não de verdadeiro motivo, para um cristianismo que por muito tempo pregasse o anti-judaísmo (ibid.). Os Judeus, por outro lado, tinham de ser mantidos em Jerusalém, pois tinham de testemunhar a volta de Cristo e, ainda mais importante, porque eram o povo escolhido por Deus. Ora, o próprio Jesus era judeu¹³. No âmago da Igreja Cristã, havia de permanecer o Judeu. Não nos deparamos, no entanto, com esse tipo de argumentação nos discursos antissemitas de nosso tempo, apesar de encontrá-la no nazismo original. Poderia ser o anti-judaísmo cristão a fonte obscurecida do ódio ao Judeu que se mostrara tão fortemente do Século XIX até os tempos atuais?

A história dos judeus, de um ponto de vista menos bíblico, é caracterizada por uma série de exílios e migrações, diásporas (Topel, 2015), que levaram um povo, com forte sentimento de unidade (Neusner, 2006), a terras estranhas, habitadas e governadas por outros povos. Igualmente, Israel fora dominada por diversos outros povos em diversos momentos

¹³ Parte da doutrina nazista defendia que Jesus era, na verdade, da raça ariana, e até antissemita. Além disso, foi também um entendimento que Hitler era uma espécie de homólogo de Jesus (Krzyszewski, 1945; Redles, 2005), algo que encontra consonância na tese, bastante usual, de que o nazismo é uma sorte de religião política (cf. Burrin, 1997).

históricos, e a opressão do povo judeu foi, em diversos casos, característica de tais momentos (Beller, 2007). A relevância disto é que o judeu fora figura estranha presente em grandes números, nas terras de outrem; o estrangeiro por excelência, até em sua própria terra (Kirschbaum, 2016). Novamente: por que então, ou pelo que, seria o Judeu culpado, se não pela morte de Jesus?

No discurso nazista, a culpa do Judeu é intrínseca a ele, o Judeu é biologicamente culpado, sua própria inferioridade promove o mal. O Judeu é mau. O Judeu é o Mal. No tribunal nazista, não há de se comprovar o que fizera de errado o judeu, há de se comprovar apenas que é judeu. No novo discurso não é diferente. Embora presente o propositadamente confuso argumento sobre a superioridade intelectual e financeira do Judeu, esta promove o mesmo mal. Não importa realmente por quê o Judeu é o Mal. Importa justamente que o Judeu seja o Mal. O judeu, entretanto, não é realmente o ponto de impossibilidade da preconizada sociedade ocidental, como enxerga o antissemita contemporâneo. Argumentamos, junto a Zizek (1992b), que o Judeu é resultado de um deslocamento desse ponto de impossibilidade. Zizek argumenta ora que a impossibilidade é o antagonismo social (1992b), ora que é a crise inerente ao capitalismo (2009)¹⁴. Não querendo ir longe, argumentamos que a proposta de uma totalidade¹⁵, como já apontava Lacan (1966-67), ou de uma sociedade sem o Mal que corrompe, no nazismo ou na alt-right, é por si inconsistente, no sentido de que não precisamos nem encontrar o ponto de impossibilidade, ele está dado. Simplesmente, habitamos a realidade, e a realidade implica o Real, e implica também que o Real esteja encoberto, e quem encobre o Real no discurso (neo)nazista, tomando sua forma, é o próprio Judeu, enquanto o judeu de fato, como sujeito, é relegado ao Real. No expurgo do Judeu,

¹⁴ Um entendimento evidente em Zizek é o de que, independente de modo de produção ou sistema político, sempre haverá antagonismo social, mas um antagonismo que remete sempre à incompletude imanente ao grande Outro de Lacan, e ao espaço entre o sujeito, igualmente incompleto, e esse Outro.

¹⁵ Chamamos isso de *fantasia totalitária*.

proposta desse movimento, o que resta dele se não seu corpo, despido de sentido, Real? Mas mais que isso, o Judeu permanece o estrangeiro, o resto incompreensível e invisível da sociedade ocidental (Topel, 2015), excesso. A versão ideológica do objeto *a*.

Zizek (1992b, 2009) propõe um interessante ponto sobre a relação entre o Judeu e o Gentio, que pode nos servir de esclarecimento para os motivos e mudanças do antissemita. As percepções antissemitas do Judeu são ambivalentes, como demonstrado na distinção entre o nazismo e o neonazismo quanto à intelectualidade do Judeu, e quanto ao seu papel no cristianismo, mas a ambivalência perdura e se atualiza. Zizek exemplifica isso com dois argumentos distintos nos quais o Judeu é, no primeiro, demasiado particular, recusando-se a abandonar sua identidade e se declarar cidadão abstrato de uma nação maior (Fichte, 1793, apud Zizek, 2009) e, no segundo, o Judeu é demasiado cosmopolita, “globalista”, intrincado, sem o próprio lugar. Esse exemplo demonstra também a mudança fundamental do antissemitismo moderno, que sucedera a emancipação dos Judeus após a Revolução Francesa — o momento em que o Judeu teria se subscrito de Israel e se tornado uma figura universal que permeia todo canto (Zizek, 2009). Enquanto anteriormente a proposta era a da conversão do Judeu ao cristianismo, agora a conversão está fora de questão, perfeitamente exemplificado pelo evento nazista. Esclareçamos: no momento em que os judeus obtêm seus direitos civis, as características que o distinguiam, ao olhar do Gentio, vão deixando de existir, se perdendo na sociedade esclarecida. Nesse âmbito, o antissemitismo passava de uma premissa teológica para uma premissa racial (Zizek, 2009), além de ganhar o tom de teoria conspiratória, em que a figura do Judeu vai se tornando indistinguível e passa a realizar suas atividades maléficas por detrás dos panos, invisível (cf. Anglin, 2016).

Mas o que quer o Judeu? Eis a questão do antissemita moderno. Zizek (1992b) nos conta que, na percepção gentia, até hoje claramente estereotipada (Anglin, 2016; Baker,

2016; Jay-Z, 2017), não se sabe o que o Judeu quer. Nesse contexto, o “*Che-vuoi?*”¹⁶ é uma boa pergunta para exemplificarmos duas coisas. Na primeira, concordamos com Žizek (1992b, 2017) na elucidação de que, diferente do Cristão, o Judeu não constrói um fantasma positivo no âmbito de sua relação com Deus, o abismo do “*Che-vuoi?*” do Judeu à Deus permanece não respondido, vazio, Real, e Deus permanece não simbolizado, até inominado, e sem qualquer imagem, como orienta o Torá (Neusner, 2006). Essa mesma constatação fornece embasamento para um certo misticismo do Judeu ao olhar do Gentio. Um outro ponto que Žizek (1992b) faz é o de que, a partir disso, a posição do Judeu perante Deus é a de lamentação, horror e culpa, o que nos mostra que o Judeu, por vezes, é culpado em seu próprio discurso¹⁷. Ressaltamos que essa não é uma característica homogênea nas diferentes expressões do Judaísmo (Neusner, 2006), mas é sem dúvida uma expressão¹⁸. Mas o segundo ponto nos parece mais importante para nossa proposta, o “*Che-vuoi?*” do Gentio ao Judeu. Para o antissemita, o Judeu é alguém cujos motivos nunca são muito claros, nunca se sabe o que ele quer (Žizek, 1992b). A resposta a esse segundo “*Che-vuoi?*” é o fantasma neonazista da conspiração judia para a dominação mundial — o “judaísmo financeiro”, ou “judaísmo internacional”.

Utilizemos, desta forma, o entendimento de Žizek (2013) para deduzir a posição do Judeu na realidade (fantasia) antissemita. O Judeu é o deslocamento do ponto de impossibilidade da realidade antissemita. “O ponto em que a negatividade social como tal

¹⁶ Que queres? (tradução nossa), pergunta utilizada por Lacan para a exemplificação do grafo do desejo no Seminário XI (1958-59).

¹⁷ Alguns autores do nazismo original utilizaram-se da tese de que os judeus viam-se culpados para justificar seu extermínio, chegando a defender que essa era a vontade deles, que desejavam a própria destruição, de modo que eles não somente teriam responsabilidade por sua própria morte, mas seriam gratos àqueles que a empreendessem (Roudinesco, 2009).

¹⁸ Sobre isso: “Em todas as religiões anteriores, encontramos um lugar, um domínio de satisfação sagrada (em orgias rituais, por exemplo), enquanto no judaísmo o domínio sagrado é esvaziado de qualquer traço de vitalidade e a substância da vida é subordinada à letra morta da Lei do Pai.” (Žizek, 1992a, p. 92; tradução nossa). Ainda, sobre as diferenças entre o Judeu e o Cristão, Žizek (1992b) argumenta que o judaísmo é uma religião da angústia, enquanto o cristianismo é uma religião do amor, em consonância a Beller, que nos diz que “enquanto Judeus seguiam uma religião de escravos, Cristãos Arianos seguiam uma religião de homens modernos, livres” (2007, p. 56; tradução nossa).

assume uma existência positiva” (Zizek, 1992b, p. 124). O Judeu é subtração pois apenas subtraído se sustenta a realidade antissemita e, assim, objeto *a*. O Judeu é protração da impossibilidade Real da realidade antissemita, a sublime figura do Mal que sempre retorna e, assim, objeto *a*. O Judeu é a causa de todos os males, ele é obstrução à realidade, objetivos e vida do antissemita e, assim, objeto *a*. O que o antissemita não parece perceber é justamente que o Judeu é objeto *a*, ponto de contato de sua realidade com o Real, causa-de-desejo, e assim propõe sua destruição. Sem o Judeu, entretanto, a realidade antissemita não pode se dar. Acreditamos que esta seja uma maneira razoável de abordar os motivos pelos quais esse tipo de relação com o Judeu não se encerrou no nazismo original. A impossibilidade do Real se mantém, e o antissemita procura desesperadamente por um objeto que justifique a impossibilidade e, nisso, a impossibilidade, para si, se torna o Judeu. A ambivalência do Judeu é a ambivalência do objeto *a* no campo do totalitarismo político: da falta ao excesso, do vazio à presença, do desejo à destruição, do Real ao fantasma. O Judeu é o sublime objeto da ideologia, da realidade, do fantasma neonazista (Zizek, 1992b). Como bem coloca Dunker (2017a), o inimigo que dá sentido para sua vida. Exemplificando perfeitamente nossa proposição, Zizek (2013) insiste que Hitler já dizia: “temos de matar o judeu dentro de nós”. O novo neonazista nos diz a mesma coisa: “como indivíduos, temos de expulsar o parasita de dentro de nós” (Chapel, 2014; tradução nossa).

4.2 O Judeu na Direita Alternativa

Para além das menções já feitas, podemos ver essas relações com clareza na direita alternativa? A ideia de começar esse trabalho seguiu a sequência de manifestações branco-nacionalistas de Charlottesville, em 2017, em que um manifestante terminou morto. Especificamente, assistimos o trabalho documentário *Charlottesville: Race and Terror*, produzido pela *Vice News* e conduzido pela jornalista Elle Reeve, que acompanhou um grupo de ativistas composto por integrantes do *Daily Stormer* em algumas dessas manifestações e

encontros. Enquanto esse material já ficou para trás na nossa pesquisa, parece-nos fonte suficiente para uma breve demonstração do argumentado. O protagonista nesse documentário é Christopher Cantwell, cuja biografia não pretendíamos divulgar, mas o faremos em parte devido a reviravoltas recentes. Cantwell tinha várias publicações no portal *The Daily Stormer*, mas todas foram excluídas após a revelação de que ele era um informante do FBI (Lenz, 2018; Cantwell, 2018). Ao que parece, ele se tornara informante em 2018, após seu indiciamento por assuntos que envolviam sua participação nos protestos de Charlottesville, por quais declarou-se culpado ainda naquele ano. Ao revelar tais informações à comunidade neonazista, talvez tentando não ser expurgado, reiterou seu antissemitismo:

Nós estamos sendo instruídos a nos comportarmos como criminosos por um Judeu num país estrangeiro, depois de sermos atacados por terroristas em nosso próprio país. Há amplas evidências de que os vermelhos iniciaram e perpetuaram a violência em Charlottesville, mentiram na corte para me incriminar, e tiveram a cooperação das autoridades nesse comportamento criminoso. Os policiais federais [*feds*] são nossa única esperança para uma solução com justiça, e eu pretendo cooperar integralmente com qualquer esforço para que esses criminosos sejam julgados.” (Cantwell, 2018; tradução nossa).

Essa afirmação nos serve de um bom ponto de partida à análise. O Judeu já aparece aqui como “estrangeiro”, que orientou os “terroristas vermelhos”; aparece também como onipotente, porque não só “instrui o comportamento” do antissemita, mas o faz com sucesso: o antissemita, sabendo que está sendo instruído pelo Judeu, dá cabo às instruções. Em consonância com a máxima do *Daily Stormer* de que “*we here at the Daily Stormer are opposed to violence. We seek revolution through the education of the masses*”, Cantwell afirma que há ampla evidência de que foram os “terroristas vermelhos” que começaram e perpetuaram a violência naquelas manifestações, e que pretendiam incriminar os nacionalistas, sendo ambíguo ao referir-se aos agentes do Estado, se seriam parte ou não da conspiração — se sim, poderíamos reafirmar que Cantwell está completamente perdido na resposta ao “que quer o Judeu?”. Ele conclui: “Eu preferiria dividir uma cela com esses

marginais [*scum*] a ver ambos os lados seguirem livres”. Fosse o encarceramento dos marginais suficiente para o neonazista, seria nobre o sacrifício de Cantwell. O seu desligamento do Daily Stormer, bem como o generalizado cancelamento que se deu em uma série de outros portais do movimento neonazista/alt-right, sugere que não, a prisão do Judeu e seus lacaios não é suficiente. Anglin¹⁹ (2016, 2018), que se deu ao trabalho de montar um extenso dossiê para justificar o desligamento do colega, é direto: o sistema é corrompido²⁰ — assim sendo, cabe sempre questionar, o que constitui exatamente a América que se deseja salvar?

Durante as manifestações “Unite the Right”, Cantwell já declarava que os opositores haviam iniciado a violência naquele segundo dia de protestos e, assim, já achava razoável comentar: “nós não somos pacíficos [*non-violent*], nós vamos matar essas pessoas se necessário” “we are not non-violent, we’ll fucking kill these people if we have to”. Mais cedo, as câmeras dos repórteres puderam registrar por duas vezes o neonazista repetindo “fui atacado, fui atacado!”. Embora não tenham conseguido capturar o momento dos ataques, Reeve pergunta: “por quem?” — Cantwell responde: “eu não sei — comunistas!” Naquela noite — já depois de um contra-manifestante ter sido atropelado e morto por um integrante da alt-right — após uma exibição do arsenal de armas de fogo que carregava em sua bagagem, ele afirma: “tamanho autocontrole [*restraint*] que o nosso pessoal teve ali, eu achei incrível. [...] Eu acho que muito mais gente vai morrer até que estejamos no fim disso, francamente (Reeve, 2017). “the amount of restraint that our people showed out there, I think was

¹⁹ No fim dessa história, Anglin conta que uma das denúncias que decorreriam da colaboração de Cantwell com as autoridades não foram levadas à frente por conta de uma “fluke, or the grace of God, and a fuck-up on the part of the DOJ [Departamento de Justiça]”, ao que conclui: “do not let this make you believe that justice exists in America”. Se não ficou claro ao leitor, Anglin alega que a decisão judicial foi indicativa de injustiça e corrupção exatamente por ter sido, em sua própria visão, uma decisão justa. A prova é a ausência de provas (Cf. Stanley, 2018, especialmente o quarto capítulo). Cantwell foi preso novamente em 2020 por ilegalidades associadas ao movimento (Simon, 2020).

²⁰ Durante os eventos de Charlottesville, o branco-nacionalista Matthew Heimbach afirma sobre esse sistema: “The radical left, the corporations, the state, are all on the same Jewish side. [...] The left, who are the boot boys of the capitalist class and the bourgeoisie and the status quo” (Reeve, 2017).

astounding. [...] I think a lot more people are going to die before we're done here, frankly” (Reeve, 2017). A proposição de não-violência, isso se já partirmos do questionável entendimento de que violência é só aquela que é física, mostra-se absolutamente frágil. Cantwell defende o assassino, nos conta que sua ação foi justificada e que eram animais imbecis aqueles que diante da situação não “saíram da frente do carro”. Diz também, com um patético sorriso no rosto, que vai ser difícil conseguirem fazer um protesto com um balanço melhor que aquele.

O reacionário imaginário nazista é gritante nos participantes — símbolos e bandeiras reminiscentes da suástica, da confederação e das seitas racistas norte-americanas; roupas pretas e fardas, cortes militares, escudos e tacos em mãos; quase todos homens por volta dos vinte, alguns mais velhos²¹. Isso tudo remete ao Judeu. Eles gritam, na verdade, “Judeus não vão nos substituir” (Reeve, 2017). Um outro colaborador do *Daily Stormer*, nos mesmos termos, declara: “aquilo que é degenerado em países brancos será removido”, também falando numa “classe parasítica de vermes anti-brancos” e “sujeira [*filth*] anti-América” (Reeve, 2017). É muito evidente que o que se fala sobre o Judeu não é capaz de denotar algo que se aproxime concretamente de um judeu do mundo objetivo. Trata-se de algo completamente inespecífico, quase místico. Quando se refere ao manifestante do outro lado, o neonazista define-o como agente do Judeu, mas nunca como o Judeu. De fato, não podemos ver a olho nu quem ali seria judeu²², mas isso não tem a menor importância para ele — pelo contrário, ao nos perguntarmos o que aconteceria se ele visse um judeu de fato, não nos resta outra impressão que não a do momentâneo colapso de sua insustentável fantasia ideológica; e daqui perguntamo-nos também se o atropelador daquela data jogaria o seu carro sobre algo que não um grupo indistinto de opositores. Notamos aqui, como não havíamos até então: o

²¹ No portal do *Daily Stormer* encontramos aos baldes também o estilo *vaporwave*, parte importante da estética neonazista contemporânea e da direita alternativa norte-americana (Cf. McLeod, 2018).

²² Em ambos os lados, como diria Trump.

Judeu permanece no plano discursivo, inapreensível e, ainda assim, mobilizando o neonazista, tal qual o objeto *a*.

De fato, o nome do Judeu, no documentário, nunca está delimitando um *outro* [(*a*)*utro*]. Quando o neonazista efetivamente identifica alguém, este está a fazer a vontade do Judeu. Fala-se em comunista, vermelho, ou até, contraditoriamente, representante da burguesia²³. Lembramos aqui que uma das coisas que preconizou-se combater no extermínio dos judeus durante o nazismo original era justamente o seu “bolchevismo judeu” (Redles, 2005; Waddington, 2007) e a ameaça do “socialismo internacional” e o “marxismo” que representavam (Hitler, 1939), uma confluência sem muito respaldo já naquele momento, mas que, como vimos, mantém-se viva no discurso da *alt-right*. Não nos enganemos, apesar de todas as diferenças desse grupo em relação ao original, trata-se de nazismo. Quer-se, às vezes, ver outra coisa, algo que nos distancie do horror do século passado — isto é um erro. Não se trata apenas de ideias “libertárias”²⁴ que associam-se a um discurso agressivo, “politicamente incorreto”, que serviria somente para chamar atenção e ganhar eleições. Exatamente como o que Hitler fizera na Alemanha (Hitler, 1939; Fromm, 1994), Cantwell²⁵, ao ser questionado sobre o plano estratégico da direita alternativa, é preciso: nesse momento, trata-se de empurrar os limites do aceitável no debate público, transformando a cultura e, por extensão, a política (Reeve, 2017, 2018).

4.3 O Judeu em Freud

No escrito *Psicologia das Massas e a Análise do Ego* (Freud, 1921), Freud apresenta uma explicação muito sensata, e um tanto quanto preditiva, da experiência nazista. A história se repete, é realmente notável a maneira com que se repete — e isso é o que Freud chama de

²³ Um aceno ao que Meteoro (2019) chamam de “metacapitalista” — o personagem que pratica vigorosamente o capitalismo com, na verdade, a intenção secreta de destruí-lo.

²⁴ Cantwell se diz um “libertário” afinco, alguns de seus textos discorrem exclusivamente sobre o liberalismo econômico (Cantwell, 2014). É claro que aqui o “liberalismo econômico” permite que um indivíduo proíba a entrada de judeus ou negros em seu estabelecimento comercial.

²⁵ Não é sustentável pensar em Cantwell, ou Anglin, como um “líder” parecido com Hitler.

estranho²⁶ a propósito — mas por quê, por que a história se repete? Seria possível que o Judeu seja de fato isso tudo que nos conta o neonazista e por isso sempre acabaria nessa posição de exclusão, estranhamento? Seria por conta de uma sorte de preponderância ao pensamento mágico inflamado pelo instinto do tribalismo, como nos mostra o psicólogo social-cognitivo e por qual Freud tanto se fascinou? Seria tudo, nesse sentido, por conta do carisma e assertividade do líder que desperta *isso* nas massas, que em verdade só obedecerá cegamente a esse líder?

Freud centra o entendimento das massas, de seu comportamento e psiquismo, na proposição da relação amorosa com o líder, um objeto de amor a ser introjetado ao ego daquele na massa. Ele separa aquilo que é amoroso daquilo que é hipnótico — quando a relação do sujeito com o objeto é hipnótica, o objeto não somente sequestra sua libido reprimida, mas toma a forma de seu *Ideal do Eu*, aquilo que o sujeito almeja ser. Na massa, Freud conclui, se dá uma retroalimentação hipnótico-amorosa, aditivada pelo fato de que é trata-se não de uma mas centenas, milhares de relações, aumentando o potencial de identificação em volta de um mesmo objeto. Ressaltamos que, se há identificação, há narcisismo em jogo, há a percepção de si no objeto e que essa identificação é predominantemente imaginária e, como tal, apresenta pouco potencial para um desfecho que permita ao sujeito escapar essa circularidade narcísica especialmente paralisante²⁷. A identificação, no entanto, não se refere apenas à relação *eu-líder* como trataríamos normalmente, pensando numa relação intersubjetiva, porque esse líder irá agir como objeto de identificação de toda a massa, um super-objeto. Para que assim seja, não é possível mais pensar no líder como sujeito, assim como, quando falamos em massa, não falamos exatamente dos sujeitos ali imersos. A questão que propomos é, agora sob a luz de Freud,

²⁶ Há, a propósito, menção ao estranho [*unheimlich*] no texto original.

²⁷ Escapar por meio do grupo, porque é essa a percepção do sujeito ao entrar no grupo, a de transformação e libertação.

podemos considerar o Judeu neonazista como esse objeto primordial? E que tipo de relação podemos traçar entre esse objeto da massa e o objeto *a*, o objeto primordial em Lacan?

Então voltemos às palavras do antissemita. Ao debruçar-se sobre o discurso neonazista em questão, é notória a indignação para com a promiscuidade dos dias atuais, então olhemos um pouco para essa temática, já que toca em cheio o desejo e as identificações neonazistas. Nos diz Anglin (2014) que depois da revolução sexual dos anos 50, um evento causado pelos judeus, que marcaria o início do presente declínio da sociedade ocidental, “disseram para as mulheres que elas podiam inflar seus egos e dar cabo à sua vontade de afeto dos homens, usando seus corpos para controlar os homens” (Anglin, 2014). Se olharmos superficialmente para o que fala o neonazista aqui, tradicionalismo é o que ele diz querer²⁸, uma tradição que coloca a mulher em seu suposto lugar, numa posição que afirma que ela não dispõe de qualquer atributo que diga respeito à sexualidade. Ao mesmo tempo, a própria sexualidade é algo a não ser tratado pelo antissemita, é um assunto apenas abarcado para dar lugar, primeiro, àquilo é direito e propriedade do sujeito antissemita e, depois, ao inimigo, que busca usurpar esse direito, das formas mais diversas e fundamentais. Aqui, Anglin não deixa de ressaltar que a obsessão com a sexualidade é da sociedade contemporânea e precisamente o que ele deseja revogar. Ora, se a mulher do antissemita não carrega nada de sexual, o antissemita, por conseguinte, não poderia dispor de inclinações sexuais, e assim não haveria motivos para que ele discorresse sobre a temática. Mas é aqui que o discurso falha, porque o neonazista é contundente na afirmação de que a vida sexual do jovem ocidente é central para o plano de dominação mundial dos judeus (Anglin, 2014, 2017).

“A sua preciosa essencia vital não pertence a você — ela pertence ao estado [sic] e,

²⁸ Anglin (2014) fala em uma guerra entre o “tradicionalismo” e o “progressismo”.

portanto, às mulheres” (Sol, 2020; tradução nossa)²⁹. Como na Alemanha nazista, a ansiedade sexual é peça chave da propaganda. Se no século passado, clamava-se que os judeus e os bolcheviques planejavam o sequestro das moças alemãs que se tornariam objetos compartilhados nas nações vermelhas (Reich, 1970) nos dias de hoje sua atuação é imobilizá-los diante das produções pornográficas e a sexualização cultural promovida por Hollywood, empreendimentos judaicos que visariam a não-reprodução da raça ariana e seu consequente colapso (Anglin, 2016). Ora, se a sexualidade não está em questão para o verdadeiro homem branco que descreve o neonazista, como poderia a pornografia sequestrá-lo? Essa paralização visa torná-lo um selvagem, “degenerado”. A imobilização diante da pornografia — característica, então, desse degenerado abominado pelo neonazista — impedirá, entre outras coisas, o desenvolvimento econômico do jovem antissemita. Novamente, a contradição, e a angústia, emerge com clareza. O único modo em que se sustenta a descrição de Anglin é esse jovem branco já possuir esse traço de degeneração. É interessante pensar que, como discutimos mais cedo, alguns dos neonazistas de hoje falam sobre uma maior aptidão intelectual do Judeu, de modo a desclassificá-lo, em algum nível, como esse selvagem. Essa nova descrição se molda muito bem à experiência neonazista contemporânea, guarda coerência com a própria fantasia — o Judeu ainda carrega a degeneração, e então ainda eliciará a repulsa e deverá ser eliminado, mas agora ele manipula esse mal, essa doença tanto mencionada pelo antissemita (Anglin, 2014). A partir do momento em que insere-se o Judeu, a degeneração, percebida em si, percebida na experiência desse jovem sequestrado pela pornografia, Hollywood, ou simplesmente sem sucesso econômico, não será mais característica do sujeito, mas externalizadas, por meio da identificação mesma, nesse objeto

²⁹ Nessa publicação do Daily Stormer encontramos um exemplo inusitado dessa ansiedade. O neonazista (Sol, 2020) aqui expõe um caso em que a justiça norte-americana estaria autorizando uma mulher a ter filhos sem a autorização do a ser pai por meio de fertilização artificial. O caso é curioso, mas o que chama atenção é a reação do antissemita — esse evento seria prenúncio de uma iminente “singularidade *incel*” em que “você, Homem Branco” será corriqueiramente biologicamente estuprado e forçado a ser pai (Sol, 2020). Como uma piada, o artigo termina com uma caricatura desse *incel* com a legenda: “Melhor ficar em casa jogando *videogame*. O mundo está assustador demais” (Sol, 2020).

da massa.

O resgate desses tempos passados em que tudo está em seu lugar é imprescindível, colocação que remete ao *Eu Ideal*, já que se trata de algo que o neonazista, deseja com toda sua força, apesar de nunca ter vivido. Mas antes, ao elaborarmos a questão do *Ideal do Eu*, a função de objeto *a* se torna clara. Ao contrário do que pensa Anglin, o líder aparente desse grupo, o nexos de tudo, é o Judeu, sempre considerando-se o fantasma antissemita³⁰. Como argumentou Zizek (1992b), a negatividade que envolve o Judeu no discurso da direita alternativa é evidente homologia do objeto *a*, e também do líder nesse contexto. E encontramos as pistas em Freud, que nos diz que “o líder ou a idéia dominante poderiam também, por assim dizer, ser negativos”. A aplicação desta asserção é maior do que parece: o Judeu é duplamente negativo quando assinalamos que ele é (i) odiado e representante daquilo que se deve odiar, (ii) esvaziado de qualquer acepção que passe perto da realidade — ele não existe, mas deve deixar de existir; ele ocupa, ou é feito ocupar, de maneira forçada e sempre faltante, o vácuo do líder antissemita.

Nesse sentido, podemos abarcar até como figuras políticas tidas amplamente como ídolos dos novos neonazistas, como Donald Trump e seus acenos, se ligam aos movimentos numa posição de alguma liderança — e falamos isso pelo modo como são reverenciados pelos neonazistas do *Daily Stormer* e por conta da posição de absoluto poder social por eles ocupada — de modo essencialmente negativo. Nunca se dá a afirmação. Há uma série de benefícios de se vincular via negatividade a esses movimentos, o principal deles o fato de que assim não há evidência da vinculação. Não há evidência jurídica. É a técnica perfeita, pois aproxima esse líder ao sujeito neonazista de maneira decisivamente íntima. A relação entre o

³⁰ Hitler, ou qualquer outro nome ou ideia de liderança do nazismo original não está presente no discurso do grupo estudado com um sentido parecido com aquele da filosofia e propaganda da metade do século passado. Algumas figuras atuais, como Donald Trump, Milo Yiannopoulos, Richard Spencer, Andrew Anglin, Taylor Swift (esta completamente imaginária) e históricas, como líderes da confederação, Hitler ou até Nietzsche e intelectuais da Escola Austríaca de filosofia econômica (Anglin, 2016; Beiner, 2018; Lyons, 2017), compartilham claramente de aspectos relacionais tratados por Freud em *Psicologia das Massas*, que não serão abordados diretamente uma vez que não dizem respeito ao aspecto antissemita do movimento, foco da presente análise.

antissemita e o líder seria tão íntima que — imaginariamente, é claro — ambos não precisam ser declarativos em suas colocações para se entenderem. Certamente, se estivessem lado a lado completariam as frases um do outro. É um jogo extremamente satisfatório de se jogar, mas é mais que isso. Como propomos, se dá que essa negatividade não é, num nível mais fundamental, deliberada. Ela é produto da maneira com que o objeto *a* emerge na experiência, de modo que a insistência em sua delimitação sempre ocorrerá nesses termos imprecisos, e apostar nesse engano nunca solucionará o impasse do antissemita, nem quando a “solução final” é empregada, exatamente porque esse impasse não está de fato no judeu.

Ademais, essa desvinculação desse líder promove a relação de permanente dualidade e ambivalência entre o objeto, com seu aspecto concreto, e o fantasma. Se quisermos, Trump e o judeu são objetos, mas sua magia só se põe em curso por via de sua atividade fantasmática que, lembremos, diz respeito sempre ao mais íntimo da constituição do sujeito — como ele lidou com o elusivo evento da castração, sempre socialmente falando. Assim, esses líderes agem como perpétua manutenção de uma estratégia absolutamente danosa da organização subjetiva, e danosa não só ao antissemita e seu grupo, ou seus inimigos declarados, mas à toda sociedade. Mas o que enfatizamos aqui é o fato de que o controle que sujeito neonazista percebe exercer sobre esse modo de, por exemplo, falar do judeu sem a ele se referir — controle pelo qual se exprime o gozo — é falso, pois o que determina essa negatividade não é ele, sujeito, mas o próprio objeto, uma vez que não é possível para o sujeito interagir com o objeto — seja pensando, sonhando, percebendo — desconsiderando sua carga fantasmática. Não há controle, e é justamente por não haver controle que o antissemita nomeia o Judeu como tal. A verdadeira expressão da negatividade, então, não está na furtividade do discurso supremacista, da qual ele tanto se orgulha, mas na profunda, onipresente e incontrolável experiência de hostilidade em relação ao, no caso do antissemita, Judeu. Essencial é a realização de que por mais experiência nos leve a prestar atenção no

líder positivo, seu papel não mais que tange a verdadeira articulação em jogo na dinâmica do neonazismo. Seu real papel para nós é didático, porque quando nos detemos nele verificamos, como em Anglin, a amplificação do drama desse sujeito com o sua causa-de-desejo e seu Real.

Mas antes, esse ódio ao líder, ou ódio-líder, deverá partir de uma identificação prévia dos membros, que estará na base da formação desse grupo. Mais que isso, esse ódio, ao Judeu em específico, não existia antes da oficialização do grupo, apesar de agir como existisse³¹, justamente por remeter-se sempre ao momento da constituição, constituição do grupo mas também do sujeito. O ódio aqui, maneira como fundamentalmente o antissemita percebe o Judeu, é a constante que permite ao antissemita concluir que na verdade, desde o início, o problema fora o Judeu. Ou seja, o ódio sempre foi a tônica, mas é a localização do Judeu que permite ao antissemita justificar essa postura, amarrar o seu afeto a algo coerente e, então, experienciar o ódio em toda a sua plenitude, dominá-lo, ou imaginar dominá-lo. Esse é o ponto de encontro dos sujeitos antissemitas, uma identificação entre os participantes do grupo que é muito mais importante em princípio, como Freud argumenta, e só depois encontra o Judeu e uma agenda política. Algo ilustrativo disso é que o próprio Anglin, fundador de um dos maiores portais neonazistas da atualidade, militou anteriormente por diversas outras causas políticas, algumas absolutamente contrárias às que prega hoje, mas sempre inserido num grupo de características similares. Isso nos mostra que, de fato, a introjeção desse objeto em Freud, ou a delimitação desse objeto em Lacan, não é possível fora do plano da estrutura e do discurso, ela nunca será inteira ou suficiente e, assim, se repetirá até que outra uma nova solução seja empregada por esse sujeito.

De todo modo, o sentimento de pertencimento que emerge aqui — reconhecimento, no sentido comum da palavra — torna-se uma importante base da subjetividade neonazista,

³¹ Podemos pensar que de um ponto de vista não cronológico, mas psíquico, ele existia.

um sentimento que ultrapassará até o próprio grupo neonazista. Se antes do grupo, essa impossibilidade de identificações produtivas era fonte de sofrimento, muito porque a imagem que esse sujeito tem de si é sempre negativa e sem perspectivas, a experiência fajuta de reconhecimento promovida pela entrada na direita alternativa se tornará irresistível. Logo, o neonazista se vê como um promotor não mais dos seus interesses ou de seu grupo, mas da própria humanidade, numa cruzada pela raça branca e sua nação que, caso não seja salva por ele, sofrerá a “morte eterna” em que “milhões de anos de desenvolvimento cultural, espiritual e genético serão varridos da face da terra” (Anglin, 2014). Note, mantém-se um modo de identificação imaginário nesse sujeito agora neonazista, mas aqui emerge uma nova imagem que permite ao sujeito de algum modo suportar-se.

O que sugerimos aqui é que os participantes de um dado grupo são antes articulados por interesses e motivos, mais inconscientes que conscientes, que não tem nada que ver com o Judeu, sobretudo se buscarmos as explicações usuais que dão conta das reivindicações menos abomináveis dos neonazistas — como melhores condições de trabalho ou menos violência urbana (Anglin, 2016). Ocorre que em algum momento o Judeu aparece na pauta com papel de bode expiatório, um representante momentâneo do que une o grupo, e se torna causa das más condições e trabalho e da violência urbana. E tal como é apresentado ao antissemita noviço, rapidamente o Judeu some do consciente, fundindo-se atemporalmente com aquilo que sempre esteve submerso, processo que Freud denomina de introjeção do objeto ao *ego*. Note que não é a experiência de percepção do Judeu que desaparece — o mal-estar, o ódio — mas a figura como tal.

No discurso de Anglin encontramos algumas evidências dessa leitura. Durante quase duas horas de fala, o judeu aparece raramente e, ao mesmo tempo, o tempo todo. O discurso inteiro é acerca diversas indignações e frustrações do antissemita e relação a sociedade, à sua nação, e pontualmente atribui-se ao Judeu a responsabilidade por essas coisas que

incomodam o antissemita. Tudo o que Anglin critica remonta ao Judeu — na verdade ele fala textualmente isso: “Digo, qualquer problema que você observar você encontrará os *judeus* por trás” ([Anglin à] Fox News, 2017; tradução nossa). Independentemente de citar-se ou não ele, tudo remete a inescapável hostilidade que permeia a subjetividade neonazista. Se não fosse o apressado da direita alternativa pelo choque, pela satisfação em quebrar as convenções do “politicamente correto”, e assim ser apreciado por seus pares e notado pela sociedade, talvez falassem ainda menos do Judeu, explicitamente. Ou talvez falassem, porque culpar o Judeu é retirar culpa de si mesmo, e é disso que se trata o antissemitismo: a condensação do “grande mal-estar”, nas palavras de Anglin (2014), num objeto último, que dominará toda a libido política desses sujeitos. Diria Freud que, “na realidade, esses procedimentos [como na hipnose] servem apenas para desviar a atenção consciente e mantê-la retida” (Freud, 1921). Diferentemente de um líder positivo, a hipnose aqui fica por conta desse Judeu.

Segundo Freud (1921), esse objeto que hipnotiza toma forma de um Ideal do Eu da massa, à qual ela aspiraria, um local sem dúvida inusitado para localizar o Judeu, mas apenas se o pensarmos como uma instância positiva. Se pensamos ao contrário, a fórmula é um tanto quanto iluminadora: o Judeu é o anti-supereu nazista — toda a diferença entre o *Eu* e o *Ideal do Eu* antissemita se localiza no que compõe o Judeu. Ou seja, ao nomear o Judeu, o neonazista assume forma última, se torna o verdadeiro super-homem, se quisermos ser provocativos. Se, por exemplo, determinado sujeito sofria imensamente por não ter um emprego, no momento em que torna-se parte do grupo neonazista, seu desemprego toma um novo significado, uma vez que desvela-se resultado das maquinações perversas do Judeu. Qualquer sofrimento psíquico que tocasse essa problemática, aqui cessaria. Adiantamos que não cessa, não cessa porque, assim como não existe o Judeu desenhado pelo neonazista, não existe o neonazista postulado pelo neonazismo. Não cessa porque o ideal do eu, por definição, não se alcança. Não cessa porque não existe sujeito cujo sofrimento psíquico

escape a constituição subjetiva e decorra na verdade de um terceiro que não o grande Outro.

Há aqui uma oportunidade para uma elaboração concernente ao líder da Horda Primeva, catalisador do instinto gregário, que é ao mesmo tempo essencial e traumático, amado e odiado: causa-de-desejo, muito semelhante ao pai no início da constituição do sujeito em Freud, fundamental para o desenvolvimento do supereu. Talvez a questão seja que, justamente, num momento inicial, falte o líder, falte o pai, ou ao pai falte autoridade. Isto é declarativamente clamado pelo neonazista, que diz: “O patriarca é a autoridade absoluta e cada um abaixo dele serve um papel muito específico que complementa os papéis dos outros membros da família” (Anglin, 2014). Talvez, como propõe Lacan, a experiência nazista seja evidência do eterno declínio da imago Paterna, acontecimento proximamente relacionado às novas formas de organização da família moderna que, para Lacan, tem relação com a ascensão do fascismo da década de 30 (Safatle, 2020).

Além dessa figura bíblica da família, encontramos nas produções da direita alternativa algo muito interessante relativo ao mito. A experiência ideológica, assim como a analítica ou a edípica, é melhor transmitida por via do mito (Cf. Lacan, 2008), e o mito nazista declara com clareza o que lhe falta, clareza que não pode estar mais que equivocada, o que não poderia ser mais que irrelevante para o sujeito antisemita. A parte importante da mitologia neonazista, como tentamos sinalizar, é que o Judeu seja o usurpador de tudo o que falta, o proibidor da satisfação de um tempo perdido, o que é muito ilustrativo da falta-a-ser que é o sujeito barrado — pela Lei, pela Linguagem e, aqui, pelo Judeu. Nesse sentido, é notório que haja discussão direta sobre o mito dentro de alguns representações e comunicações da direita alternativa, em particular sobre o chamado “mito fundador”.

O mito em questão não é propriamente o neonazista, mas o do “ocidente”, a tese sendo que o seu mito fundador é aquele que farda o povo branco ao transmitir uma profunda e injustificada culpa relativa ao evento do Holocausto (Black Pigeon Speaks, 2017; Three

Arrows, 2018; MacCarthy, 2017), de forma a matar dois coelhos com uma caixa d'água: (i) estabelece-se uma explicação para como o Judeu, tão nefasto, pôde estabelecer a subjugação do homem branco e do ocidente e, por isso, ser ele retroativamente o culpado pelo Holocausto; (ii) converte-se o Holocausto em mito, ambíguo, que pode ou não ter acontecido, mas que de todo modo tem seus efeitos claros — independentemente do Holocausto ter ou não acontecido, ter ou não sido orquestrado pelo Judeu, ele ainda serviria como instrumento fundamental da pretensa dominação mundial semita, da maneira mais eficaz possível: inscrita por via do mito. Tal nível de elaboração narrativa certamente falta aos ideólogos nacionais.

O Judeu no imaginário neonazista está sempre olhando, dado seu poder de controle, velado na sociedade, o Grande Irmão. A caricatura herdada da propaganda nazista original tem nisso um objetivo claro, provocar aversão imediata ao estereótipo exacerbado do Judeu, e assim mantê-lo olhando. Caricatura esta que é provavelmente o que mais se vê no portal do *Daily Stormer*. Mas a questão que provoca esta sessão diz respeito às possíveis conclusões a serem feitas a partir da concepção do objeto *a* no campo ideológico, e não no do olhar. O escrito *Psicologia das Massas* fornece algum subsídio para tal, como demonstramos. É possível, claramente, tirar proveito da reflexão da liderança como delegada ao Judeu, por vias da identificação. O Judeu amarra o grupo neonazista, por meio dos afetos destinados a ele. Assim, é possível sustentar que o líder age, na massa, como objeto *a*, ou portador de tal.

Da mesma forma que podemos defender essa posição numa figura positiva de líder, como Hitler, podemos fazê-lo numa figura negativa, como o Judeu — e com isso não falamos de que tipo de afetos essas figuras mobilizam, mas como elas se apresentam para o sujeito. De certo modo, enquanto no caso de um líder positivo podemos observar melhor uma espécie de porte do objeto *a*, no caso do Judeu a homologia direta com o próprio objeto é mais pertinente, sobretudo se considerarmos um neonazista hipotético, perfeito — aquele descrito pelos ideólogos —, um paralelo proveitoso se pensarmos que, por definição, não existe a

possibilidade real, extra-discursiva, de delimitação desse objeto. Para o neonazista, assim como para sua ideologia, o nexo de tudo é sim o Judeu, mas o Judeu próprio a ele, projetado na realidade externa.

4.4 Virtualidade, totalidade e exclusão

Se quisermos continuar a articulação com o Édipo e seus efeitos durante a vida do sujeito, algo que chama atenção é o descontentamento do antissemita em relação a situação da sua vida e do seu país, sendo a lógica usual a de que sua situação é decorrente da situação de seu país. Ou seja, o descontentamento não é para consigo, mas para com a sociedade, sociedade que “encoraja a indulgência desses impulsos primitivos em detrimento da auto-controle e da aderência a valores maiores, valores espirituais maiores” (Anglin, 2014; tradução nossa). Sentimentos de aversão à essa sociedade são colecionados incessantemente, numa relação que remete à ambivalência dos sentimentos do infante em relação à mãe ou o pai, sentimentos que por muitas vezes são sem vínculo explícito, inexplicáveis, em princípio, por qualquer racionalidade que o indivíduo possa arriscar numa tentativa de auto-explicação, ou racionalização que, no caso do antissemita — e lembramos que não só no caso dele —, se torna uma explicação de tudo mais em função de si, em que o eu permanece estável e isento de responsabilidade, como procuramos discutir na seção anterior.

Zizek (1999) nos traz uma apreensão um pouco mais abrangente, que descreve a relação de um sujeito com seu país chamando este de *Nation-Thing* [Coisa-Nação], em detrimento de *Nation-State* [Estado-Nação]. Não dá-se, assim, qualquer conotação palpável à nação, de maneira que o sujeito dessa relação é igualmente sem forma. Na verdade, explica Zizek, o sujeito dessa relação é precisamente como o sujeito da psicanálise, sobretudo em como se sente e constitui em relação à essa nação-coisa. Zizek atualiza, a sua maneira, o que entendia como o argumento de Lacan sobre a questão, para falar que na contemporaneidade essa relação passa a um escopo diferente do sujeito-nação, o escopo pós-moderno é o sujeito-

democracia, o sujeito democrático. A chave aqui é que, ao contrário de como está descrito pelo empreendimento burocrático, a Constituição, e o próprio Cidadão, essa relação foge ao símbolo e à imagem destes — trata-se de uma relação afetiva, Real, e primitiva, como a do infante em relação à Coisa, e como a do integrante da Horda Primeva em relação ao Líder. Mas além disso, não se trata mais da relação do sujeito e sua pátria mas do sujeito com a sociedade global, o ocidente, alguns diriam. “The subject of democracy is, in its very blankness, smeared with a certain ‘pathological’ stain” (Zizek, 1999, p. 101).

Os fantasmas que podem surgir daqui são os mais diversos, e por óbvio alguns são mais comuns que outros, e um deles é o fantasma do antissemita, que investigamos durante o curso desse escrito. O conflito do antissemita em relação à Coisa é o conflito de não aceitar a falta, não aceitar a não-totalidade, do Outro e de si em relação ao Outro. Em termos correntes, podemos falar que o seu antissemitismo, seu racismo, sua xenofobia, foi o caminho encontrado pelo antissemita para lidar com sua posição de mal estar, descontentamento em relação ao Outro — Mãe, Pai, Nação, Democracia, Sociedade, enfim... Coisa. Um conflito que tange essencialmente a diferença. Para o antissemita, em tempos difíceis, o resgate de um tempo íntegro, total, próspero, sem o Judeu, é a saída para o sofrimento e a superação desse conflito. Enquanto nos vemos inclinados a especular sobre quais fatores, hoje, criam oportunidade para ideias tão extremas e modos de vida e de ser que se baseiam em tais ideias, acreditamos que essa tarefa deve ser reservada a um estudo com este objetivo. De todo modo, é certo que, em algum momento, as relações são parte necessária do processo, qualquer fator, nesse contexto, só terá seu valor concretizado quando considerada a respectiva economia social, pré-requisito para a civilização que, como nos contava Freud, exige compromissos e, desta forma, sofrimento.

Nesse fim dos anos 2010, poucos nascem em famílias neonazistas, muitos nem ao menos conheceram qualquer outro neonazista no mundo físico, trata-se de um grupo

prementemente virtual, sobretudo no âmbito do *Daily Stormer* e da *alt-right* como um todo. Essa reflexão é interessante pois nos leva ao susto, que parece ainda não ter se consolidado em um entendimento prático-usual, de que a internet existe. Sem dúvida, temos todos a impressão de que ela exista mesmo quando interagimos pelas redes sociais e aplicativos de mensagens, mas parece que se tratam de, ou são percebidos como, universos separados. É como se houvesse uma separação etiológica, qualitativa, desses ambientes, algo que não permite com que vejamos como integrais e parte do nosso universo, ou com a mesma relevância. Como exemplo mais tátil podemos falar daquela eventual conversa por *whatsapp* — ou algum outro serviço de mensagens instantâneas — que, com uma mesma pessoa, se mantém paralela à conversa presencial, uma outra linha do tempo, ainda que simultânea — outros assuntos, outro tom, gramaticalmente outros sujeitos. Outros, contudo, só num nível de discurso. A questão é que fazemos sentido de nós mesmos por vias do discurso, que, quando são muitos e contraditórios, podem tornar nossas narrativas confusas e trazer à superfície sofrimento, principalmente no âmbito das redes sociais, onde, na última instância, discursos conflitantes buscam descrever sujeitos que se creem um só e, claro, para piorar, essa descrição permanece sempre em função do outro/Outro.

O que mais oferecemos para esse debate é que, independentemente de serem ou não universos separados, são, antes disso, modalidades discursivas claramente distintas, modalidades discursivas que são indicativas não do *que se é*, mas de *como se é*. E que, claramente, como bem mostrou a direita alternativa, o que acontece na internet acontece fora da internet, de jeito e intensidade diferentes, mas com a mesma realidade. Exaltamos isto porque o instante em que pessoas morrem ou políticos são eleitos a partir de eventos, entendimentos e, acima de tudo, *relações* virtuais é especialmente propício para assinalar-se que a distinção que fazemos e vivemos sobre ambos — virtual *versus* não virtual — deve ser melhor pensada. E não podemos esquecer essa reflexão quando nos referimos à discussões e

contextos mais intuitivamente banais, como o do humor e do entretenimento. Humor e entretenimento que podem sofrer da mesma cisão intelectual automática, como se fossem fenômenos de ordem distinta daquilo que é científico, político, ou filosófico — não são. Inclusive, se quisermos voltar a crítica que fazia Lacan sobre Freud no que diz respeito à psicologia social e a individual, a semelhança entre os assuntos é imediata. Há a tendência de separar-se as coisas, e não pensar sobre essa separação, talvez com fins didáticos. Nos parece que, nesses momentos, essa tendência se mostra não só questionável, mas a fonte própria de parte do problema.

Voltando ao contexto neonazista, uma observação quase que automática é a de que alguns anos de exclusão social e respectivo sofrimento psíquico podem ter resultados negativos, e isso é absolutamente o que está em jogo aqui. O modo de vida da sociedade americana, bem como dos países mais desenvolvidos e boa parte dos países emergentes, passou a tomar uma organização peculiar, um modo de interação que tem como um de seus maiores pilares, no âmbito das relações, a internet e as redes sociais. Junto a este, um segundo pilar é uma economia, que perpassa todo e qualquer outro âmbito da vida em sociedade, absolutamente dependente do consumismo exacerbado, em que estabelecem-se relações muito semelhantes às interações na rede³². Somados, como usualmente estão, ambos fatores têm a capacidade de fomentar dinâmicas em que pessoas excluem outras pessoas, de modo que excluir torna-se fazer parte. Note que não só excluído num nível senso-comum, mas excluído num nível de direitos básicos e furtado, assim, de qualquer liberdade, qualquer status de cidadão e soberania própria que lhe foi garantida na Constituição.

No caso da internet, podemos falar em diversos tipos de dinâmicas problemáticas³³, como a primazia da imagem e a identificação parcial, o anonimato, o cálculo do contato com

³² Não alegamos que sem estes dois elementos não haveria exclusão, apenas apontamos esses elementos por serem chave para a compreensão dos meios e motivos por quais nossas sociedades — nossas melhores, alguns diriam — produzem neonazistas.

³³ Assinalamos que as possibilidades de dinâmicas promissoras são, também, inúmeras.

o outro... mas nos interessam mais dois fatores específicos. O primeiro deles se refere a maneira como estabelecem-se mundos novos na internet. De início, a ideia de novos mundos é sem dúvida animadora, mas esses novos mundos são diferentes do que já concebeu-se nas artes, principalmente ao considerarmos que são mundos pela metade e percebidos como reais. São mundo aos quais faltam algo, são mundos que excluem, mundos da identidade e do consumo e, acima de tudo, de totalidade. Depois de estabelecidos, esses novos mundos parecem não se encontrar mais. Depois de um tempo num mundo, como é de se esperar, passamos a enxergá-lo como *o mundo*, num processo quase fantasmático³⁴. Em suma, eventualmente, grupos não tem mais contato entre si, talvez num primeiro momento, talvez só nos espaços virtuais. Sem contato, esses mundos se distanciam cada vez mais. Ou seja, para que um encontre novas ideias, ele tem de ativamente buscar novas ideais. Contudo, a tendência é que só o façamos caso estejamos diante de alguma sorte de sofrimento, sofrimento que é sempre em relação ao Outro e, assim, à sociedade. A questão é que as relações que se dão por meio das rede sociais muitas vezes mascaram o sofrimento, a falta. Velam o contato com o Outro. Fazem-se parecer relações reais, mas por muitas vezes são depletas de intimidade e majoritariamente imaginárias³⁵. Pior, muitas vezes essas relações virtuais são preferidas em detrimento de relações presenciais já existentes, justamente por seu caráter enganoso. Precisamente, desse tipo de relação e do instinto gregário saem os grupos modernos, pois aqui está uma interação, muito mais intensa do que as relações de um para um dentro da internet. Uma vez que encontra-se um grupo, não obstante, há também a tendência de manter-se em tal grupo, provido que de alguma sorte o sofrimento do sujeito lhe pareça

³⁴ Carece uma investigação específica sobre as tão recentes dinâmicas de interação social proporcionadas pela internet, sobretudo em suas característica atuais (o quão presente essas se fazem diariamente por meio dos *smartphones* em detrimento de interações físicas, por exemplo) no âmbito da Psicanálise, ainda mais no paradigma teórico aqui adotado. É certo que a maneira com que estamos tornando-nos e sendo sujeitos está absolutamente relacionada a essas novas formas de relacionamento e as redes sociais, bem como que futuras investigações sobre o tema tornarão as reflexões propostas nesta sessão mais nítidas e menos especulativas.

³⁵ Cf. Dunker, 2017c.

suprimido.

No caso do *The Daily Stormer* e da direita alternativa não é diferente. Seguindo um caminho parecido com grupos virtuais de extrema esquerda (Nagle, 2017), talvez também até passível de ser chamada de esquerda alternativa, nasceram os grupos que eventualmente se chamariam de a *alt-right*. É documentado, por exemplo, que diversos jovens que aderiram à direita alternativa em algum momento foram parte de algum outro movimento político, em muitos casos grupos reconhecidamente de esquerda, ou liberais³⁶, completamente, em tese, opostos ao atual (Nagle, 2017), como por exemplo o próprio Andrew Anglin, citado diversas vezes durante nossa análise (O'Brien, 2017), como mencionamos na seção *O Judeu em Freud*. Esses grupos parecem ter sua origem em fóruns de comunicação na internet, uma das redes sociais mais antigas e prevalentes. Um tipo particular de fórum é o denominado *chan*, modo de plataforma bem específica, espalhada por diferentes domínios, em que a maneira padrão de operação é o envio de posts anônimos. Aqui já podemos invocar as dinâmicas sociais prementes que se relacionam intimamente com a maneira com que podem atualmente se dar tanto as relações interpessoais, como o sofrimento psíquico. De cara nos deparamos com os modelos estabelecidos pela sociedade e os meios de comunicação.

Se num primeiro momento os ideais sociais estavam distantes, materializados nas estrelas do cinema, num segundo momento, com o advento da internet e das redes sociais, os exemplos sociais tomam enorme proximidade a partir da hora em que os compartilhamentos, muito bem orquestrados, passam a se dar. Os modelos de uma vida feliz, saudável e bela estão em todo canto, oferecidos e esbanjados por diversos conhecidos. Não só esse tipo de interação privilegia proporcionalmente aquele que tem recursos, mas dado determinado limiar, ele inviabiliza quem não disponha de tais recursos, quem não pode consumir. Mais

³⁶ O contexto que descrevemos é o americano, em que a esquerda política é majoritariamente auto-identificada como liberal (Doherty, Kiley & O'Hea, 2018), opinião que é ainda mais comum entre os jovens do país.

que isso, esses ideais são notadamente e reconhecidamente inalcançáveis, mas aparecem nos *feeds* do *instagram*, *twitter* e *facebook* de todos, como se vivessem todos esses ideais. Aqui observamos novamente como podem surgir esses novos mundos, e como eles viram naturais e confortantes, e como temos dificuldade de nos lembrar de um tempo sem eles. O neonazista, ao menos o discutido neste trabalho, é aquele sujeito que não pode ser aceito ou se ver aceito no mundo *mainstream*, o mundo do *facebook*³⁷ é demasiado comum para eles, então seguem nos *chans* — e outras comunidades próprias. Não obstante, como um sujeito das redes sociais, habitante de um universo paralelo, como a maneira com esse neonazista experiencia da realidade difere do usuário de uma outra rede social?

A capacidade de rastreamento de usuários nesses comunidades é limitada, e foi um dos marcados diferenciais para o crescimento da plataforma. O maior deles é chamado *4chan*, fundado no mesmo ano que o *Facebook*, 2003, e até hoje um dos sites mais visitados da rede indexada. Trata-se a princípio de um fórum anônimo para o post de imagens e texto, em que os “murais”, ou *boards*, ficam abertos enquanto estiverem ativos, arquivados após algum tempo e, após mais um período, definitivamente apagados, garantindo um ar de efemeridade ao conteúdo ali compartilhado e ao próprio ambiente (Bernstein et al., 2011). Uma discussão que esboçamos rapidamente é trazida por Pirula, divulgador científico brasileiro de grande alcance no espaço da “mídia alternativa”³⁸ no Brasil, que se assemelha enormemente à discussão de Bernstein et al. (2011).

Pirula (2018) propõe a tese de que, por definição, o *whatsapp*, é basicamente uma *deep web* de bolso. A comparação é bem simples, o que é central é que no *whatsapp* não há

³⁷ Enfatizamos que a dinâmica que tentamos explicar aqui não se dá necessariamente fora do facebook, pelo contrário, o facebook e a forma como as postagens são distribuídas entre os perfis comprovadamente segregam, grupos com gostos e opiniões divergentes — e o fazem muito produtivamente (Persily, 2017; ver também os consecutivos artigos jornalísticos por Carole Cadwalladr acerca *Cambridge Analytica* no portal *The Guardian*). Não obstante, dado o grupo estudado, suas origens, e sua natureza de discursos declaradamente extremos e humorísticos, optamos por abordar em maior profundidade a questão dos *chans*.

³⁸ Nos referimos a canais de comunicação que consistam em meios mais recentes, sobretudo o YouTube, que muitas vezes se denominam “mídia alternativa” em contraste à mídia tradicional, que se limita à TV, revistas e jornais.

indexação de qualquer informação, assim como na *deep web*, havendo, adicionalmente, necessidade de chaves específicas para o acesso das informações. Enquanto na *deep web* essa chave é usualmente apenas o link para a página em questão, no âmbito do *whatsapp* essa chave é nada menos que o próprio aparelho celular que enviou ou recebeu a mensagem, devido ao modelo de privacidade da plataforma. Não suficiente, a partir da investigação de Bernstein et al. (2018), é consequente argumentar que o *whatsapp* é um ambiente com um quê de efemeridade muito semelhante àquele dos *chans*, e com diversos agravantes, uma consolidação do modelo, ainda que utilizado por um público provavelmente muito distinto. O público dos *chans* é distinto também do público das redes públicas — em contraste ao *whatsapp* — mais comuns (*twitter, instagram e facebook*), e o tipo de conteúdo postado é igualmente distinto devido a menor quantidade de moderação do material postado e, sobretudo, ao anonimato a princípio garantido³⁹.

Uma característica notável dos *chans* é o reconhecimento da distinção e separação entre aquele ambiente e o ambiente externo, assim como a consciência de todo aparato cultural, contratual e até comunitário que acompanha a experiência de utilizar o meio, para o bem ou para o mal. Enquanto insistimos em dizer, hipocritamente, que somos aquilo que mostram os nossos perfis do *instagram*, que esses são apenas extensão de nossa vida, o *chan* — aquele que frequenta o *chan* — tem um *modus operandi* quase que inverso. Ele mostra ali muito mais quem ele é, ou pelo menos tem muito mais incentivos para fazê-lo: às vezes por partes, se reinventando a cada *board* e cada *post*, às vezes mostrando o que há de mais sombrio em si, outras o que há de mais vulnerável, sem muito receio de ser julgado, e sabendo que quando julgado, dificilmente verá consequências sociais por tal.

³⁹ O anonimato no *chan* é distinto do anonimato na *deepweb* e do *whatsapp*. Enquanto nos últimos, sobretudo no tocante ao conteúdo das informações trocadas, os usuários são essencialmente indetectáveis, as atividades de *chans* são passíveis de fácil monitoramento pelos administradores dos *chans* e provedores de internet, ainda que os usuários sejam internamente anônimos entre si.

Não queremos dizer, por óbvio, que o *channer* está livre das pressões sociais. Se por um lado, pressões sociais sociais podem muito bem ser um dos motivos por quais um frequenta um *chan* — e qualquer outra rede social —, por outro, ainda que o fator anônimo altere-as significativamente, as regras sociais, explícitas e implícitas, não se fazem nem perto de ausentes. Novamente, a auto-consciência do *chan* como meio e fenômeno cultural, qualitativamente distinto do mundo externo, é notável e, argumentamos, uma característica que o distingue amplamente de outras redes sociais, uma vez que nada o que se fala ali será associado com um perfil público, seja ele verdadeiro ou inventado, não há uma pessoa, nem mesmo uma pública alternativa. Uma conclusão muito interessante que podemos tirar dessas características é que nessas comunidades, num nível atomístico, *a identidade coletiva é consideravelmente importante, enquanto a individual é quase que inexistente.*

Interessantemente, um movimento notável que ainda vem se dando é a integração de alguns elementos culturais destes *chans*, ao cotidiano de grande parte do usuário comum das redes sociais, sobretudo os denominados *memes*⁴⁰ e o tipo de humor muito particular que os acompanha. Zannetou et al. (2018), em artigo ainda não publicado, trazem uma apreensão muito relevante sobre como existem, *grosso modo*, dois tipos de meme, aqueles cujo foco seria propriamente o humor e aqueles que primariamente visam atacar algum grupo não especificado, e que, claramente, em alguns casos, memes originalmente publicados e repassados em comunidades classificadas como tóxicas — dedicadas em boa parte a propagação de alguma forma de ódio — deixam suas comunidades de origem para uma comunidade mais abrangente em que são compreendidos e compartilhados como se aquele meme que era de fato destinado simplesmente ao humor.

Muitos desses *memes* partem justamente do *Achan*, certamente mais antes do que

⁴⁰ O termo meme, curiosamente, foi introduzido pelo geneticista Richard Dawkins (1976) num trocadilho com o termo gene, justamente pela maneira com que, argumenta Dawkins, estes se multiplicam — de forma análoga e em ambientes que podem ser compreendidos como ecossistemas complexos (Zannetou et al., 2018).

hoje, mais especificamente do fórum /pol/⁴¹, com intuito de ofensa, e são posteriormente adotados pelo público mais geral, de forma a propagar, sem intenção e sem conhecimento das próprias, mensagens originais. Note que mesmo que a circulação dessas mensagens subliminares não tenha efeitos diretos dentro da totalidade dos grupos que as compartilham, o seu valor original é mantido nos grupos onde foram criadas, de maneira que a circulação cega das mensagens servem de combustível para elas dentro dos grupos originais. Além disso, a ignorância do não-nazista em relação a referência e memes que compartilha tem valor próprio dentro da economia neonazista que, como mencionamos na sessão “A Direita Alternativa”, se mantém num nível discursivo sempre ambíguo, por meio de ironias e humor, que implicam a inferioridade intelectual e ignorância do *mainstream*, *cuck* ou *normie* (aqueles fora da alt-right) para se manter — detendo o saber e, assim, seu poder. De fato, as conversações dentro de determinados ambientes virtuais é tão memeficada⁴² que, não sendo parte ativa e recorrente de tais ambientes, é quase impossível para um estrangeiro compreender algumas das trocas de informações que ali ocorrem.

Não é o que se dá na maioria dos casos, entretanto. O mais usual é uma dupla significação que permita que, justamente, aquele que não conheça a origem e a mensagem original de dado conteúdo o compreenda em algum nível que não o todo, de maneira a propagá-lo inocentemente. Ainda nesse âmbito, talvez um outro nível de ambiguidade esteja na carga humorística de dado conteúdo ou meme. Tomemos como exemplo uma caricatura,

⁴¹ Disponível em: <http://boards.4chan.org/pol/>.

⁴² Exemplificamos com parte de um *post* feito no *55chan*, chan brasileiro onde situa-se temporariamente a comunidade do Dogolachan — local onde possivelmente transitavam os perpetradores do recente massacre em Suzano (Declerq, 2019; Padrão, 2019). O *post* em questão, adicionalmente, discorre sobre a reação da mídia internacional e governos locais em relação à incidentes parecidos que ocorreram recentemente na Nova Zelândia e que, igualmente, estiveram associados a chans (Mandhanna & Haggin, 2019; Roose, 2019). “Basicamente, a narrativa da Grifinoria está ruindo. Na França, que era um dos países mais voltados à Grifinoria, a sonserina já angariou quase metade da população que não quer só ganhar a próxima eleição, mas realizar uma fodendo REVOLUÇÃO antes. Ganhar a eleição é um “plano B” se a total demolição do processo estatal não der certo. A Grifinoria francesa está com tanto medo do sistema como um todo simplesmente ruir que entregar a eleição virou quase uma alternativa para tentar acalmar os ânimos” (Anônimo, 55chan, 2019).

desenho, de uma personalidade a gosto. Essa única caricatura pode ter valor de humor para fãs de tal personalidade bem como, de maneira mais pejorativa, ter valor de humor para aqueles que desencontram-se com a personalidade. Ao mesmo tempo, a partir desse humor, essa caricatura pode engrandecer a personalidade própria daquele caricaturado, bem como ofendê-lo. Em ambos os exemplos, ainda que o material seja humorístico em todos os âmbitos, a carga humorística é diferente para cada grupo receptor, e essa diferença pode ser central para que determinado meme obtenha um maior alcance.

Algumas celebridades e pessoas públicas são transformadas elas próprias em *memes* ambulantes, sem ter sequer controle do que venha a significar sua imagem dentre os grupos nos quais circulam como *memes*, como Taylor Swift, Donald Trump, Jair Bolsonaro⁴³. Enquanto uns, como Swift, tomaram providências para se desvincular do movimento *alt-right*, e com sorte provocar a desassociação de alguns membros, outras, como Trump⁴⁴, notoriamente tomaram, até então, posição de aparente conciliação com as mais diversas mensagens que portam em alguns âmbitos, como no contexto neonazista, onde se encontra por todo lado a figura de Trump⁴⁵.

A apropriação ignorante das mensagens e símbolos é outra semelhança para com o modo de circulação de informação dentro do *whatsapp*, onde o constante fluxo de mensagens que são repassadas e o público alcançado é definitivamente bem mais elevado que aqueles dos *chans*. Note que nos voltamos aqui ao aspecto de comunicação em massa dos *whatsapp*, a circulação de informações, teses e notícias — em que servem como até uma sorte de mídia alternativa —, em detrimento do aspecto pessoal e de comunicação dia-a-dia. Alguns agravantes, no âmbito do *whatsapp* em contraste ao modelo do *chan*, podem ser

⁴³ Bolsonaro é protagonista, bem como Trump e Swift, de diversos artigos do portal *The Daily Stormer*.

⁴⁴ Trump que é nome de um outro grande portal de comunicação de extrema-direita, o *subreddit* The Donald, uma espécie de *fan-page* alternativa de onde sai outra enorme quantidade de *memes* de ódio. Disponível em: https://www.reddit.com/r/The_Donald/.

⁴⁵ É opinião majoritária entre estadunidenses (56%) que Trump fez pouco para se distanciar dos branco-nacionalistas (Doherty, Kiley & Johnson, 2019).

mencionados: (a) no *whatsapp*, por mais que tratem-se de mensagens repassadas e, assim, essencialmente anônimas, as mensagens são sempre repassadas por alguém, o que implica alguma personalidade na troca de informações, de modo que se mantém um senso de abdicação de responsabilidade e compromisso de um contexto anônimo, mas acrescenta-se um maior valor relacional direto à interação (Pirulla, 2018); (b) no *whatsapp*, o conteúdo das mensagens é declarado, e quase que automaticamente assumido — principalmente para o usuário com menos conhecimento da plataforma — como factual, as mensagens abarcam eventos, notícias, informações que se apresentam como descrevendo a realidade, muitas vezes num tom correspondente, de seriedade; enquanto no *chan*, como discutido anteriormente, o humor e a ironia estão sempre presentes e o conteúdo das mensagens é muito menos relacionado a um contexto cotidiano, até porque as discussões se mantêm naquele ambiente, o que nos leva a principal diferença; (c) o *whatsapp* está inserido na vida não-virtual do usuário muito mais que o *chan*. Enquanto o discurso no *chan* é um discurso alternativo inserido sobremaneira no mundo alternativo, consciente disso, o discurso no *whatsapp* pode ser igualmente alternativo, mas se passando por real, discorrendo sobre o fatos e, o pior, de fato integrado e inserido no mundo real. Ressaltamos que a distinção é sim questionável — ainda mais quando analisada da maneira simples e reduzida como fazemos aqui —, mas que existe, e que a atitude de ignorar a distinção traz seus riscos, riscos também existentes quando passa a estabelecer-se uma distância tão grande e contrastante entre esses universos — que é o caso do universo do *Daily Stormer* e da Direita Alternativa como um todo. Direita Alternativa que, de certo modo, desde o *Unite the Right* e os eventos em *Charlottesville*, tem se mostrando uma tentativa de tornar real esse universo alternativo, universo que nasceu muito mais com a cultura *chan* do que com Hitler.

Falta, então, realidade⁴⁶ na vida dos neonazistas? O fantasma pré-pronto da

⁴⁶ Lembramos que falamos em realidade sempre como resultante de um Fantasma.

contemporaneidade liberal e suas democracias não os é suficiente? Trata-se mesmo, em princípio, de um movimento político, ou ele se politiza bem depois de começar? Seria esse antissemitismo, como sugere Zizek, mais um colateral das contradições e antagonismos da infraestrutura capitalista de Marx, pelas vias do descontentamento popular com a estagnação econômica generalizada e a proposta continuada de desregulação econômica como sacrifício necessário para a superação das repetidas crises — que por sua vez provocam em alguns o raciocínio de que não há em nossas nações, devido a uma conspiração semita, espaço para aqueles que vêm de culturas tão distintas oferecendo desemprego e violência? Ou será que falamos de um processo muito mais pessoal, muito mais passional, pautado pelo ciúme quase primitivo que causa o Judeu quando invade a simbiose, agora e sempre perdida, entre o neonazista e a *Nação-Coisa*, separando-lhe do sonho totalitário apontado por Dunker em Lacan e, se lembrarmos-nos do narcisismo primário, Freud. Ou, falando em Freud, trata-se acima de tudo do seu amor pelo líder, ou do seu ódio pelo anti-líder, e sua identificação primeva/gregária? Talvez seja ainda mais simples, talvez o neonazista simplesmente não se veja parte de nada, em crise subjetiva, de quê niilístico, diante da falta, falta em si e outras faltas específicas: de propósito, de nação, de emprego e meios, de reconhecimento, de intimidade e contato, de família, de lugar... e, por isso tudo, seu ressentimento é tamanho que não há como dar-lhe sentido senão tomando emprestado, por indução, esse *objeto a* ideológico-político que, claro, só faz sentido dentro desse discurso. Discurso que, ao mesmo tempo, só se sustenta, funcionalmente, orbitando esse objeto.

5. Considerações Finais

Partimos dessas reflexões para a proposição, que agora consolidamos, de pensarmos no Judeu como função do objeto *a* no campo do totalitarismo político-ideológico, que

apreendemos aqui a partir do discurso neonazista⁴⁷. A intenção totalitária, a *visão* do totalitário, que remete ao narcisismo primário e um *Eu Ideal* perdido — da simbiose entre mãe e bebê, ou do sujeito pré-linguagem, ou até da unidade entre o sujeito democrático e a Coisa-Nação (Zizek, 1999) —, é irrealizável. A regressão é irrealizável, pois o passado, esse passado sobretudo, não existe. A realidade (não-virtual) exige fricção e a fantasia que almeja sua cessão está fadada ao fracasso. Na borda dessa fricção fantasmática, e portanto da realidade, está esse objeto e a porta que ele abre ao incômodo e fascínio do Real. No campo político a problemática dessa fantasia é excepcionalmente grave. Se num caso anterior, local, sofre um sujeito e as numeráveis pessoas ao seu redor, nesse segundo momento, de ação política, a fantasia passa a atingir incontáveis sujeitos, que destituídos de sua integralidade (Real, Simbólica, Imaginária) assumem um impreciso status novo⁴⁸, aquele do objeto *a* ideológico, e que, à visão do antissemita, totalitário, devem ser varridos, sumir. Sumir para si, mas também sumir da história, um destino pior que a morte — e não entendamos da maneira errada: as duas coisas acontecem juntas, trata-se de duas mortes⁴⁹. Os efeitos dessa fantasia conhecemos, desde o nazismo e o stalinismo até iterações mais toscas, como a Itália de Mussolini ou a Integralismo de Plínio Salgado, ou em que a totalidade não se sustenta nem no

⁴⁷ Lembramos da observação de Zizek (2013): “a figura antissemita do judeu não deve ser reificada (em termos mais ingênuos, ela não corresponde aos ‘judeus reais’), mas é uma fantasia ideológica (‘projeção’), ela está ‘no meu olho’” (p. 431).

⁴⁸ Além da fala de Hitler previamente mencionada, que localiza o Judeu dentro dele próprio, podemos expor como ilustração dessa transição uma fala de mais um associado do *Daily Stormer*: “Há uma grande diferença entre a comunidade judaica internacional, ou o judaísmo internacional [*international Jewry*], e o indivíduo judeu”, raciocínio pelo qual argumenta mais tarde que, igualmente, Hitler não odiava os judeus, e que sua batalha, por sua vez, era contra o “judaísmo internacional” (Brewis, 2016; tradução nossa). A ideia aqui é que o antissemita, já no nível do discurso, expurga o judeu ao Real, e passa a lidar com algo distinto, o Judeu, manejador da conspiração internacional. De novo, há de se perguntar se, no confronto concreto com o judeu, o neonazista de hoje se disporia ao extermínio concreto, o genocídio, como ele volta e meia sugere cogitar (cf. MacCarthy, 2017; Anglin, 2019; no primeiro documento existe até uma tese no sentido de “mover” os judeus para uma terra não-especificada, ainda que sem retirar de questão exterminá-los, enquanto, no segundo, exalta-se declarações de Erdogan, presidente da Turquia, acerca da possibilidade de ataques militares à Israel, propondo-se inclusive a *hashtag* #nukeisrael; outro exemplo é o frequentemente repostado *podcast* *The Daily Shoah* [O Holocausto Diário]).

⁴⁹ Como aquelas imputadas ao irmão de Antígona (Zizek, 2002). Uma das mortes é a morte em si, a outra é a da abjeção, do expurgo ao Real. *Antes de morrer, o judeu já estava morto* — talvez por isso nossa recordação pare usualmente no campo de concentração, quando em verdade a última parada era o campo de extermínio. Ao negar o holocausto, o neonazista à primeira vista está dizendo que a primeira morte não ocorreu, mas o que ele pretende com isso é exatamente a manutenção da segunda morte.

discurso (cf. Eco, 1995), e que em muito se assemelham ao cenário da pós-verdade contemporânea.

Sejamos mais diretos: a retórica do antissemita, como uma instância da fantasia totalitária, implica o inimigo, a conspiração, a encarnação do Mal, o Judeu. Ao mesmo tempo, ela aponta para um problema, uma cisão, falta. Devemos pensar sobre essa falta como aquela que é constitutiva? Ou falamos aqui de uma outra sorte de contradição? Trata-se de uma expressão de uma verdade histórica, ou apenas uma submissão tola a um sentimento oceânico sem pretensões reais? E importa haver pretensão? De toda sorte, é crucial para a sociedade atentar à intenção do totalitário de coisificar esse objeto, encenar sua fantasia, pois a única forma de fazê-lo é tornando-o concreto, é achando o Judeu no outro⁵⁰ e, ingênua mas efetivamente, eliminando-o — sobretudo em tempos em que o discurso totalitário habita a política. O Judeu, claro, como argumentamos, serve apenas para tampar a falta nesse discurso — e esse é o motivo por qual o chamamos de *totalitário*, e também o motivo por qual a morte do judeu nunca bastará, nem do ponto de vista do presente nem do histórico. Não é possível eliminar o objeto *a*, nem encontrá-lo, e essa é a assustadora particularidade da fantasia totalitária: no campo da política ela tem resultados concretos, o antissemita vai atrás do que acha ser seu objeto e simplesmente, primeiro em seu discurso e depois fora dele, elimina-o.

Alguns fatores nos impedem de elaborar um argumento mais conciso. De início, para a hipótese deste trabalho, foi estabelecido cedo que posição ocupava o Judeu no discurso analítico do antissemita, e assim o fantasma em questão. Acontece que o fantasma do antissemita ideal, o ideólogo, tem uma relação discursiva com o Judeu que certamente é diferente do neonazista médio, bem como muito diferente de quando não era nazista — se levarmos em questão o Judeu, e não outros objetos —, mas, e esse ponto é o mais importante,

⁵⁰ No caso do nazista e o neonazista esse outro é o judeu, mas também seus lacaios, como os “comunistas”, “negros”, “islâmicos”, “liberais”, etc. (Anglin, 2014).

a todo momento, como discutido na seção *O Judeu na Direita Alternativa*, o Judeu foge à consciência do antissemita, de forma que, se continuarmos a sustentar a hipótese de que o Judeu é objeto *a* do campo político-ideológico, e que o líder em Freud é portador desse objeto, precisamos também salientar que este objeto diz respeito a esse campo, e precisamos melhor investigar a relação entre o sujeito em outros contextos, papéis e discursos, com outros objetos, para uma melhor elaboração dos conceitos aqui propostos, o que não foi conduzido no presente trabalho, e uma melhor compreensão da relação desse campo ideológico-político com outras esferas da subjetividade.

Uma última questão essencial refere-se às causas pessoais/rationais para adesão ao neonazismo, sobretudo o aspecto da exclusão social. Num primeiro momento, a exclusão que víamos era a exclusão do judeu — representativo genérico do diferente —, que destacamos no decorrer deste artigo e que, sobretudo no plano filosófico-ideológico, é de fato central. Entretanto, dada sequência à tentativa de formalizar a dinâmica discursiva e social observada preliminarmente, o processo de exclusão anterior, exclusão social e econômica — e talvez até alguma sorte de exclusão sexual —, fez-se cada vez mais evidente, e parece-nos permear todo o movimento. Em resumo, falaríamos em algo nos moldes da relação sadomasoquista constatada por Fromm (1994) ao analisar o nazismo original, em que sujeitos excluídos, submetendo-se a uma figura autoritária qualquer, extraem prazer ao excluir terceiros, fincados e envoltos num aparato burocrático e hierárquico cuja tônica afetiva central é o ressentimento. Reconhecemos que esse processo de exclusão anterior, que é muito relevante para a compreensão da própria formação do novo grupo neonazista e as subsequentes filiações, ainda não recebeu a devida atenção de nossa parte — ainda que tenhamos tocado nele nas duas seções anteriores. O maior motivo para tal é tratar-se de um processo absolutamente interseccionado com o advento das redes sociais e como se dão as interações e relações nelas, o que impõe uma expansão significativa ao escopo da investigação, à que até

tentamos dar cabo no presente trabalho, sem muito sucesso — descrevemos o campo, mas pouco desvelamos as dinâmicas subjetivas que o habitam. Assim, pretendemos continuar esse esforço em trabalhos futuros.

6. Referências

- 55chan. (2019). *55chan/pol (Politicamente Incorreto)*. Disponível em:
<https://55chan.org/pol/2.html>. Acessado em 8 de abril de 2019.
- Anglin, A. (2014). *Andrew Anglin in London*. [Discurso em vídeo]. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=_5JtlYgrPrU. Acessado em 9 de novembro de 2017.
- _____. (2016). *A Normie's Guide to the Alt-Right*. The Daily Stormer. Disponível em:
[https://dstormer6em3i4km.onion.link/a-normies-guide-to-the-alt-right/ \(deep web\)](https://dstormer6em3i4km.onion.link/a-normies-guide-to-the-alt-right/(deep%20web)).
 Acessado em 9 de novembro de 2017.
- _____. (2018). *Daily Stormer Official Statement on the TheRightStuff.Biz Alliance with Federal Informant*. Disponível em: <https://dailystormer.name/daily-stormer-official-statement-on-the-therightstuff-biz-alliance-with-federal-informant/>. Acessado em 15 de novembro de 2018.
- _____. (2019). *Wtf, I Love Erdogan Now!* The Daily Stormer. Disponível em:
<https://dailystormer.name/wtf-i-love-erdogan-now/>. Acessado em 25 de novembro de 2019.
- Arendt, H. (1963). *Eichmann in Jerusalem*. Londres: Penguin.
- Azevedo, S. D. R. (2013). Formação discursiva e discurso em Michel Foucault. *Filogênese*, 6(2), 148-162.
- Bachelard, G. (1996). *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Baker, C. M. (2016). *Jew (Key Words in Jewish Studies)*. Rutgers University Press.

- Beiner, R. (2018). *Dangerous Minds: Nietzsche, Heidegger, and the Return of the Far Right*. University of Pennsylvania Press.
- Beller, S. (2007). *Antisemitism: a very short introduction*. Oxford University Press.
- Bergmann, W., & Erb, R. (1997). *Anti-Semitism in Germany: The Post-Nazi Epoch Since 1945*. Transaction Publishers.
- Bernstein, M. S., Monroy-Hernández, A., Harry, D., André, P., Panovich, K., & and Vargas, G. (2011). *4chan and /b/: An Analysis of Anonymity and Ephemerality in a Large Online Community*. [Conferência em texto]. Em: *ICWSM* (pp. 50-57).
- Bishop, J. (2017). Rise of the Right: Marching in Europe's Largest Nationalist Event. Vice News [documentário em vídeo]. Disponível em: https://video.vice.com/en_us/video/rise-of-the-right-marching-in-europes-largest-nationalist-event/5668210c4fe425b03b5fce4c Acessado em 9 de novembro de 2017.
- Black Pigeon Speaks. (2017). *The END GAME: WHY the WEST is LOST* [Documentário em vídeo]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cPembXZMKv0>. Acessado em 20 de set em bro de 2018.
- Brewis, H. [Hbomberguy]. (2016). *The Golden One: A Measured Response* [vídeo]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AhuJ1B0ow4/>. Acessado em 15 de novembro de 2019.
- Bullard, S. (1998). *The Ku Klux Klan: A History of Racism & Violence*. Diane Publishing.
- Burrin, P. (1997). *Political religion: The relevance of a concept*. *History and Memory*, 9(1/2), 321-349.
- Butz, A. R. (1985). *The Hoax of the Twentieth Century: The case against the presumed extermination of European Jewry*. Torrance, CA: Institute for Historical Review.
- Canguilhem, G. (1963). Dialectique et Philosophie du Non chez Gaston Bachelard. *Revue Internationale De Philosophie*, 17(66 (4)), 441-452.

- Cantwell, C. (2014). *Dez razões pelas quais os libertários podem não ser muito simpáticos com você* [artigo de opinião]. Disponível em:
<https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2746/>. Acessado em 15 de novembro de 2019.
- _____. (2018). *I Am a Federal Informant*. Disponível em:
<https://christophercantwell.com/2018/03/24/i-am-a-federal-informant/>. Acessado em 15 de novembro de 2019.
- Cardoso, L. (2010). Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 8(1), 607-630.
- Chaves, E. (2015). *O Paradigma Estético de Freud*. Em: Freud, S. (2015). *Arte, literatura e os artistas*. São Paulo: Autêntica, 7-42.
- Chaves, W. C. (2006). O estatuto do real em Lacan: dos primeiros escritos ao seminário VII, a ética da psicanálise. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 16(34), 161-168.
- _____. (2009). Considerações a respeito do conceito de real em Lacan. *Psicologia em Estudo*, 14(1), 41-46.
- Davey, J., & Ebner, J. (2017). *The Fringe Insurgency: Connectivity, Convergence and Mainstreaming of the Extreme Right*. London: Institute for Strategic Dialogue.
- Deqlercq, M. (2019). *Nos chans, se celebra o massacre na escola de Suzano*. Vice News [artigo jornalístico]. Disponível em https://www.vice.com/pt_br/article/qvya87/nos-chans-ja-se-celebra-o-massacre-na-escola-de-suzano. Acessado em 8 de abril de 2019.
- Dias, A. A. M. (2007). *Os anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na Internet*. Disponível em:
<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/279037/>. Acessado em 1 de março de 2020.

- _____. (2008). O Crime de Ódio e o Neonazismo na Internet: Análise de uma Experiência Etnográfica. *Proceedings of the Third International Conference of Forensic Computer Science (ICoFCS 2008)*, ABEAT, 69-79. Disponível em: <http://icofcs.org/2008/ICoFCS2008-full-proceedings.pdf/>. Acessado em 1 de março de 2020.
- _____. (2018). *Observando o ódio: entre uma etnografia do neonazismo e a biografia de David Lane*. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/332688/>. Acessado em 1 de março de 2020.
- Doherty, C., Kiley, J. & Johnson, B. (2019). *Majority Says Trump Has Done Too Little to Distance Himself From White Nationalists*. Washington: Pew Research Center.
- Doherty, C., Kiley, J. & O’Hea, O. (2018). *Wide Gender Gap, Growing Educational Divide in Voters’ Party Identification*. Washington: Pew Research Center.
- Duke, D. (2015). *The David Duke: Jews View all Whites as Potential Nazis w/ Kevin MacDonald*. The Daily Stormer. Disponível em: <http://dstormer6em3i4km.onion/the-david-duke-jews-view-all-whites-as-potential-nazis-wkevin-macdonald/> (*deep web*). Acessado em 9 de novembro de 2017.
- Dunker, C. I. L. (2014). *Žižek e a psicanálise*. [Palestra em vídeo]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kEbTZ0cJ1RA> Acessado em 22 de outubro de 2017.
- _____. (2016a). *O que é o Grande Outro para Lacan?* [Aula em vídeo]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WUCG06nbbBY> Acessado em 22 de outubro de 2017.
- _____. (2016b). *Seminário “As Meninas” de Velásquez e a teoria do fantasma como crítica da representação*. Seminário proferido em março de 2016 na Universidade de São

Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=UwAyuNk8tX4> Acessado em 20 de outubro de 2017.

_____. (2017a). *Christian Dunker: O Inimigo dá Sentido para sua Vida*. Faustomag [entrevista em texto]. Disponível em: <http://faustomag.com/christian-dunker-o-inimigo-da-sentido-para-sua-vida/http://faustomag.com/christian-dunker-o-inimigo-da-sentido-para-sua-vida/> Acessado em 19 de outubro de 2017.

_____. (2017b). *Bolsonaro, deita aqui no meu divã!* Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/01/07/bolsonaro-deita-aqui-no-meu-diva/>. Acessado em 15 de novembro de 2017.

_____. (2017c). *Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano*. São Paulo: Ubu Editora.

Dunker, C. I. L., Paulon, C. P., & Milán-Ramos, J. G. (2016). *Análise Psicanalítica do Discurso: Perspectivas Lacanianas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores.

Eco, U. (1995). Ur-fascism. *The New York Review of Books*, 42(11), 12-15.

Elia, L. (2000). *Psicanálise: clínica e pesquisa*. Em: Alberti, S., & Elia, L. (2000). *Clínica e Pesquisa em psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, pp. 19-35.

Fichte, J. G. (1793). *A State Within a State. The Jew in the Modern World: A Documentary History*.

Freud, S. (1921/1996). *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XI*. Rio de Janeiro: Imago.

Fromm, E. (1994). *Escape from freedom*. Macmillan.

Fox News. (2017). *Andrew Anglin ABC/FOX DailyStormer.com interview*. Fox News, YouTube. [Entrevista em vídeo]. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=_5JtlYgrPrU Acessado em 9 de novembro de 2017.

Goodrick-Clarke, N. (2000). *Hitler's Priestesses: Savitri Devi, the Hindu-Aryan Myth, and Neo-Nazism*. New York, NY: NYU Press.

_____. (2003). *Black sun: Aryan cults, esoteric Nazism, and the politics of identity*. New York, NY: NYU Press.

Hitler, A. (1939). *Mein Kampf*. London: Hurst and Blackett.

Jay-Z. (2017). *The Story of O. J.* [Vídeo-clipe musical]. Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=RM7lw0Ovzq0> Acessado em 26 de outubro de 2017.

Katz, A. (2017). *Unrest in Virginia*. Time [noticiário]. Disponível em:

<http://time.com/charlottesville-white-nationalist-rally-clashes/> Acessado em 15 de outubro de 2017.

Kawaguti, L. (2017). *Polícia de SP vê aumento de movimentação neonazista e identifica grupos*. BBC Brasil [notícia]. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-38603560> Acessado em 16 de outubro de 2017.

Kirschbaum, S. (2016). A autorrepresentação do judeu mediada pelo olhar do nacional em "Natal sem Cristo" de Samuel Rawet. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, (49), 219-232.

Krzesiński, A. J. (1945). Religion of Nazi Germany. *Rare Books and Manuscripts*, 17.

Lacan, J. (1953). *O Simbólico, o Imaginário e o Real*. Conferência proferida em junho de 1953 na Sociedade Francesa de Psicanálise. Disponível em <http://psicoanalisis.org/lacan/rsi-53.htm> Acessado em 19 de outubro de 2017.

_____. (1953-54). *O Seminário Livro I: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

- _____. (1955-56). *O Seminário Livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- _____. (1956-57). *O Seminário Livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- _____. (1957-58). *O Seminário Livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- _____. (1958-59). *Le Séminaire Livre 6: Le désir*. Staferla. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S6/S6.htm> Acessado em 22 de outubro de 2017.
- _____. (1959-60). *O Seminário Livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- _____. (1964). *O Seminário Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. (1966-67). *O Seminário Livro 14: a lógica do fantasma*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2008.
- _____. (1966-67). *Le Séminaire Livre 14: Logique du fantasme*. Staferla. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S14/S14.htm>. Acessado em 20 de outubro de 2017.
- Lagoas, J. M. (2016). *O problema da percepção na psicanálise de Freud a Lacan*. Tese de doutorado não-publicada. Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- _____. (2017). *Epistemologia, Psicanálise e Políticas do Sofrimento Psíquico*. Projeto de pesquisa não-publicado. Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- Lenz, R. (2018). *The 'Crying Nazi' from Charlottesville admits he is working with the feds*. Disponível em: <https://www.splcenter.org/hatewatch/2018/03/29/crying-nazi-charlottesville-admits-he-working-feds/>. Acessado em 15 de novembro de 2019.
- Leonardo, Z. (2004). The color of supremacy: Beyond the discourse of 'white privilege'. *Educational Philosophy and Theory*, 36(2), 137-152.

- Liautaud, A. (2017). “*The Nazi of the school*”: *The Charlottesville suspect’s high school classmates told us about his obsession*. Vice News [noticiário]. Disponível em: <https://news.vice.com/story/charlottesville-attack-james-alex-field-jr> Acessado em 14 de outubro de 2017.
- Lyons, M. N. (2017). *Ctrl-Alt-Delete: The Origins and Ideology of the Alternative Right*. Somerville, MA: Political Research Associates.
- MacCarthy, T. (2017). *Andrew Anglin interview with Tara McCarthy*. [Entrevista em áudio]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fclCPp9iIfs>. Acessado em 9 de novembro de 2017.
- MacDonald, K. B. (1994). *A people that shall dwell alone: Judaism as a group evolutionary strategy, with diaspora peoples*. iUniverse.
- _____. (1998). *The culture of critique: An evolutionary analysis of Jewish involvement in twentieth-century intellectual and political movements*. Westport, CT: Praeger.
- Machado, R. (2006). *Foucault, a ciência e o saber*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Martini, A., & Junior, N. E. C. (2010). Novas notas sobre “O Estranho”. *Tempo Psicanalítico* 42(2), 371-403.
- Maya, B. A. (2016). Psicologia das Massas: Método Analógico? *Stylus Revista de Psicanálise do Rio de Janeiro*, 32, 181-190.
- Mandhana, N. & Haggin P. (2019). *New Zealand Massacre Video Clings to the Internet’s Dark Corners*. The Wall Street Journal [noticiário]. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/new-zealand-massacre-video-clings-to-the-internets-dark-corners-11552766810>. Acessado em 8 de abril de 2019.
- Maya, B. E. (2016). Psicologia das massas: método analógico? *Stylus (Rio de Janeiro)*, (32), 181-190.

- Meteoro Brasil. (2019). *Tudo o que você precisou desaprender para virar um idiota*. São Paulo: Planeta.
- Musial, J. (2017). *This Is What Happens When 6,000 Neo-Nazis Get Together*. Vice News [noticiário]. Disponível em: https://www.vice.com/en_ca/article/mba43x/this-is-what-happens-when-6000-neo-nazis-get-together. Acessado em 8 de abril de 2019.
- Nagle, A. (2017). *Kill All Normies: Online Culture Wars From 4Chan And Tumblr To Trump And The Alt-Right*. Zero Books.
- Neusner, J. (2006). *Judaism: the basics*. Routledge.
- Neves, T. I. (2010). A Fundação da Psicanálise e a Epistemologia da Deformação. *Interação em Psicologia*, 14(1), 115-122.
- O'Brian, L. (2017). *The Making of an American Nazi*. The Guardian [noticiário]. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2017/12/the-making-of-an-american-nazi/544119/>. Acessado em 22 de outubro de 2018.
- Orlandi, E. P. (2005). Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. *Revista Estudos da Língua(gem), Vitória da Conquista* (1), 9-15.
- _____. (2006). *Análise do Discurso*. Em: Orlandi, E. P., & Lagazzi-Rodrigues, S. (2006). *Introdução às Ciências da Linguagem: Discurso e Textualidade*. Campinas: Pontes, 2006, pp. 12-28.
- _____. (2015). *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.
- Padrão, M. (2019). *Chan, incel, dark web: entenda os termos ligados ao massacre de Suzano*. UOL Notícias [noticiário]. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/tecnologia/noticias/redacao/2019/03/14/chan-incel-dark-web-entenda-os-termos-ligados-ao-massacre-de-suzano.htm>. Acessado em 8 de abril de 2019.

- Persily, N. (2017). The 2016 US Election: Can democracy survive the internet? *Journal of democracy*, 28(2), 63-76.
- Pew Research Center. (2013). *Jewish essentials: For most American Jews, ancestry and culture matter more than religion*. Disponível em: <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2013/10/01/jewish-essentials-for-most-american-jews-ancestry-and-culture-matter-more-than-religion/> Acessado em 19 de outubro de 2017.
- Pinker, S. (2000). *Battling Bad Ideas*. Slate. Disponível em: <http://www.kevinmacdonald.net/pinker.htm> Acessado em 18 de outubro de 2017.
- Potok, M. (2017). *Donald Trump, 'Fake News' and the Rise of White Nationalism*. Em: Southern Poverty Law Center. *Intelligence Report, Spring 2017* (162), p. 2.
- Quinet, A. (1997). *O olhar como um objeto*. Em: Feldstein, R., Fink, B., Jaanus, M., & Estrada, D. D. *Para ler o seminário 11 de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, pp. 155-153.
- Ray, R. (2017). *The Krypto Report – Episode XXII: The Charlottesville Putsch*. [Podcast em áudio]. Disponível em: <http://dstormer6em3i4km.onion/the-krypto-report-episode-xxii-the-charlottesville-putsch/> (*deep web*). Acessado em 9 de novembro de 2017.
- Redles, D. (2005). *Hitler's millennial Reich: apocalyptic belief and the search for salvation*. New York: NYU Press.
- Reeve, E. (2017). *Charlottesville: Race and Terror*. Vice News [documentário em vídeo]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RlrcB1sAN8I> Acessado em 17 de setembro de 2017.
- _____. (2018). *The Alt-Right Is In Shambles One Year After Charlottesville* [vídeo]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mwmmr2QMLuWY/>. Acessado em 15 de novembro de 2019.
- Reich, W. (1970). *The mass psychology of fascism*. Macmillan.

- Rivera, O. (2018). *Zuckerberg Puts Its Claws in Brazil: Bolsonaro's Son and Hundreds of Thousands Banned From WhatsApp*. Disponível em: [https://dstormer6em3i4km.onion.link/zuckerberg-puts-its-claws-in-brazil-bolsonaros-son-and-hundreds-of-thousands-banned-from-whatsapp/\(deep web\)](https://dstormer6em3i4km.onion.link/zuckerberg-puts-its-claws-in-brazil-bolsonaros-son-and-hundreds-of-thousands-banned-from-whatsapp/(deep%20web)). Acessado em 22 de outubro de 2018.
- Roose, K. (2019). *A Mass Murder of, and for, the Internet*. The New York Times [noticiário]. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/03/15/technology/facebook-youtube-christchurch-shooting.html>. Acessado em 8 de abril de 2019.
- Rosa, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista mal-estar e subjetividade*, 4(2), 329-348.
- Rosa, M. D., & Domingues, E. (2010). O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Revista Psicologia & Sociedade*, 22 (1), 180-188
- Rose, P. L. (2013). Renan versus Gobineau: Semitism and Antisemitism, Ancient Races and Modern Liberal Nations. *History of European Ideas*, 39(4), 528-540.
- Roudinesco, E. (2009). *Our dark side: A history of perversion*. Polity.
- Safatle, V. (2020). *Maneiras de transformar mundos: Lacan, política e emancipação*. Autêntica.
- Sartre, J. P. (1948). *Anti-semite and Jew*. New York, NY: Schocken Books.
- Simon, M. (2020). *White supremacist Christopher Cantwell arrested* [notícia]. CNN. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/01/23/us/white-supremacist-christopher-cantwell-arrested-soh/index.html/>. Acessado em 31 de janeiro de 2020.
- Sol, A. (2020). *Men Can Now be Forced to Become Fathers Against Their Will Through In-Vitro Fertilization, Forced to Pay Up*. The Daily Stormer. Disponível em:

<https://dailystormer.su/men-can-now-be-forced-to-become-fathers-against-their-will-through-in-vitro-fertilization-will-still-have-to-pay-for-everything/>

Soprana, P. (2017) “*Há um aumento sistemático de discurso de ódio na rede*”, diz diretor do

SaferNet. Época [notícia]. Disponível em:

<https://epoca.globo.com/tecnologia/experiencias-digitais/noticia/2017/02/ha-um-aumento-sistematico-de-discurso-de-odio-na-rede-diz-diretor-do-safernet.html>.

Acessado em 16 de outubro de 2017.

Sprager, E. (2017). *America Became 1984 In 1964*. AlternativeRight.com. Disponível em:

<https://altright.com/2017/10/11/american-became-1984-in-1964/> Acessado em 16 de outubro de 2017.

Stackelberg, R. (2007). *The Routledge Companion to Nazi Germany*. Routledge.

Stanley, J. (2018). *How fascism works: The politics of us and them*. Random House.

Three Arrows. (2018). *Does the West HATE Itself? - A Response to Black Pigeon Speaks*

[documentário em vídeo]. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=QbLzVZysFyM>. Acessado em 20 de setembro de 2018.

Topel, M. F. (2015). Terra Prometida, exílio e diáspora: apontamentos e reflexões sobre o caso judeu. *Horizontes Antropológicos*, 21(43), 331-352.

Waddington, L. (2007). *Hitler's crusade: Bolshevism and the myth of the international Jewish conspiracy*. London: Tauris.

Williams, K. (2017). *What We Know About James Alex Fields, Driver Charged in*

Charlottesville Killing. The New York Times [noticiário]. Disponível em:

<https://www.nytimes.com/2017/08/13/us/james-alex-fields-charlottesville-driver.html>. Acessado em 15 de outubro de 2017.

- Wilson, J. (2017). *Man charged with murder after driving into anti-far-right protesters in Charlottesville*. The Guardian [noticiário]. Disponível em:
<https://www.theguardian.com/us-news/2017/aug/12/virginia-unite-the-right-rally-protest-violence>. Acessado em 15 de outubro de 2017.
- Žižek, S. (1991). *O Mais sublime dos histéricos: Hegel com Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. (1992a). *Looking awry: An introduction to Jacques Lacan through popular culture*. MIT press.
- _____. (1992b). *Eles não sabem o que fazem: O sublime objeto da Ideologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. (2002). *Did somebody say totalitarianism?: Five interventions in the (mis) use of a notion*. Verso.
- _____. (2009). *Anti-Semitism, Anti-Semite and Jew*. Palestra proferida na European Graduate School EGS, Saas-Fee, Suíça. Disponível em
<https://www.youtube.com/watch?v=IPs6F9Niq4s> Acessado em 18 de outubro de 2017.
- _____. (2013). *Menos que nada: Hegel e a Sombra do Materialismo Histórico*. São Paulo: Boitempo.
- _____. (2017). *Populism as a way to disavow social antagonism*. [Palestra em vídeo]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IJFr8vtHAd4> Acessado em 2 de novembro de 2017.

APÊNDICE – Transcrição dos Discursos

Charlottesville Race and Terror:

— Hoo! Hoo! Hoo!

— You will not replace us! (...) You will not replace us! (...) You will not replace us!

— Jews will not replace us! (...) Jews will not replace us! (...) Jews will not replace us!

— Blood and soil! (...) Blood and soil! Blood and soil! (...) Blood and soil! (...) Blood and soil! (...) Blood and soil!

— Whose streets? Our streets! (...) Whose streets? Our streets!

— No Nazis! No KKK! No Fascist USA! (...) No Nazis! No KKK! No Fascist USA! (...) No Nazis! No KKK! No Fascist USA! (...) No Nazis! No KKK! No Fascist USA!

— White lives matter! White lives matter!

— Black lives matter! Black lives matter! (Counter protestor clearly fearful).

— I got maced man.

E — You got maced?

C — Yeah.

E — By who?

C — By commies! (Cantwell is, panting and shirtless, been thrown water (?) at by supporters).

AF — You trying to figure out what's going on now? It's too late, bro! (...) Y'all just be ready for tomorrow. Y'all couldn't help the couple people that was out here tonight. (...) Just be ready tomorrow, at least!

*** (2:20)

C — Who drove how long to get here?

— 12 hours in our car. We've been driving from north of the border, so.

C — Oh, you came down from Canada-stan. (...) If I was doing the Radical Agenda in Canada, I'd probably be arrested for it, right?

— Well, in Canada, hurting people's feeling is basically illegal. I mean, it's not *really criminal*, but—

C — Unless they're white males.

E — So, when did you get into, as you said, "the racial stuff"?

C — When the — *Trayvon Martin* — case — happened, you know, Michael Brown, an-and Tamir Rice and all of these different things happened — every single case, it's some little — black — asshole behaving like a savage and he gets himself in trouble — shockingly enough.

W-w-whatever problems I might have – ah – with – ah – my fellow white people – ah – th-they generally are not inclined to such behavior, and, you know, you’ve gotta take that into consideration when you’re – when you’re thinking about how to organize your society.

E — I mean, Oklahoma City...

C — Okay, so exactly — you have to go back to Oklahoma City to talk about a white act of terrorism.

E — Elliot Rodger, Dylann Roof...

C — Okay... [still dismissive] So now you’ve managed to name three people — and I’m pretty sure Elliot Rodger wasn’t explicitly white, by the way — but the thing is, you remember the names of white bombers and mass shooters, okay? (...) Can you tell me the names of all 19 hijackers on 9/11 – off the top of your head? (...) You can remember Dylann Roof’s name, you can remember—

E — We were asking whether white people were capable of violence.

C — I didn’t say capable! Of course we’re capable! I’m carrying a pistol, I go to the gym all the time. (...) I’m *trying* to make myself more capable of violence. (...) I’m, I’m here to spread my ideas, talk, in the hopes that somebody more capable will come along and do that. (..) Somebody *like* Donald Trump, [but] who does not give his daughter to a Jew. [Smiles].

E — So, Donald Trump, but, like... more racist.

C — A lot more racist than Donald Trump. (...) I don’t think you can feel about race the way I do and watch that *Kushner bastard walk around with that beautiful girl*, okay?

E — Can you talk a little more about the right adopting the politics, or the political style, of the left?

C — We don’t have the camaraderie, we don’t have the trust level that our rivals do. And that camaraderie and trust is built up through activism, and it is one of the tactics that we’re adopting.

*** (4:20)

— We’re here! We’re gay! We fight the KKK! (...) We’re here! We’re gay! We fight the KKK! (...) We’re here! We’re gay! We fight the KKK!

— Fuck you, faggots! (...) Fuck you, faggots!

— So, we just saw some rival chants. These are some of the alt-right groups lined up.

— Fuck you, faggots! (...) Fuck you, faggots!

E — They’re supposedly here to protest the removal of a statue of Robert E. Lee, but they’re really here to show that they’re more than an internet meme — that they’re a big, real presence that can organize in physical space.

*** (5:20)

E — So that alt-right is very organized. They have a lot of numbers, they have shields, they have protective gear, like helmets. (...) We've seen tear gas, water bottles, eggs thrown.

AF — Go home, you motherfuckers!

— Fuck! Fuck! Fuck! (...) Motherfuckers!

— Back off! Back off! (...) Back off on the steps, back off on the steps!

— What the fuck? What the fuck!? (Lady to nationalist wielding a bat.)

C — I should pour it on my face? (He turns to the camera, bottle in hand, starts pouring the anti-mace liquid on his face.)

E — What just happened?

C — They maced me.

E — Who?

C — I don't know! (...) Communists.

— It's the second time in today's. (Guy yells so the camera hears it.)

C — It's the second time in two fucking days.

— Hey man, they're afraid of you! You got too big! (Random guy to the record again).

C — FUCK! (Still pouring thing on his face).

— Heil Cantwell!

— Heil Cantwell! Haha!

C — Can I have water to drink? (...) Thank you.

E — So, riot police are coming, we're being told to disperse. Some of the alt-right are being pushed out.

It's about a half an hour before the speakers are supposed to start.

The alt-right are marching to McIntire Park, it's the alternate park that they were being pushed to earlier this week.

C — We're here obeying the law. We're doing everything that we're supposed to do, trying to express opinions. And the criminals are over there getting their way. And that is a — that is a *foundational* problem in our society, and whatever you think of my opinions, that's going to be something that puts *you* in danger. (Points to the camera).

R — Yeah, and that is because this city is run by Jewish Communists and criminal niggers. That's exactly what it is.

C — That's true.

R — So you're the true non-violent protestors?

C — I'm not even saying we're nonviolent. I'm saying that fucking we didn't aggress. We did not initiate *force* against anyone.

We're not nonviolent — we'll fucking kill these people if we have to.

*** (7:13)

— C'mon, everybody in!

E — All right, all right, all right.

All right, let's go, let's go.

— Do we need more people in here?

C — We've got VICE in here.

— *Is this the fucking media right here?*

C — Yeah, exactly. Fucking VICE jumped in the fucking van.

C — Open the door and let him out — if we gotta kick the media out, we do! (...) Okay? Okay.

— He's your guy?

E — Why don't you tell me what you think?

R — Huh?

E — What do you do for the Daily Stormer?

R — I am a feature writer, I do Crypto report — ah — I'm generally their man on the ground at events.

E — So — ah — what do you hope to get out of today? Like, w-what, why, what does it mean to you?

R — Well, for one thing, it means that we're showing to this *parasitic class* of anti-white vermin that this is our country, this country was built by our forefathers and sustained by us. It's going to remain our country.

I believe, as you can see, we are stepping off the internet in a big way. (...) Ah, for instance, last night at the torch walk, there were hundreds and hundreds of us.

People realized that they are not itemized individuals, they are part of a — a larger whole — because we have been spreading our memes, we have been organizing on the internet, and so now they're coming out. And now, as you can see today, we greatly outnumbered the anti-white, anti-American *filth*.

And, at some point, we will have enough power that we will clear them from the streets forever — that which is degenerate in white countries will be removed.

E — So you're saying showing up in physical space lets people know there are more like them?

R — We're starting to slowly unveil a little bit of our power level. You ain't seen nothing yet!

*** (8:50)

— A state of emergency's been declared, so they shut down the protests in Emancipation Park. They've moved to this park, McIntire Park, but we don't know if it's going to happen. We don't know if the police will allow them to continue.

— I need to speak to the police captain immediately. (N talking to police on the phone)

Right now we have guys – right now we have people on the ground at the statue with equipment, and they’re being told they’re not allowed to have a vehicle come through and pick them up, or anybody come and pick them up.

I’m about to send at least 200 people with guns to go get them out, if you guys do not get our people out.

Thank you, tell them to call me. They have my number.

*** (9:27)

D — We had a federal court order.

We had a federal court order to have this – to have this rally, and – also – we had an order that we could have, obviously, equipment – like – w-get in the car, let’s get out of here.

We had speaking permits, we had – they wouldn’t even let us hook up our microphones on our speakers, they – because, because they don’t want our speech because we’re telling the truth. (...) About the ethnic cleansing of America, and the *destruction* of the American way of life, and a new *Bolshevik*-style society with no freedom, no freedom of speech, in this country. (...) That’s really where we’re going in America, and that’s gotta change.

See y’all later. (...) We *will* be back.

*** (10:12)

H — The Governor’s declared a state of emergency, so any assemblies are now unlawful.

So the left wasn’t able to beat us, the left, who are the boot boys of the capitalist class and the bourgeoisie and the status quo. (...) So, they weren’t able to beat us with their armed, militant left-wing radicals, so they had to turn to the state. (...) If that doesn’t go to show that the radical left, the corporations, the state, are all on the same Jewish side – a moment like this proves it.

E — Can you tell us a little more about the organizing tactics you guys have used?

— Sure, primarily following the European example of Golden Dawn, the Nordic resistance movement, and other organizations that really are at the vanguard of nationalist organizations in the world. (...) Be able to coordinate over a large area, to bring our people together.

This is the largest nationalist rally in over *two decades* here in the United States. (...) It’s incredibly exciting. (...) If you look at what’s happened, they’ve had to bring in leftists from around the entire country to try and stop us. (...) And now, we’re continuing, we’re gonna keep having a great time, and we’re gonna keep fighting.

*** (11:13)

— Whose street? Our street! Whose street? Our street!

E — I don’t know how many people are hurt, but there are people on the ground being treated by the medics. There were people running up the streets, screaming and crying. There’s many people on the side, injured too.

It was a really horrific sound.

*** 17:20

— Shame! Shame! Shame!

— Garbage! Filth! Filth!

— Come out a little closer, Jason! Come out!

Jason Kessler — It really is a sad day in our constitutional democracy, when we are not able to have civil liberties, like the First Amendment.

That's what leads to rational discussion and ideas breaking down and people resorting to violence.

— Fuck off, Jason! Get the fuck out of here, man.

— Indict for murder now! Indict for murder now!

He invited these people – indict for murder now!

— Get back!

— No, I'm with you!

Oh, you like Nazis?

— Nazis go home! Nazis go home! Nazis go home! Nazis go home!

*** 19:10

C — Alright, so, I came pretty well-prepared for this thing today.

Kel-Tec P3AT, .380 ACP.

Glock 19, 9 millimeter.

Ruger LC9, also 9 millimeter.

Oh, and there's a knife.

Well, I actually have another AK in that bag over there.

Ah, you can lose track of your fucking guns, huh.

I'd say it was worth it.

(...)

We knew that we were going to meet a lot of resistance.

The fact that nobody on our side died, I'd – ah – I'd go ahead and call that – points for us. The fact that – none of our people – killed anybody unjustly, I think, is a plus for us. Ah – and I think that we showed our rivals that we won't be cowed.

E — But the car that struck a protester, that's... unprovoked.

C — That's not true and you know that it's not true.

You've seen the video, so...

E — I've seen a video. I don't know much about it.

Can you describe what the video appears to show?

C — Ok, so, the video appears to show someone striking that vehicle. When these animals attacked him again, and he saw no way to get away from them – except to hit the gas. Ah – and sadly, because our rivals are a bunch of *stupid animals*, who don't pay attention, they couldn't just get out of the way of his car and some – and some people got hurt. And that's unfortunate.

E — So you think it was justified?

C — I think it was more than justified.

I can't believe – the amount of restraint that our people showed out there, I think was astounding.

E — What do you think this means for the next alt-right protest?

C — I say it's going to be really tough to top, but we're up to the challenge.

E — Wait, why? Tough to top? I mean, someone died.

C — I-I think that a lot more people are going to die before we're done here, frankly.

E — Why?

C — Why? Because people die every day. Right?

E — But... not, like, of a heart attack – I mean a violent death.

C — Well, people die violent deaths all the time, right? Like, this is part of the reason that we want an ethno-state, right? – So, like, the-the blacks are killing each other in staggering numbers from coast to coast, we don't really wanna have a part of that anymore.

And so, the fact that they resist us when we say – “Hey, we want our homeland” – is not *shocking* to me, alright?

These-these people *want* violence and the right is just meeting market demand.

Andrew Anglin in London:

/ = troca de encadeamento (pequenas pausas, muitas vezes substituindo o que seriam vírgulas na escrita)

– = pausas menores *entre* ou *nas* próprias palavras (normalmente fora de lugar e enquanto ele lê; são interrupções, falhas, mas com uma certa consistência mantida forçosamente numa espécie de *ligadura*; diferente do gaguejado normal)

- = gaguejado

() = observações nossas

abc = entonação especial

(p) = prolongamento da pronúncia (quando este não é pontual e abarca toda a palavra)

(f) = comprimento da pronúncia (quando este não é pontual e abarca toda a palavra)

Well, thank you all very much.

It's wonderful to be here / in England / this is my first time / in London / ah / walking around / um / I'm confused about what English nationalists are so worried about. This—this city is half white (he jokes worryingly with a serious tone, pauses for laughter — audience is male, they laugh and clap).

As long as the British keep marrying four wives and having 15 kids each, in another 20 years this is gonna be a European city! (he's more tranquil in this joke, he knows they're going to laugh — they laugh and applaud).

Okay, so / um / I wrote a speech, and I thought it was boring, so I completely rewrote the whole thing / a couple days ago when I was in Greece event / Greece for a week so (very odd phrasing here).

Um. Sooo. I'm gonna have to read from the page / here / cause' I don't have the whole thing memorized.

I want to start out by saying I'm the last person you would expect / to be—come the most extreme man in the world.

Um, I grew up very liberal / ah / you know / I guess everybody does / in my age range. I'm 29 / um / n' was something of a—casualty of the—the education system and—and the culture / and everything else / in America.

So, um, I-l-i-i-i-i-a-I had it in my *mind* / in my-my *teenage years* that I wanted to understand / th—the *world*, understand what was going on / um / and so I / worked / through / many different / ideologies / read anything I'd get a hold of, listen to anybody entertain any type of ideas [that] were presented to me. Um. What I-uh—the—the final conclusions that I came to(p) / where that—/ it's necessary to have an *extreme* / version of conservatism / what I've called traditionalism / others—they've also called it that / obviously. Um / this is the only way we're going to save / Western civilization / and—d the human race / the white race, in particular.

Um. We / ah(p) / we're reaching(p) / a point where this is gonna to become clear / to(p) / everyone / I think / ah / that there's—/ you know / you're either *with* us or *against* us.

Um. So. We're approaching a point where the lines will be clearly drawn and each individual will have to *choose* which side they're on / either an individual will support the restoration of the European *men(p)* / or he will support his complete *annihilation* / and replacement with non-white savages who[‘ll] predominantly be driven by Islam.

It is along these lines that the greatest war which has ever taken place is emerging. This is a war that is between—that is *not* between Nations or governments, but

between two *diametrically* opposed ideologies: that of liberalism and that of traditionalism.

(applause)

This is a war which may / and probably will / involve / open violence, but / which has / its primary battlefield / in the-in the hearts and minds / of individual / people / maybe even the *soul* / of-of *human beings* / of our / brothers and sisters: the European people.

The stakes cannot be higher—if we fail / all future generations will cease to be.

The greatness of Europe, our millions of years of cultural, spiritual and genetic development / will be wiped clean from the face of the earth.

This is the eternal death / where we will not be reborn through our children / but all memory of us will be erased.

So, my speech is titled / the resurrection / of history.

Um. There was a(p) / neoconservative / Japanese-American / named / Francis / Fukuyama / who wrote an *essay* after the Berlin Wall / came down / and titled [it] the end of history / and what he / asserted / was that / liberal democracy will be the *last* and *eternal* form / of / human civilization. That [would] spread out and cover the entire world. Uh, there would be no more ideological conflict, as no real ideology is maintained / under liberal democracy.

Gradually, interdependence would lead to a one world system where war / and even cold war / was impossible.

(5:00) And for a while / it looked as though this would prove true.

Ah. When 9/11 happened / a lot of people said that that was / you know / it had been proved false, but that was more / ah / just-just more of the same th-that Islam was one more / *hurdle* / for liberal democracy to have to / ah / to dominate / ah / but I believe that *now* this is proved wrong / as we have / the rise of / *far-right ideologies* / within-within Europe / not so much, really, in America / but we'll get to that later.

Ah—In the next 20 years, this conflict, which's just now *begun* / will reach ahead.

We, the European men, will have restored ourselves or we will have lost-uh-n' the game will be over.

History has been resurrected / and we enter now the age of the greatest discontent / the final battle for the soul of Europe / in which everything will change regardless of **whether or not we win or lose.**

And there're only two possible outcomes: either the *Jews* / and their / *brown hordes* / conquer and subdue Europe / or they don't.

As an Asian / Fukuyama's mind saw a stable / order / we can see an historical Asia balance and order was considered the most important achievement of society. China and Japan did not progress past the Middle Ages / not because / they were incapable / but because they had found an ordered *balance* / ah / which could've continued indefinitely if it-t'was not upset by European / colonialism.

The reason that modern-modern liberalism was seen as capable of providing a universal order / was that it was universally *appealing* / to all people.

The pure materialism of modernism is *seductive* / and there it offers liberation from all *responsibility* / seemingly without consequences.

It encourages / *indulgence* / in base biological drives / in place of restraint and adherence to *higher* / values / higher spiritual values (c).

Such *order-disorder* / was / indeed capable of establishing itself rapidly in the West, after the first war / spreading out like a virus / after-after the second war rather / spreading out like a virus through entertainment media, which shamelessly encouraged all forms / of decadence and depravity—in depravity / implicitly indicating that no consequences for this behavior could *exist*.

Women were told they could boost their *egos* and indulge their drive for affections of / *men* / by using their bodies to control men. Men were told they could have unlimited sex partners / what this amounted to / for both sexes / was an *end* of responsibility.

An embrace of everlasting / fun.

It was endless / *adolescence* / to be teenagers / forever.

The period of *adolescence* / as some here / may even / remember / is the most intense period of the human life. Hormones *rage* / and everything is new / and exciting as everything about our bodies and our minds *changes*.

We've been sold on the idea that this excitement and novelty of *change* can be preserved *forever* / and lead to something / other / than complete personal *emptiness* and *nihilism*.

Along with this sexual liberation, both sexes were guaranteed unlimited *stimulation* / via entertainment *media* / and *material objects*.

Hollywood films, rock music, microwave ovens, designer jeans / [and] an endless stream of technological gadgets / would ensure that no one ever got / bored / even when there were more *taboos* left to break.

The concept of / *progress* / removed the / idea / that we were somewhere / replacing it / with the idea that we were / *going* / somewhere.

We would be *born* / again and again and again / the means of the / so-called / *progress* somehow becoming an *end* / in themselves.

The post-war obsession with science fiction (sobe um pouco o tom), which continues today / clearly represents th-this *compulsive / obsession / was seeking the new / and this drive is plainly indicative / of a state of / complete / dissatisfaction / and insatiable lust for the novel.*

The *lie* at the *core* of modern liberalism is the promise of unlimited novelty(p).

Though the universe may or may not be *finite*, man and his capacity to experience is indeed *finite /* and it is here that the problem arises.

In *addiction / to / hyper stimulate-/stimulation /* this concept of being reborn through change has led to a state of constant *wanting /* with satisfaction and unreachable *goal* as each new experience leads only / to further / desire. We have become addicted to the *hype*. We are / slaves / to our own / insatiable lust for the new.

(10:06) So, in / *sexuality /* which is / obviously what our society is now completely *obsessed with /* it's very easy to see / ah(p) / how this *goes*. We've-we very quickly gone from the 1960s s-sexual(odd pronunciation) / revolution / ah(p) / that the *Jews / /* foisted upon us.

Ah(p). We're(p) / you / know *before that /* men were satisfied with their-with their wife / there wasn't really / a lot of / problems / um / a lot of *sexual neuroses /* like we have *now...* So it went very quickly from-from(p) / from *promis-cuity /* into these new / weird forms / of sex(f) we now have.

Homosexuals getting married (?) / this is just / clearly *bizarre /* I mean anybody-anybody (he laughs) (applause) anybody—(applause)

A hundred years ago / if-f you would have told somebody that-t / you know / in the future / *men* would be *marrying* other *men /* you know / y-you would have seemed *insane* (laughs) / and I / think that / with all this *stuff /* I mean the *invasion* the Muslim hordes, we fought these people for how long? Greece and Bulgaria / all the way up to Hungary / w-were conquered by these people / and now we *invite them in?* And give them free everything so they can / rape women on the streets?

Ah. All of this stuff / when you take a step *back /* it's *insane*.

Um. So, now / we have / p-promotion of / *pedophilia /* which they-the dsm-5 / I guess / had-had listed it / as a / *sexual / orientation /* which means / you know / it's-it's the same thing as homosexuality / that's exactly what they did / with homosexuality / and / ah / gender identity disorder. They changed it from(p) / being classified / as a / ah / as a mental illness, to being classified as a / quote / ah(p) / *orientation*. So, they tried to do that / with pedophilia [but] people / flipped out / and said / what do you mean[?]. So, they removed that / um / but that's / you know / that's coming / it's / once you-once you break the-/ah-/the barrier it's-it's open for *anything*. It's the same thing with-with *bestiality /* this-this / this is *clearly //* on the way and there's all these groups / that / you know // are advocating for that.

Um. People don't really remember / I guess it's selective / memory then / during the homosexual revolution / in the 90s / when they got all these special *rights* / they were also /

demanding / ah / the age of *consent* / an-and th-there was an organization called Nambla (?) / who the *jew* / *Allen Ginsberg* was / very / heavily *involved* in / which was *advocating* / y-you know / sex with *boys* / and *Allen Ginsberg* wrote *poems* about *this* / and then was invited to / eh / speak at / Universities afterwards.

So the whole thing is / is *nuts*.

Um. If we were to travel beyond the *stars* and find green women to have sex with / as the *Jew Gene* / *Roddenberry* / promised we would / Star Trek / (laughs) will th-would the orgasm *feel* better? (laughs) w-would this-would this be the end of our *longing*? How many new species of *aliens* / we need to discover each week / in order / to ensure we were sexually satisfied? (laughs)

So(pp) / ah / it's a-it's a simple place to look—sex is a / base / *drive*(p)/ that's been *exploited* and turned / into this / *psychotic* / *neurosis* / when-n / *Schopenhauer* / [whom] we should have listened to / said tha-/ these-these drives that they *cannot* be fulfilled. That base drives / same thing with these / *huge* / *fat* / people. They / keep-/ they just keep on eating. They-they can't / be *satisfied* / um / and / in / with *drugs* we see that to / I mean / I guess that's the most obvious example / there's no point at which you've had enough heroin / I mean / it just keeps going.

Um. So. So the-the *logical* thing would've been t-to deny these drives, as our ancestors did / in order to / maintain / *society* / but *Freud* told us that was the wrong thing to do, so / I guess we got to listen to the Jews // (laughs)

So. People / do not even / go into this / homosex-uality / or whatever kind of / weird thing / dressing up like women and saying that you're somehow a woman / ah / the-the-the people who *don't* do that / tend to(p) / defend *it* / ah / just-just because it's *new* and it's *different* / it's like / well / oh / I guess so we'd better do it! (15:00) Um / it's the same thing with-with / *miscegenation* / it's now / ah / just popular because / well / [it's] something *new* something *different to try* / *can't get bored* (he mimics this character he's describing).

Um(p) / it was interesting to see *Obama* / and his campaign used the word *change* over and over again, without ever really talking about what the change *would be* [?] / it was just / uh / just a *buzzword* / to say / 'cause people were like *yeah* / *something different* / *let's go with that* (laughs)

Um / so / th-the obvious difference was his / *skin* / color / I mean / that's / something different (he jokes; laughs).

So / Uh / ehh / the first black president like the first, like man on the moon or the first / *gay* / marriage / was celebrated not because it had any / intrinsic meaning / but simply / because it was *different*.

Um. One change would lead to another and we would *move* somewhere / and so the-
the rise of / drug abuse / is / even / further proof / of the lack of an ability to(p) /
satisfy ourselves.

No longer [are] the chemicals / in our *brain* / capable of providing *satisfactory* / *range* /
of sensation / may need to be augmented and *assisted* with increasingly dangerous
chemical compounds / lest we slow down and be forced to ask ourselves / what it is
that's / happening in the world.

We can also see now the Jew Ray Kurzweil / telling us that we will soon *merge* with
machines / that our *brains* will be *digitally augmented* / and we will enter / into / an
eternal dreamland / of novelty(p) / and stimulation(f) / this is called *transhumanism* /
and Ray Kurzweil is kind of the-/the figurehead for this / weirdness.

Um. It is difficult not to notice / the *reality* that before / in the old times / we were
satisfied doing the exact same thing / our father did / and his father before him and his
before him. Each stage of life, from infancy to old age was / lived in / full / embraced /
and this was / novel enough / to keep us satisfied as / human beings.

The purpose of life, rather than to be constantly *stimulated*, was to start and finish / a
process of / *becoming* what it was we were *born to become* / for each person / this
would have been slightly different / but each was given the necessary *tools* / for
reaching personal fulfilment.

Men died / without regret / knowing that their *children* would go on to do as they did /
and their children would do the same / and in this way / they would live forever.

(Applause)

So, *now* / I'm-I'm sure it's the same here as in America / you have an *obsession* / with
not dying. People will *spend* / you know / they work their whole lives / and save
something / to give to their kids / and then they get some form of cancer / and they'll
spend / *all* the money they save / millions of dollars sometimes / to try and get an
extra six months on to their *life* / um / because we-we n-no longer have a(p)-have a
belief in anything / *beyond* / this life(f) / that there's any *higher* / *value* / to *anything*.
This concept has been / *removed* / as we've been submerged / into / *decadent* /
materialism.

Um. // People / were links / in an / *eternal chain* / knowing that without having done
their duty the chain would be broken / each one of our ancestors, going all the way
back to the *beginning* / has been absolutely *necessary* / in order for / all of us to *exist* /
it's kind of an obvious(p) *thing*, but, I mean / when you think about it it's pretty
amazing. You know that-the existence / of any / individual / is a(p) / something of a
miracle / that all these people / lived / to(p) produce(f) / *children* / for / millions of
years.

Um. Presently we have a / s-serious phenomenon / among(p) / *Western women* /
where once they reach the age of perhaps 28 or 30 / they begin to develop / *serious* /

psychological / *illness* / as they realize that they're limited in their time to produce a child.

In their teens and 20s they are convinced by the liberal Jewish establishment / and then /-succeed in convincing *themselves* / that there is more to life than birthing children. The system tells them / you could *be* a breath-a bank-a *branch* / manager (laughs) or perhaps / go on a journey through / Asia / and do / meditation / at an Indian temple. You might even be able to be a *fashion* designer. Why on earth would you want a baby? (laughs) (20:00) And after all, if you're going to get married and settle down, you're going to need to find / a / *soulmate* / who through some supernatural ability is able to make you excited all the time (laughs) like in the romantic comedies. You can't just settle for any old *working man*, you will become bored! This *soulmate* could take 60 years to find. (laughs) Do not rush it. / There's a whole world out there which involves all sorts of interesting things.

So these confused women, they have repeated abortions / or / you know / maybe they succeed with condoms / and oral contraceptives / I don't know / I-I think-th- / probably that / doesn't work very well / but they(p)-they succeeded not having children / um / chasing this-this carrot(f) / that / there's some / future satisfaction, that they're gonna have something-something in-uh the (p) / in the future.

Ah. Until they-they reach the age / when / when th-their biology is *irresistible* / and they-they call this the biological clock / when women become / very *upset* / thinking they're / not / going to have a baby / and then / they-they either have to conquer their biology and make it to / you know / 40, when it's then physically impossible / to have a-a child / to get pregnant.

Uh, and this is / really a form of *suicide* / I mean it's ending your yourself by ending / your lineage / uh.

Or they must / ah / they must find somebody to get 'em pregnant and you see this / I mean, they just find anybody off the street (he lowers his voice in this section, someone laughs).

Ah *Russian women* / by the way / don't appear to have this problem / ah / even the pussy riot // women / both had children in the early 20s, so these are / you know / *extremist* / *liberals* / that still went ahead / and had / kids / because(f) / they're biologically driven to do so.

Uh / um / eh-a-a(p) funny story (he starts the story without pause) after I left Greece last year, I went / and did a tour through the Balkans / you know. I wanted to see what was going on / and I ended up spending some time in *Moldova* / um / there was a girl *there* I went out with / a Russian / *girl* (he uses a tone that is very present throughout his speech, it is a tone of slight shamefulness, of the kind a child would employ to tell their parent of some mischief they've done, at the same time seducing them intending not to get in too much trouble) / she's 20 / you know / sweet, pretty girl. Um / I[t] wasn't(f) / super serious / but after I left / I was like / ah / you know / let's talk(p) on

Facebook, Skype, whatever / and—so I kept in contact with her / she was j-she was just 20 / and-um / she was in *school* / so I figured / you know / she [wasn't] in any *rush* / then one day she sent me a message:

(Military mode on) Andre / I must tell you / you take very long coming back here / I returned with my boyfriend / before / an—d now I [a]wait the baby.

So, you know they-they-they *follow* / in the-in the east / they follow more of-they / uh / a traditional model / and *produce(f)* children / which is // kinda refreshing / to see.

So / the problem with attempting to stablish / liberalism / as a sort of / *divine order* / as Fukuyama(p) *saw*—it a-an all/-encompassing / *divine order* / that's capable of ending history / as it is based on / *constant change* / meaning that / while it could / indeed / be / universal / it could never actually / be *stable* / and eventually / it would reach a *saturation point*.

Um. By the time / the wall came down / coincidentally the system had already begun to / kind of *fold in on itself* / in the / formerly / communist world / entered very late in the game // having lacked / the *gradual / induction* / in the Western-into the Western *delusion* / they have over the course of the last 20 years, begun to *rebel* against the imperial culture / of / the Western world / and we're seeing / this / now with the-/the new cold war.

l(p) could also be a part of the Slavic / *racial / soul* / as it's very emotional / and tending towards superstition / it is less drawn in by liberalism dependent / as liberalism is on the exploitation of the-of the *rational mind* which is more the-the way the / *Northern European mind* / works / obviously.

An examination of the / *racial soul(p)* / of the Slavic people / though is beyond / today's scope as well as the-the other workings of the(p)-the geo-political situation / that's / too much to go into // eh-this-this impending doom scenario / does / represent / a massive historical development / of a very interesting nature.

(25:08)

W—hat is now emerging even more than the-than the Battle of East and West / is a-is a war which will be fought on every plane of human existence / and uh / Russia represents the *ma-cro* of this / but the *micro* is taking place within our own countries / and-I think between individuals / in / *society / itself* / um / I know that / you know / I have a hard time getting *along with people because of my political views* / a lot of the time / so-it's-it's turning / society against its own self / and // um.

So, this is at / the core of this is / it's both a *war* of ideology / and it is / a race war. But the only(p) / two / real players / in this / are the *white* European man / and *the Jew*.

This is no longer — (applause interrupts him).

(He picks up with more enthusiasm) This is no longer the Middle Ages / and the lower races are not presently capable of exerting any type of agency on their own / on a

global scale / I mean / we'r-we're not under *threat* / of being / *physically* invaded by / ah / by *Arabs* (condescending manner, as is usual when he speaks of Blacks or Jews) / and only because we-we allow them to come to our countries / we bring them in / I mean / y-ou know / George Bush tried to make the argument that / Saddam Hussein was gonna / invade us / is-is he gonna / is he gonna ride camels across the ocean? I mean / what // th-these people are / *very primitive now* / that's not / we're not fighting the Ottoman Empire as-/as medieval Europe [was?] They *cannot* keep up with- with / technical / developments, even when they're given the technology for free / they don't-they don't have the IQ / to(p)-to keep up with-with a modern society.

So, we're *never / ever / again / going to face / a military threat from the Middle East.*
So, what's happening is / we're-we're facing a-a-a military threat on our own streets as they brought'em into our countries an-d / this is only because we've *allowed(p)* / this / by taking on this / *Jewish / ideology.*

Um, it would be *very* easy to round all these people up *tomorrow* / we could put them in camps / and put 'em on the next flight back to wherever the hell they came from / uh / we-we have that capacity now / so it's a-it's an *ideological block* / that keeps us from / from *doing this.*

Uh. The *Jew* / exists / at the *heart* / of liberalism / and it is only by infecting us with this / *self-/ destructive / ideological virus* // that he's been able to conquer and subdue us.

(Applause).

So, what is liberalism? Uh, in order to understand why *traditionalism* is *necessary* / and why it is being *turned* / to now / in mass / across the planet // sort of in a-in a *subliminal way*-in-in a lot of cases where / ah / you know, in the United States we have / r-returned to sorta primitive forms of-of-religion / almost / uh / *ecstatic* type stuff where people dance / and wave their hands / and scream / uh / w-which I think is *representative* of this sort of / *atavistic return to / tradition.*

Um, so, Alexander / Dugan / who I know a lot of people have complaints about / because he doesn't talk about the *Jews* / I-still think he's a really / intelligent guy / huh? (an audience member says something) / yeah-yeah / well / he writes good *essays* / and / um / and he's defined liberalism in terms that I agree with / which are / just to list them off here: (1) anthropological individualism / th-the individual is the measure of all things / and this is / why we've been able to reject the-the *concept* of a *collective* / which is why it somehow makes sense now / to / purposefully destroy our own / race / and genetics / um / (2) the belief in *progress* and this idea that / we're just *going somewhere* / which I / talked about / earlier / you know / change-change-change / towards something / nobody seems to know what it is / uh-uh / (3) technocracy / that / uh / technical development is-/is by / uh / is the measure by which any society should-should be gauged / um / and a lot of this technical development doesn't really seem to be very good for the *social order* / in general / *I don't think video games are(p)* / and we've entered into all these types of *weirdness* with this.

(30:13) Uh. E-eurocentrism / which is why we believe we can bring / civilization to(p) / these people / in Africa / who no matter how much money you spend / don't seem to be able to / get with the program (laughter) in the United States (claps) in the United States we've had black Africans in our country / for like / two hundred and something years / and / they-they just can't / adapt(p) / to a *modern* / setting / they just continue to act / like / they're in a jungle.

Ah, so(p), you know / I-I think that / these any people in the world / they deserve to have / blah blah blah whatever / live how they want to live / um / I b-I believe that / you know / that Africans should be able to live however they want to live / but they *need* to do that / in Africa.

(Applause.)

Okay. So. The other eh-n-in / the next / point / of liberalism is the economy as / human destiny / and we-we see this / you know / *imploding in on itself* but it's still "oh we need the free market" / uh / it doesn't-doesn't make any *sense at all* / um / and it's gonna-destroy us / and that's part of the *drive* for the immigration and / a lot of the *other stuff* / is this-this concept of a *pure* / free / market / and saying that planned economies don't work / you hear that all the time / well China has a planned economy it seems to be working pretty well.

Democracy is the rule of minorities / which / we see this now: if the-if the minority disagrees with the majority, then the minority is(p) / correct / um / the majority of people in the United States are still against homosexual marriage / the majority of people in any European country / are against this / *mass / immigration invasion* / I mean, obviously the-the Jewish media makes the loudest voices / the uh-/the people who support these things, but-but the reality on the ground is that people / don't believe in this stuff / still / you know, I mean I don't know how long that's gonna *last* that we have a majority that / (someone says: "it is called democracy") yeah.

So. Um. The other-/the other ah-/point / of / liberalism as this idea of one-world / globalism / which is / kinda at the root of all of this, I guess / that-that-that we're *all* the same / and we all just need to mix together / [and] *destroy* / any differences / but whe[ther] this is a *Marxist* / *concept* and it's uh-/the race to the bottom / I mean if we *really*-mix our *genetics* with / these-these people coming in here, as I see a lot of / on the streets of London / um / I've even seen white men with / fat / black / women (audience laughs, he laughs too) / you don't see that / in my country / (someone says something) / yeah, *ugly* fat women / I can't believe it / I'm shocked / they had to take a / double take / and hold hands!

*Um. So this / clearly / I mean / these people have sometimes / just over(p) half / of our IQs / the average IQ / in many African-countries is 59 / I mean, think about that / so / we're gonna mix with these people and-and what's gonna happen, I mean it just drives everything *down* which is the-the concept of-/of *Marxism* / to *destroy* the-/the *strong* / to bring them down to the level of the *weak* / so that everybody can be *equal*.*

So, the comprehensive *effects* of the type of thought produced by the Enlightenment are *more(p)* than I have time to go into here / but I must mention the most important achievement of the Enlightenment / which is the(p) *technological phenomenon* / as I said / at the *core* of the liberal idea is this concept of endless stimulation / through novelty / but in the traditional *paradigm* / though people experience things much *deeper* / there was only so much possible range of experience / the Industrial Revolution provided seemingly limitless capacity / to stimulate the senses / but this endless / stimulation / is in direct conflict / with *stability* / the novelty / comes / from systematically(p) / *destroying* / everything that men was / making him into something *new* / so that he can be made new(p) / *again* / and again and again.

(35:00)

This takes the form of / endless / revolutions ostensibly designed to liberate man from various restraints / which the Jews have alleged traditional society *placed* / on us.

The concept is / *purely(p) nihilistic* / the assumption / that a natural order *does not exist* / so there is no actual measure by which to define what *man* is / and thus we were able to be whatever we want.

Thus / we have liberation from sexual repression / which is absorbing(f) an endless sexual dissatisfaction / and enslavement to base passions / and then all of these new p-perversions.

We have liberation from family ties and responsibilities to our community / which has led to *loneliness* and total isolation / of the in-individual.

We have a liberation from / *religion* / which's led to a complete *loss(p)* of a sense of *higher purpose* beyond the *material* / and the *spiritual emptiness*.

We have the liberation for our *history* / which's led to a total / lack of / *collective identity* / and then / as no man as an island / and we require the collective / in order to define ourselves / we've lost our *personal* / *identity*.

Finally, we have the liberation from *biology* / this idea that / race does not exist / which is the final nail in our *coffin* / as the / *black* / *hordes* of orcs and goblins flood in to abolish (laughter and applause) [and to] erase all memory of our existence.

All of this is marketed as *freedom* / but it is indeed the most *brutal* form of enslavement // because if we can be *anything* then we are in fact *nothing*.

The image of man has been transformed / from something carved out of stone / by the ancient Greeks, into malleable *goo* (disgust) / and we have in this lost all point of reference by which to *divine-define* our existence making personal(p) / reflection / or personal improvement impossible.

We can see the ugliness of the spiritual death / the loss of the human form / in the arts / *historically art was designed* to celebrate beauty / and the human experience / now

we have / been / *submerged* in what is called / non representational-non representational / art / which is literally art which does not / represent anything.

(Laughter and applause)

As we-as(p) *humans* have lost *our* form / we are now / able to / celebrate art / which represents nothing.

Hitler / of course / was appalled by the concept of *abstract*(p), are calling it *degenerate*, accusing it of lowering the human soul / it's a pretty objective analysis / I think / and we can / of course / blame the Jews / but / it-is perhaps worthwhile(p) to note that we ourselves accepted this.

Modern architecture is the same / buildings are designed not / according to *some mathematical equation of beauty* / but simply to look *weird*. It doesn't look appealing in any way / but at least / it's / *different* / it's change and we / like *change*.

I studied / literature / at university / and(p) I believe that *Hemingway* / was probably the last literary figure / to define something *human* / in his work and even that wasn't very good / what was called literature in the late 90s and early 2000s was / David Foster Wallace / who is the literary equivalent of / non-representational art / instead of- / I don't know if anybody knows who he is / instead of / *commenting* / on the human condition / it presented no aspect of the human experience / beyond / *confusion* / focusing on *style over form*. He killed himself a few years ago.

There's no direction(p) / within our personal lives, no sense of working *towards* something / and so we comfort ourselves and the idea that *society* itself is moving towards something / but this *movement* / is in itself without *meaning* or *purpose* / and so we exist from the first time we are aware / of something other than our mother / in a state of existential crisis.

The good news / and-I guess also the bad *news*(p) / is that we've pretty well reached the bottom / of this / *spiraling* / *path to hell*.

(40:00)

We are-we're at the recognition scene / uh / right now / which is in // Greek / literature / when / the(p)-the *lead* / antagonist / realizes that / everything around him is already / collapsed / and he's right in the middle of it.

Um. // There's almost nothing left to liberate / so everything's getting increasingly *bizarre* / now that homosexuals are allowed to marry and adopt children, we move on to claiming that people with *gender identity disorder* have a right / to embrace their *delusions* / by using *toilets* of the *opposite sex* / um / w-with the Western w-woman having been raised to a place / of / the-f basically *brutal* authoritarian *domination* over / *men* / um / they're playing a *role* / that's a-assigned to them by the *establishment* but / um / we-we must now travel to *the Middle East* and / stop / these / thousands / of years / old / practices-of the / *desert* / *savages* / in order to-to *liberate* their women from / genital mutilation / or / whatever / an-um-and of course / we must / liberate

Russia from itself (applause; laughter) / *um / with their(p) / agenda / to / force people to go to church / um / crush democracy / and / oppress the fags.*

Uh. In American English *fad* is slang for homosexual / by the way / I'm not talking about cigarettes / though-though I'm sure we need to liberate Russia from cigarettes as well (applause; laughter) there's still a lot of smoke in the hospitals over there.

So, we've reached the saturation point / and / ah / where there's so / little left to liberate / that we're now seeing—a-a back-lash / a-and we-we see this in Greece / we see it in Hungary / we see it in other formerly(p) *communist* countries, but I—think / we're / starting to-starting to feel it / you know / [in] northern Europe.

Um. So. Ah (sighs) / let me see where I am here // in Greece / um / the lines were-have already been *drawn* / thanks to(p) / the economic crisis compounded / by(p) / a / very se-vere / invasion / by / very / *primitive* people / coming from / *war(p)* zones and they just / I mean i-it's / it's unimaginable / if you haven't seen it / the way these people just *roam* on the streets / robbing people.

Um. So. So this *severity* of the Greek situation has caused / th-the *lines* to be *drawn* / between-between liberalism / and traditionalism.

Um. Where there was once a moderate left and a moderate right party / you now have *Syriza* / which is supported by the *anarchists* / and (censored in the original) which / don't tell anybody I told you this / is pretty well the (censored in the original) organization / based (applause) / based on the principles laid out in (censored in the original).

Ah. The *anarchists* / are advocating the continued destruction of society / *blasphemy* against religion / the loosening of drug laws / and comforting these *immigrants* / uh / and the-the-the so-called *far-right* / is advocating the *opposite* of these things / they want to *outlaw blasphemy* / and want to execute drug dealers / and they want to *send all these immigrants back to wherever the hell they came from.*

Um / when I was leaving I-/I came here from Athens / and when I was leaving / this *actually happened* / I was walking down the street / not a very good neighborhood, where I stay / I saw a *Muslim woman* in a / *hijab* / not-a-not a full burqa / but with the head wrap thing on / shooting heroin on the street / I said: that pretty well sums up the whole situation.

Um / it is *notable* that we [the?] main northern European countries / which / I guess the United States is a northern European country / I don't know / what else / to call / um / mainly compromised (he means comprised) genetically of Northern European peoples / eh-uh-have *more* / *trouble* than the Greeks / have—had / in solidifying the lines between the left and the right, given that Greece is a / *collectivist* country / and we north-*northern Europeans* tend to be / *overly* / *individualistic* / because the society is collectivist / drawing lines is much *easier* / groups form *easier* / and small differences / between individuals / are more easily / overlooked / in order to reach a consensus.

(45:21)

Northwestern Europeans / t-tend to enjoy disagreeing with each other / *endlessly* over / minor and often superficial details. (?)

Um. So, I found in Greece people are a lot / more-more / open to *helping each other* / and there's just kinda an idea of getting along with one another / the slaves are the same way / uh / i-in-but the *inverse* / of / this / is that *collectivist* societies tend to be / much less economically productive / than / individualist societies / mainly due to the *lack* of a drive to compete individually.

Um / the Chinese have a collectivist society which is also highly productive / economically / but I don't really understand Chinese people / so / I don't really have any comment on that (laughs).

To explain the difference in the two social models, we could talk about the *Protestant work ethic* / but—the reality seems to be that there's a *biological* difference between / northern and southern European people / and that / Protestantism was adopted by Northern Europeans

because of this *intrinsic* / individualism / rather than the other way around.

I(p) try to avoid *absolute biological* determinism-deter—minism / as that can end up being nihilistic (??) / but clearly / the *largest* / factor / of any societies development is *biological* / with culture being a *direct expression* / of the *biological* / nature of a people.

That is / if you do not have *Jews* / using their *psychological* / judo on you / turning your society against itself / and even then it's-it's definitely *judo* (Anglin seems to have invented this meaning for *judo*, which means something like the *Jew* using its life threatening powers onto his enemies [as if a judo technique, to trick them]; he also employs the term judo-trolling, which'd be when someone uses this judo against the Jews [e.g. using the "Jewish owned-media/establishment to replicate a hidden hateful message]) / using the energy of the society / against itself / which is / why they operate slightly differently in different countries.

Uh. So, if that's what we're dealing with / what-what-what is / traditionalism / what is our goal, then? / um / we frame liberalism as a systematic destruction / of the natural order through *progressively* more *corrosive* / liberation movements / so, we can define traditionalism as / the deliberate(f) preservation of / the *natural order*.

This probably / though not necessarily / implies the preservation of *specific* social and cultural traditions / the fact that something *became* tradition indicates that it served a *purpose* in the preservation of the *social order*. Though / that does not necessarily(p) / imply / stagnation.

The *core* of the national order is an *authoritarian structure* / with the *strong* ruling over the *weak* / this does not imply *oppression*, but merely a hierarchical system /

wherein everything is in its place, with each serving the *whole* in whatever capacity he is able.

This is the opposite of the Equality doctrine of Marxism, which seeks to deliberately *drag down* the strong to the level of the *weak* / by refusing to acknowledge the existence / of biological differences among people.

It is ironic that Darwin-*Darwinian* / evolution has been used to forward the *Jewish* agenda of promoting *absolute materialism* / and thus *nihilism* / while the most obvious *conclusion* of *Darwinism* / the inequality of living things, is dismissed as heretical by the liberal establishment.

The *nuclear family* is the microcosm / upon which the macrocosm / of any traditionalist society / should be based.

The patriarch is an absolute authority and each below him serves a well-defined role which complements the roles of other members of the family / Each individual family member / has / not his *own* interests / but the interests of the *whole family* / as his prime focus / For the *strength* of the individual is no *greater* / or lesser / than the strength of the whole.

In this you have the *opposite* of the liberal system of free-market capitalism / where in the goals of the individual or purely *selfish*.

We see / this / we see the system of *capitalism* / when it is taken to the *extreme* / you end up with a *brutal* form of oppression and *uncaring* / and *dishonorable*—financial *elite* / having replaced the aristocracy / which ruled because it was *responsible* and capable of maintaining a healthy *society* / not because it was good at exploiting people for a profit.

(50:00)

The leadership of the country should love the working man / as a father loves his children / (applause) / this is an *eternal principle* which goes all the way back / to the tribal era / We can even see this among animals / um / even *insects* / th-that the-the *whole* / is loved by the / ah / by the *Queen*.

The fact that we presently have a society where the *elite* / and not merely the *Jews* / but *wealthy white people* as well / view the working people as something to be fed off of / is indicative / of just how / *deeply ill* we are (applause) / If these people do not serve us / what right do they have to rule us (applause).

If a father pimps out his wife / and forces his children to go out *stealing* / surely we say he is a bad father (a guy laughs eerily) / but if a man becomes / wealthy by exploiting the *labor* / of the people and failing to provide for them / we say he is *successful* (applause) / and he deserves whatever he *gets* / because he was clever enough to get it / just as the *family* represents the whole of society / it is the *core* of society / and the point of origin from which all else stems.

The goal of *traditionalism* / is to *preserve(p) ourselves(p)* / what we were and what we are / and pass it on to the future.

In order to do this, we must have *stability* and *sustainability* in all aspects of society / So, how is this gauged? / With any social proposition we are presented with we can ask the question / does this *help* / or *hinder* our ability / to *survive* and *thrive* as a people [?] / I think that in most situations this question should be something / we can answer *objectively* / if we use *logic* and w-we're honest with *ourselves*.

If something has been good / for / us in the *past* / it will likely *remain* so / and that is—how / tradition is formed / Through a *natural process* of keeping what *helps* / and *removing* what hinders / **This is the essence of traditionalism retaining that which preserves us / and rejecting that which does not.**

Recently I was asked to clarify whether or not I was a *traditionalist* / first / or *racialist* / first and I responded that of course(p) / I was a traditionalist first / as **without the concept of traditionalism, there can be no racialism** / as the modern world / I think, attests.

Though the immigrant *hordes* are presently our most / *pressing* / *problem* / leagues above anything else / I am in principle as opposed to homosexuality / as I am to non-white immigration / but no one would ever ask me / “are you anti-homosexual or traditionalist first” / as clearly, **if we had maintained(p) the traditional family / as an institution / in our society / we would not be dealing with homosexuality /**

Just the same if it had not been for the various **social revolutions / staged / by the Jews** / over the last 50 years / there's absolutely *no way* we would be dealing with **these / immigrant / hordes.**

in order to *accept* / this invasion / we had to be *broken down* on a very basic psychological level / and separated from our historical identity.

In a society which is not being invaded by immigrants / racialism is largely irrelevant / in the same way that—in a *society* where people get married as part of the basic developmental(f) process / there—is no need for an active / anti-homosexual movement // in order to preserve / the family.

Before *Darwin* / and / *Dalton* / racialism was looked at / in variant / terminology / but nonetheless / our genetics were actively protected (?).

We generally looked at people in terms of their religion and language / and(f) of course the physical appearance / was also considered.

We instinctively recognized the Muslim / hordes / for example / is fundamentally / *incompatible* / with our conception / of *society*.

Again / **culture is an expression / of biology** / and so it was that / by looking at their / *culture* / we effectively knew [that] they were / *biologically* / *incompatible* with our / civilization.

So, the *preservation of lineage* is an *aspect* / of the traditional *paradigm* / while ultimately / the most important aspect / as without it no other aspects / could exist.

If we miscegenate / the *soul* of our people is *lost(p)* / and we become something else.

(55:05)

It is not enough in itself / to wish to preserve / the genes however / [which] was why I have argued *against* the concept / of white nationalism as a single issue—/ agenda.

Any attempts to *preserve* / the race / will fail / if not accompanied / by a defin-definite / *ideology* / through which to accomplish / this *goal*.

Um. So, traditionalism / often(p) / gets accused of being / reactionary / and / *anti* / *progressive*. I-I find-find / that / kind of a boring / argument, but / I guess it needs to be *addressed*.

So, [when] we talk about *progress* / we need to note the difference between social and material progress social *progress* / as a is liberal concept / tied to(p) / Liberation Theology / I have no use for this / at all.

Excluding minor changes / the basic social order in any European *society* / should be as it was in the *Middle Ages* / as far as / I'm concerned it should be authoritarian / patriarchal and focused on *family* / and community.

Material progress / as a *concept* / is in itself / neutral. But I am / indeed / opposed to material progress as an *ends (sic)* in itself / as this thinking—represents a form of *insanity* / and is only logical if *novelty* and *stimulation* / are the core values of society.

Material progress as a *means* / is not a concept which / I am fundamentally *opposed*—to // but the only valid ends are those which serve / to *preserve(p)* / our people (applause).

A few years ago, I was / very interested in *Jacques Ellul* / who viewed / technological progress / as a completely *unmanageable phenomenon* / which would ultimately lead to(p) / the complete destruction (he mispronounces the “r” in destruction) / of everything / *technocalypse*, they call that / um / though I keep this idea in *mind* / he presented a model of technological / development which was based mainly on capitalism / and so I think if you-if you reduce / or *change* the economic model / technology would develop / into(p)-into something else, than its / developed into *now* / which is very impressive, I think / both-both *personally* and-/and *socially* / I see all the cameras out on your streets, I / makes it kind of *uncomfortable* all the time.

But it we also have this threat / this is a completely different / subject / but that I wanted to talk about here / ah-uh-a *threat* of / *nationalism* in traditional thinking / being *hijacked* by *the Jews* / using our symbols / to push their own agenda.

Earlier this year there was a revolution in the *Ukraine* / which was funded by the West and designed to / *deceive-destabilize* Russia / though this is *typical* of—the mo—de of operation of the *perfidious* / Jew / *Democracy and voting* / is only of any value until

you *elect* someone who disagrees with the *Jewish agenda* / what was interesting / is that / it was not *leftists* who were used / as the *battering ram* / against the elected *government* / the people who were calling themselves nationalists / so there exists a very real threat / that particularly / more militant nationalism / um / as this becomes the-the default position / of the-of the right-wing / conservative / element of *society* / that this will be hijacked / and-and redirected / by Jews / of course.

So, we need(p) / to(p) / get more people on board with this / agenda / I think / is-is the main *goal* / right now / to have / more than-/ *try to reach for political power right now* / I think that / the-there's still a process of education / of-/ of the *people* / you know and / *it's been-*/it's been going better lately, I think.

Um. We(p)-we want to *ensure* that this-this / social conflict / takes place.

Right now, we have a-a confusion where nobody really knows what's going on / they don't know which side / they're on / they don't even know their *sides* / so, we need to- / we need to *convince* people / and educate / people / into an understanding that we are in the middle of a-of a war here / and / *bystanders* / are guilty of treason.

(1:00:00)

As we are fighting this war, we must focus on things / that we have / control of / or *capacity* to gain control of / and though / um / you know / *political power* / at least for a hardline nationalist stance / eh-e-besides in / some Eastern European countries / seems/ *pretty far away* / ah / *but what we do have / within our reach is the media* / this is where I'm focused / obviously / uh-and where I would suggest anyone / who doesn't know where to focus their energies / would-would put energy *into* / um / what we need is for people to understand things *clearly* / I've been *mildly* successful / in my / *media*(p) in-endeavors / ah / and I would like to(p) / s-say-you know(p) / give a few / ideas about *why* it's been successful.

Really / all I will say here is just a sloppy / paraphrasing of / Hitler's chapter on propaganda and that's all / I've really-I've really followed in running my site / anyway.

I think that the-/ the-eh-intellectual presentations definitely have a place / such as the London-*London* forum / ah / but / ih-the-the *narrative* needs to be simplified in order to reach / you know / millions of people.

So. The-the-the whole thing of people spending *hours* and *hours* writing / blogs / disagreeing with each other / and this type of thing I think probably / just needs to stop / completely / we all know(p) / ah / what needs done, I think, at this point / and now it's about / getting other people on board.

Intellectuals / can be expected to draw their own conclusions about things / we don't have to convince them of it / ahem / of anything / uh / all you need to do is present the ideas / and I think that's-that's been *done* / you can't just keep doing it over and over again.

Uh. Political activism should be seen as / fighting a *war* / and not a method-of / boosting the ego / this is a / life-and-death / situation / I(p) / for my part I'm very comfortable in my understanding of the core concepts that we're dealing with / and at this point / I have very little interest in arguing about *details* / with people who agree on these core concepts / I-w-want to get *millions of people* on board / so we can / try and(f)-fix this / *situation* // and y-you don't do that by(p) / by being an / intellectual.

Instead of trying to explain / how enlightenment / logic(p) / led to a materialistic conception of *man* / you can just say / *the Jews did it* (laughter) / instead of blaming the *weaknesses* of the white *psyche*(p) for the progression of *white guilt* / you can just say [...] / *the Jews did it* (laughter) / instead of talking about *basically* any of the ideas / that I've just / rambled on about, here / it's a lot *easier* to just say / *the Jews did it*.

Normal people / do not care about / intellectual / explanations / th-they just *don't* / I mean you can't make 'em / it's-it's-their-their *mindset* / you know, they're the-(sigh) / *they're the people* / that's-/ they want things to be *simple* / and the *Jews did* do / it / we're not *lying*(p) / it's maybe a little bit more complicated than that / but it's / you're not lying when you say, it these are the people who have / *physically* / *implemented* / this / *situation*.

Um / you-eh-uh / because-eh-/ it's easy for people to *understand*, because you can see *these Jews* / I mean all you have to do is turn on the *TV* / you can-you can see them doing all this stuff / they run everything / and it's / y-you can point directly to it / so / it's something that *anybody can understand* / and *anybody can understand the idea* / of a physical / uh / *enemy that you could see* / the-ah-/ the concept / (a audience member mentions the UK "Race Act" as a friendly warning) / uh / no / I-I *don't advocate any form of-/ of violence* / *at all* / need to make that clear, I guess.

(1:04:54)

Um. So(p). Propaganda should appeal to the-the lowest / common / denominator / not everybody's as smart, as you guys are / (sigh) / ah / so / I-I-eh-I *focus on stressing the same points* / *over and over and over again on my-/my website* / and these points are / that / our / morality / and our families are being systematically destroyed / non-white immigrants are *savages* / they kill and they rape and they destroy / we *don't* want to hurt these people / we just want them out of our country / and that *has* to be done (applause).

Um / homosexuality and all these / *new* / transvestit-ism / whatever else / um / represents a threat to our children / eh-um / *the ruling class is evil* / and *they're sucking our blood* / they're *entirely* / antagonistic / to the interests / of the people / and extremist political and economic reform / are needed / to free the people (applause).

The European people / must / unify under a common / *banner* / next point: / We have a right to exist (applause) / and / the last point: the *Jews did it* (laughter; applause).

All of these statements / they—'re simplified / but they remain 100% true, and any person can understand them / and will internalize them / if they listen and hear them enough times / of course the person has to come / that's not some sort of interest / in the first place / but as things get more and more extreme / more and more people there have an interest / um / but that's(p) / you know, it's out of our hands if people are interested or not / but / our ability to provide information / this is something we can do / and we need to / do it / the *best* we can.

The other benefit of keeping things very simple / is it gives pro-white activists very little to argue about / I think / this is important / because there's too much / *arguing* that goes on / um / and this brings me to my final point / which is that-/the absolute necessity of a unified front / in our movement.

As long as an individual agrees on the basic truth of the seven points (?) / I have stated / we are on the same side / differences beyond these points / do not matter / at this point in the game.

Northern Europeans are an *individualistic*(p) sort / again / given our *evolutionary development* / and so we *need* / to *consciously* suppress / our *inclination* / to press our own / more / specific/ personal beliefs / about religious matters / economic policy / and whatever else / we do not have the luxury / of debating the finer points / our duty is to make *sure* / our brothers and sisters are aware of the problem / and to move(p) / *forward*(p) / our back is against the *wall* / *Feminism* and *homosexuality* / and mass *drug abuse* / are wounds which can be healed / but this *immigrant invasion* is a *kill shot* / there's no going back (applause).

Our population is being replaced / there-/ there's no going back / it must be stopped *now* / or we are *doomed* / the fate of our civilization will be decided this generation / we stand together / or we *die* / and we don't come back / those are the two options / there is no third option (applause).

That's all I got!

(applause)

FOX News Interview:

(IA) = incomprehensível

E All right / so, first of all / thanks for agreeing to do the interview with us today.

C Sure.

E Um / *Richard Spencer* identifies / with the alt / right / and his goal appears to be to gain influence with *mainstream* decision makers to advance white nationalism.

What do you *identify* with / and(p) what are your goals?

C I identify with the alt-right / um / I identify with / eh-neo-Nazi-ism / um / *my goals* are probably similar to-do Richard Spencer / we all kind of have the same-the same goal of forming a white nation for white people.

E Why?

C Well because of all these *problems* / that are being caused / by / diversity.

E So give me some examples of problems caused by diversity.

C Well / we have the ongoing / black on white *crime* crisis / which Dylan Roof / um / addressed / with his / uh / with have the / ah / (IA) society / with all these people coming in / and / corrupting / our culture.

We have the Jewish problem / is destroying / I mean / the Jewish problem is going to be the main problem / this is destroying our *social / order* / with / um / eh-with everything that these Jews have done / I mean it goes on and on / the problems that we *have* / from diversity.

E So / how do you differentiate the people coming into the country / 200 years ago / or a hundred years ago / Ellis Island / and the people coming into the country(p) / today? / Why-why is / one worse than another?

C Well(p) / I mean, if we build a country / we built a country that was based on / *European* values, *European* people built a *European Country*, in the United States / and / **these people** coming in from these other countries / I mean these are world / *s avages* / coming in / I mean / you look at their countries / the countries that / they built / I mean / you look at the Middle East / you look at *Mexico* / these are poverty-/ stricken / hellholes.

A lot of violence / um / you know, is this what we want to become?

Clearly / *race* / is what determines the direction / of a / society / and we can-we can look at the societies that these people have *created* / and we can look that / when they come into / *our Societies* / they recreate these societies.

I mean Detroit is basically *Africa* / parts of Southern California / parts of Texas / have become / Mexico / there are areas at France all throughout Europe which have become the North Africa / the Middle East.

Is this what we want / or do we want to keep a-a European / *style* / Nation / and-um / with- with our value system / and our-civilization?

E Why do you hate Jews so much?

C Well, that's a good question David.

Jews / it so happens, are *behind* absolutely every / problem / that we / face / as a(p) / society / um / all of the *revolutions* / that happened / during the 1960's were driven by Jews / this includes the *feminist* revolution / the-the / *race* revolution / the *homosexual* revolution / and the-the immigration agenda / it was *Jews* / who overturned in 1965 / lobbied to overturn the-the immigration(p) / *act* / that we have / the immigration standards / we have / had at the time(p) / with a new immigration program / to bring all these *brown* people in / as well as more / *Jews* / it / *Jews* / I mean / one thing you can look at / David / very interesting / pornography one hundred percent Jewish / It's all Jews behind pornography / What good has pornography brought / to(p) / our society? I don't think [it brought] anything / I don't think

there is any / way / you can say that pornography has done something good / for / white / Western society / and this is-this is a Jewish program that Jews talk about how they uh-manufactured pornography / in order to harm / white Christian / society.

So / I mean any problem that you look at you're gonna find / *Jews(p)* / *behind* it.

E So are you saying / there is / a conspiracy / of Jews / doing these things / or do you feel that it is just individuals who happen to be Jewish / that are doing these things.

C It's a genetic behavior pattern / that *Jews* / *have* / um / They *bred(p)* / throughout centuries / throughout millennia for / very specific / ah / character traits / behavior traits / so the Jewish problem / is a genetic / problem / This is a-this is a genetic issue / I wouldn't say that it's a conspiracy / no (i.e. he wouldn't assert it is a conspiracy)

(5:08) I mean / on some level they do have their own conspiracies / you have-you have them engaged in all types of these different conspiracies / but as far as the-the greater picture / it's-it's a racial / program / in the same way that white people / build civilizations / Jews / destroy civilizations.

E So you praised the election of Donald Trump / yet he disavows so much of what you stand for / why do you still support Trump?

C Well(p) / eh-the reason we supported Trump / is because he's much closer / to what we want then than anyone else who was available / so we / ah / we supported him(p) / because he's *white* / he's *Masculine* / and he was talking about immigration.

So / you know / we have-we have an effeminate / Male / in-uh-in Western society now due to the Jewish program of / ah / Feminism / so / I mean / in-in many ways / just the fact that he was a *strong / man* / means a lot / and / **the Trump phenomenon / is / I mean / as the Jewish media has told us** / over and over and over again (he always repeats words three times when he uses this kind of expression) / is a-is a / white phenomenon / so you have a / white / a strong white leader / his-his *act-ual* / positions and policies are not all that important.

Um / the immigration / agenda / um / that he's put forward / *is* important / as well as / his desire not to have a war with Russia.

E So really you're just / uh / he's-ih-the closest you can get right now / to(p) someone who aligns with your way of thinking / even though he doesn't / um / uh / support / what *you* / truly support and that is / I mean, he's very pro-*Israel* / um / he(p) / certainly doesn't / um-uh / appear to be(p) / ah / racist in any way / um / so / even though he doesn't have those things and he supports Israel / you still support *him*.

C Y-yeah for-for the time being and for / we support him / as far as his agenda overlaps with- / with our own agenda / which is-which is uh / a fair amount / at this point / um / at this point / I mean / we'll see-we'll see what he does / but I mean / as far as what his stated / goals / and positions / were there / there was a whole lot of overlap.

So / I mean we're-we're / uh-eh-um / optimistic / uh / about it.

E So, I understand *you* / use the-the acronym / if I'm not mistaken / WWHD / "what would Hitler do"? / um / What would *you* / w-would you be for the extermination of *Jews* / as Hitler was?

C Well that-/ I don't / think Hitler actually *was* / um / there's no evidence / to that effect.

Um / ih-uh-that's a very incendiary / question / David / um / right now / I would say Jews should go back to Israel / I mean, they have a country / they've whined and whined and whined until they got this country, and now they won't live there / why do they not live there? / Because they come to our countries to rip us off.

E So / you would be for the exportation / of Jews? / Wha-what is your solution / what-what is your(p) / solution / to(p) / what you call the Jewish problem?

C Well / they should be rounded up / and *deported* to Israel / and then / you know / I mean(p) / they can-they can figure out their situation there / I mean / they put *themselves* in quite a situation // Having always wars with all their neighbors and needing the-ah-the United States / to send them all these weapons and go fight wars / to defend them / um / you know / all these middle we've had to fight for these Jews it never ends / with **these people** / um / a-and, you know, I mean / if we-if we [(?)don't inv]ade / they're just gonna get terminated by the Arabs anyway.

So / I would-I would / be / you know, I mean they made their bed / they can go and go lie in it. I'm-I'm-for-I(p)-/I don't think they need to be exterminated.

E What's that / saying / can you start again / your audio broke up a little bit there?

C Um-uh // (reluctant, he looks up for a bit before answering, and does not answers the question directly again, he is even less direct than in the first answer) yeah, I-I don't think there's-there's a need to / exterminate them / I think they should be / eh(p)-*deported* [to] Israel / I mean, they have their own landing / they can go the-there and they can deal with the / ah / with the Arabs.

I think we should deport them all to Israel / and cut off / their funding / and stop fighting *wars* for them.

(9:54) E So / ah / Richard Spencer says he's against the march on whitefish / and the continuation of the "troll storm" / Why are you continuing?

C Because this isn't about Spencer / this is about-/ this is about the **Jews and this policy that they have of attacking / people's families** / I mean this has been going on for(p)-/for a very long time, that when they(p)-/ **whe-when they call you / uh / a racist Nazi** / you know, whatever they call you / all of these names they call you / when you when you don't stop / because they've said this / you / um / they then / you know / they-they go after your money / they've gone after my money / they will then attack your *family* / and they-they're attacking / Richard Spencer's *mother* / I mean / this is ih-uh(p)-**nobody / in their right mind thinks / that this is okay to do this / right?** (expecting the interviewer agreement)

So / it / what they've done is obfuscated / what is what is going on / um / a-and said that I'm the one attacking them / I mean, a-all that I have *done* is ask / that they *apologize* / for attacking this man's mother / I don't think that's-at all unreasonable / and / um / there were (IA) self.

E So / why an / *armed* / march?

C W-well / because it's-eh(p)-// it shows were serious.

E It says you're serious about...

C You know / this-this is [our] constitutional right / to bear arms (defensive)

E Yes, that's true, but I'm just wondering, you know, how an armed / march / um / shows you're more serious about / your stance.

C Well / I mean / **when you're holding a weapon you definitely look a lot more serious than / uh / if you're not.** / I mean it's-to-is-to get a *message* across / you know / we're-we're *angry* / we're not / you know / **it's peaceful** / we're not going to *shoot* anybody / but / um / we wanna get the message across / that we're *serious* about this.

E All right, so / eh / you're / *not* having the march / this Monday / correct? Or / can you go into that a little bit / you postponed?

C Well / we might have a *surprise* / march / but yeah / I mean / I've talked to my lawyers and / ih-this is / a-um / it would be(p) / I mean / it's a delicate thing David / to have you know 200 guys / with-with / um / *rifles* / you know / **we-we don't want there to be an incident** / we want a peaceful / march / we d-don't want anybody to get *arrested* / we don't want any problems with the *cops* / we're not trying to(p)-we're not trying to start trouble / we're trying to make a statement / about the international *Jewish agenda*.

So / um / yeah / I think we're-I-I hadn't announced that yet / but I think we're gonna have to postpone it until February // until we can get this form / I mean if they keep-if they keep trying to cock-block me on the form / you know / I-eh(p)-on the-on the permit / rather / and saying that I did things *wrong* on the form / you know / I(p)-I don't know / what we're gonna do / but I-I've contacted the ACLU / I've contacted lawyers you know / we're gonna try and-ah / (sighs) / try and do this / um / um / the right way--and-and get ou-get our permit / so we can-/ we can have our *constitutional rights* / I mean these people are trying to take our rights / there might be a constitutional lawsuit / um / I don't think that there was / I-I-I think that this violates / the(p)-the Constitution / too(p) / I mean / especially the part / um / where they-where they say we have to alert all the businesses on the route / so / I mean we're talking to ACLU / um / I'm talking to my lawyers / we're gonna try and-try and figure something out.

E Why not just complete the four things that they said you need to complete / and do the march?

C Well / I can't do this by *Monday* / I mean / they-they purposefully / withheld / the-the(p)-the-the permit / and didn't come out and say *this* / until / um / until *yesterday* / they didn't / day before yesterday / they did not come out and say that we needed these other things / I mean we filled out the form / we sent the money / and they say "oh well / you know / you have to-/ you have to alert these people / you have to have insurance / you have to give us more money" / um / we could *probably* get the insurance / uh / and get the we can definitely get the money to them / um / *before*-before Monday / but no-no and they're saying the deadline is *Friday* / so / you know / I mean they(p)-they *purposefully* set this up to *block* us / I mean / *otherwise* / they would have told us earlier / or / you know / they-they could've made- they could've made *arrangements* / I don't know what this having to call all the *businesses* / on the-on the *line* of the march / I mean / how do we get-d-do we need their *approval*? / none of this is clear.

E All right / so(p) / um / pardon me for asking—and again / you're going to think this is an incendiary question / but I think it's a valid one // By(p) / *delaying the march* / or, uh / cancelling it / doesn't this make you a bit / *politically(p)* / *impotent*?

(15:06) C Ooh! / No / we're having the march / we're not impotent / we're *definitely* having the march / um / we had to(p) / ah-eh-we had to *put it off* / I mean / what are we gonna do / David? / we're just gonna show up / with 200 *skinheads* / with *guns*? / and then(p)-and then(p) we-u-uh / you know / I mean, there's a lot of things that could / could-ah(p) / you have to be careful about / in that situation / you can't-you can't just go in there(p) / with, uh / you know / the police telling us we're not / supposed to *march* / the city saying we're not supposed to *march* / we need to / um // we need to make sure every-thing's-ah(p)-/ lined up the way it's *supposed to be* / we're not trying to(p)-we're not trying to get a bunch of people arrested / I'm not trying to get arrested / um / but / y-you know / we're gonna *do it* / we're not *canceling* the march / we're *post-poning it* / due to the fact that they're / I mean / if they're going to deny the permit in the first place / then what are they gonna do(p) / when we show up at the march? / I mean / you know / I(p) don't want to see a bunch of people get arrested / and / um / I don't want to see-eh / you know / any-any kinds of problems / we're trying to have a peaceful march and they're trying to block us / and *look* / I mean if / the *city* is *violating* my constitutional *rights* / *our* constitutional rights / and they get sued over this / you know / um that's-eh-that's a big (IA).

E All right, so / y-you seem like an *intelligent guy* / yet you use the terms like / *faggot* / *kike* / *nigger* / why do you feel the need to / denigrate / in your language / instead of just making your(p) / points?

C Well / I think it's *funny* / um / you know / and / I-I mean, I think that a lot of people are very *angry* / and this gives it-this gives an *outlet* to people / I mean / we have these blacks / out there / *killing us* / these *Jews* / are now promoting(p) / ah(p) / transgenderism / they're promoting *pedophilia* / a lot of people are *angry* / I mean / eh-uh-about a lot of things—and, um / I think they have a *right* to be / and on my website I give people an outlet for-/ for that anger / I think that's / uh(p) / I think that's *fine* / I mean that's-that's *natural* / people to be(p)-to be *upset* / about these *things* / that are *happening*.

E And so, by using the *epithets* / you feel that gives(p) / people an outlet?

C Yeah / yeah, no (he jumps through this 'no', the sentence means yes still) / I mean / nobody else-/ nobody else / says it / and these / are things that everybody *thinks* / I mean / there's nobody who watched that video of that *kid* / getting *tortured* / and-and didn't think / "these *niggers*" / but / you know / no-nobody's allowed to say that / and / you know / it's-it's it's *natural* / to *feel* / um / to feel *anger* / towards / people that / are(p)" / a-*attacking* you / other other *groups* / other *tribal* / racial / groups / that are-there are attacking your own people / there's-there's a *natural* / level of *anger* / and even-even *hate* / there.

E Um / one can presume that you were not / *born* / with *these* / feelings / um / to(p) / um / *hate* Jews / um / and / other *minorities* / when did this all come about for you / I think people are really interested to *know* / um / *how* / Andrew Anglin became / Andrew Anglin.

C Well / I mean / that'd be a *pretty* / *long(p)* / story, but *look* / I mean, when you start looking into(p) / *firstly, nobody likes being around these minorities* / the people that say they do / are lying / it's *uncomfortable* / they get *aggressive* with you / they *smell* bad / I mean / and—they break down the / ah(p) / *divide* / you know / whenever you're around these people /

everybody knows it / that-that it's it's *disgusting* to be around these *brown* people / but / when you start looking into the *Jews* / um / and-and look at everything that the *Jews* are *behind* / like I said / I mean / people can look all of this stuff up / I'm not / you know / th-that it's not-/it's not a *theory* / the *Jews* are *absolutely behind* everything that any-any conservative / Christian / American / is against / absolutely everything / and you can-you can look this up / you can look at the names / these are the people *destroying* our *society* / you know / we had a pretty good country / back / um / back in the ah / bit *before* World War II / and-and *after* World War II / through the-up through the 50s / you know / *we had a country with-with families* / and / you know / *people had jobs* / *they were they were doing pretty well* / um / and / *that's all just-just gone to hell* / and *we're-we're turning into a(p)-a third-world / hellhole / which is even worse than third-world hellholes / because / of all the sick / ah / social engineering that's going on* / with / homosexuals / and-and / transsexuals / and all of the rest of this just *bizarre* / stuff that's going on / so / ah / that's why / that's why I dislike / um / the *Jews*.

(20:24) E So(p) / did you *always* feel this way / from as far back as you can *remember* / about *Jews* and people of color / or / was there a *moment* / that you(p) / suddenly decided / that you felt this way?

C No / I mean / I grew up just as-as liberal as everyone else / I mean / you grow up *indoctrinated* into a system / where you're *taught* to(p)-to think a certain way / um / eh(p)-but you know / I mean / it-it was-it was based on *information* / when you have *the data* / I believe that anybody who is honest with themselves / who has the data about what / *Jews* / are doing / to this country / what they-what they've *done* / to this country / what they're doing to the entire *West* / what they're doing to the entire *world* / I mean, you know / the-the-the(p) *Muslims* / are getting this just as *bad* from these *Jews* / um—

E But I mean / when you see / excuse me for-excuse me for in-interrupting / I'm sorry / I really want to stick to this point / so were you in *junior high school* / *grammar school* / *high school* / college / w-when did you do this research / and when did your / um / your liberal / thoughts / *shift* / to(p) / th-this line of thinking?

C Well / you know / it's a *process* / I mean / as far as like-that I would actually be *comfortable* / calling myself a / *Nazi* / that would be / uh / be my / *mid-20s* / um / I'd say.

So / you know, I mean / it takes a long *time* / I mean, it has to-you have to come about this honestly / I mean, there's this *whole* / *image* out there that people who / ah(p) / are *racists* like they're indoctrinated from birth / or they they're just stupid / you know, David / I've been in-eh-/ I've been in / 50 / different countries / I-I've / you know / I'm pretty well-pretty well read / pretty well cultured and-and um / the-these are conclusions that I've come to / based on / the available / data / not anything else.

E So / were your *parents* / of this belief as well?

C No(p) / *no, no / no* / my parents are is-uh / as liberal as anybody else's parents.

E What do they think of your / thought process?

C Well / I don't think they would agree with it.

E Are you estranged from them?

C No(p), no / I-you know / we don't talk about this type of stuff / I get along fine with my parents /// you know / I mean / hopefully-hopefully / you know(p) / human relationships can go beyond politics / I would hope so.

E That being the case then, could you see yourself being friends with a Jew?

C No!

E If human relationship-if human relationships / or someone who's black / or Hispanic / or Asian / if human relationships could go beyond politics—

C You can be friendly with people / you can be friendly with people / sure / I wouldn't be friendly with a Jew / I wouldn't wanna be around / a Jew / er-um / they're-they're tricky people, David / you gotta watch'em (he says jokingly) / but / you know / I mean / I-I'm friendly / I'm not just yelling at black people on the streets (he laughs a bit) / you know / there's one at the gas station / I'm not a weird / person / I(p)-I act like an adult (smiles) / but, um / n-no, I mean / y-yeah / you could-uh-I guess you could be friends / I wouldn't be friends with a-with a non-white person / because / eh(p) / you know / I have no reason to be / but / um / you know / people are people / whatever / I mean it's-/ it's not about individuals, though / it's about the-the-the statistical / behavior patterns of non-white people's / which is related to their average IQ.

E It seems like / there's a lot of infighting / um / within the / alt-right / the alt-light / Neo-nazis / um / the different / websites / that espoused to these things / the-you have a lot of critics / who are / uh / white supremacists / and(p) / otherwise / um / you know / fighting in the posts / and so forth / Why so much infighting if you're / all aimed at the same goal?

(24:41) C That's a good question / ah(p) / probably a lot of / Jews / and / um / federal agents / ah / swarm websites and-and cause this division by-by / critiquing / little / issues that don't really matter / and blowing other things out of proportion / and making things about personalities / you know / I'm not about personalities / I'm about results / um / and / you know / I mean / there's a lot of-there's a lot of-/ah(p) // obviously / there's people who want this-want this agenda to fail / so / you've got people going in there / causing troubles I-you know / I-I think the-the alt-light / is-it's a separate issue / I mean, when you're talking(f) about(f) / actual / hardcore / alt-right / ih-the people that are-that are trying to cause trouble are just there to cause trouble (he pronounces 'trouble' like *treble* or *trable*) / because we all pretty much agree.

The alt light is a separate issue / these people are trying to make money / a lot of these people are Jews / um / or they're working for Jews(p) / a lot of them are married and have kids with non-whites / you know / etc, etc, etc.

There's a lot of issues / with the-with the alt-right / that we're not / that with the alt-light / that-that are not related to(p)-/to the alt-right.

E So, even after you march, it's highly unlikely you're going to get people in *Whitefish* / to apologize / and so forth / uh / what good will it have done?

C —apologizing (he started talking before the interview stopped, IA) / what's-what's the reason / that they will not-that these Jews / will not apologize? / I mean / i[t]-has *Tonya Gersh* been fired? / she appears to have(f) been fired / so, why will she not apologize? / I mean / what-what's the reasoning / when-when we have her caught in an extortion scam / and now

the rest of these Jews / from Love Lives Here / are that / um / saying that, um / {saying that they didn't have anything to do}f with the *extortion scam* / even though *she* and her *emails* / that were *published* / says that *they wrote the apology* / that-that-uh-this / attempted / forced apology / um-by *Gersh* / was written by Love Lives Here / so / I mean / what-eh(p)-why will they not [*apologize*] about this? / **This is a(p)-this is not / ethical** / you can see that this is not— / do you think this is *ethical* / *David*? / To(p)-to extort somebody for money / and tell them to sell their property because you disagree / with the-with the *beliefs* of their *son*? / Nobody thinks that's ethical. I mean / there's *nobody* that will-that will come out and defend / that act / so / w-what-what is the *reason* / for not *apologizing*? I mean / what-why.

E I can't answer for them / uh / I-uh-might say that / you know / people / ah / don't like to be(p) / *threatened* / and so(p) / uh / by(p)—

C I've not threatened anyone! These Jews are the ones making the threats! (he raises his tone a lot, albeit still defensive, he's yelling).

E You're threatening to do an arm to march on Whitefish.

C That's not a threat (he's calmed down) / that's-that's-that's a-making a political *statement* about / *disagreeing* / with-with-*threats* and *harassment* / from the *Jews*.

E So / they had this / ah / um / multi-hundred person / ah / assembly over this last *weekend* / it *appears* / that *most* of the people in *Whitefish* / do not want you to come / why would you go?

C Well / [be]cause this isn't about *Whitefish* / this is about standing up to the *international Jewish agenda* / and you see this is international / *David* / the-the-um / the *World Jewish Congress* / has come out / and-and *demanding* that the state of *Montana* / *ban* the march / okay? / So, this-in—this *situation* / here / there's *microcosm* / you see the *macrocosm* / of *organized* / *world*(p) / *Jewry*(p) // coming to(p)-to the rescue of a *single* / um / well / *Gersh* / and her-her group / I mean / the-eh-/ Love Lives Here has thrown her *under the bus* / okay / so / um / y-you know / we're talking about a single Jew who is caught in this *extortion* / *scam* / and-and *international* / Jewish organizations will come to(p) / *defend her* / the entire Jewish media is lying about me / acting like *I started* this / you know / why are we even talking about *Whitefish*? It's because of the *actions* / of the *Jews*.

So / um / no / i-it's not-it's not about / *Whitefish* / it's not about *Richard Spencer* / it's not about / *Richard Spencer's mother* / it's about the(p)-/ um / the *global* / *Jewish* / *program*(p) / and-and their-their *tactic* / their *technique* / of(p) / of *threatening* and *harassing* / those families—/ I don't / you know, I don't think that this can-this can go on / I don't think it *should*.

E All right / All right, Andrew / well / um / did you have anything else that you wanted to get across / in reference to(p) this march? Ah / and / or otherwise.

C Well, I would ask people to ask themselves *why* / *Tania Gersh* / and Love Lives Here will *not* / simply / *apologize* / I mean / eh-uh / that's all—that's *all*(p) that we've *asked* for / and you have to ask yourself / what is wrong with these *Jews* / that it is such a big deal / after / having committed *crimes* / to simply / a-apologize.

E Well / I-I mean you just said that this wasn't about / *Spencer*, *Spencer's mother* or *Tania Gersh* / or anyone(f) / it's about "World Jewry" / so you would have the March anyway / wouldn't you / or no?

C No, no / no if they apologize.

E But then you won't be able to make your statement about / World Jewry [...].

C Nah(p) / we'll do it some place else.

E All right / all right, well / thanks very much / I appreciate your time.

C Sure.

Tara's Show:

(b) = respiração pronunciada junto ou antes/depois da fala

(l) = riso junto à fala

(i) = entonação de interrogação/busca por confirmação sem que tenha sido feita uma pergunta

TM Hey-hey guys / thanks for waiting patiently for us / we've got / Andrew Anglin here / and Greg Johnson / um / obviously / you'll know / Andrew Anglin / from / u-the Daily Stormer / which has been / *shut down* multiple times / maybe he can tell us more about that / when he gets / on(p) / um / and then we've got Dr. Greg Johnson from / Counter Currents / um / which I hope you guys are—all familiar with *as well*.

Um / so / maybe Andrew / you can just give us a *quick overview* of what you've been facing recently.

AA Yes! / I am officially the most / um / *censored* / person / in—history / I-I think now / they're coming up with / new ways / to *censor* / The Daily Stormer / *dot com* / or what is now "dailystormer.al" / that just went up about / 24 hours ago / I don't know how *long* it's going to *stay up* / but I was-I was kicked off from GoDaddy / and then I was kicked off of Google / um / I was consecutively kicked off / more / registrars — / *historically* these have always been neutral / and have only kicked / off / illegal—material / you know / child pornography / terrorism drug dealing / etc. / I'm the first / political publication to get kicked off an *American / registrar(p) / um / t-the first not-illegal(f) political publication / I guess you could say that ISIS / or whatever is political / but the first / legal / protected / speech to get kicked off of all these different tech companies / uh / ever / and now(p) / they're coming up with new ways to kick me off of things / um / right now / two percent of / traffic to the- / the Algerian site is *blocked* / by *Cisco* / the-eh-they're refusing to resolve the DNS server / so / that's where we're at / um / hopefully at some point in this talk we can talk about government / *regulating(i)* this / because I think that's *really* what we need to start *pushing for(i)* / is that the *government* / began regulating / uh / these big tech companies / as-as they do other utilities / other-other communication utilities.*

TM Yeah / uh-absolutely / I mean, I know Greg's / also / faced having his payment processing company shut him down as well / so maybe Greg can toss what-what he's experienced—and / what he thinks of his situation as well.

DG / Well / first / Andrew / let me just say that / whatever disagreements we have or have *had* / I'm / totally / outraged at the / *harassment* / that you guys / are receiving / and frankly / it's-it's frightening / just / what lengths these people are going to go to / uh / to-to shut you guys

down / so (sighs) / you really are the canary in the coal mine here / and(p) / if(p) / they're going to do this to the Daily Stormer today / they're going to do it to everybody else tomorrow

AA They've already done it to Storm Front.

DG Yeah / yeah / *exactly* / uh / so that's- / that's very disturbing / (b) Counter Current doesn't *have it* quite so bad right now (l) / as-uh- / a-as you guys / but they have, uh / (sighs) they-they-they took down my facebook page / they've deleted it / the Counter Current's facebook page / uh / Seven-eh-after seven and a half years / basically / of having uh-an *account* / with PayPal / they shut that down / *and* / *our* / web server(f) / a web hosting company / our virtual private server company / after more than seven years / uh / shut us down too / and(p) / it was-it was good though / that we / a-actually / had a- / a fairly / pleasant goodbye with them / uh-I did / try and get a lawyer to (he laughs) / to write them some / uh / chilling letters and things like that / but it turned out that they were very easygoing / they just said / okay / how much time you need to migrate everything off? / and so / we managed to migrate things off / there's been a little downtime today because / we're in the process of getting everything / you know / *optimized* and so forth and we've had good friends / and we've had / an *extremely* generous response from our supporters / so we've raised thousands and thousands of dollars in sympathy donations / which is good / it's a sort of war chest.

I expect that there's going to be more de-platforming / in the future / I'm basically / you know / *canceling* / a lot of plans / and things like that / because of financial uncertainty(p) / and(p) / although the-the *big plan* now / is / I am-I am packing up and expatriating to much cheaper / climbs / uh / in-eh / you know / an area of the world / that has a much less *oppressive* and-uh / s-social environment / that in the United States / I-I never thought I would say that—

AA Any country!

DG What's that?

AA It's any / country / is less oppressing—

(4:51) DG Yeah / yeah / so / I'm not narrowing that down / folks out there / it's practically any place in the world(l) / at this point / that has a less oppressive social environment than the United States / so / (b)yeah(b) / I-I'm going to do the expat thing — / when I found out that / Ho Chi Minh / waited tables in / I think the United States and also (laughs) / in-in *France* / and / uh / that the Mensheviks and Bolsheviks / split / in a pub in London / I figured why not join / the ranks of revolutionary expats / uh(l) / *it's-it's*(l) just-it just makes sense / strategically / and tactically / to do that / so.

(b) At the end of this week I'm handing in my keys / so it's a big change / but yeah / there's a lot of financial insecurity / I'm reducing my / risk / uh / profile / in a lot of ways / I'm going to be spending less / uh / taking fewer things on(i) / this is what they want us to do / they-they want to chill(p)—our activity / but / I am / not going to go away / this is my life / they're gonna have to kill me to- / to shut me down / basically / um.

AA That needs to be the / battle cry.

DG Yeah / yeah(p) / we're gonna figure out / things / we're really / smart people / and we have a *lot* of smart people on our side / including a lot of *tech* people on our side / and we're coming up with solutions for this.

This might be the thing that pushes us into Internet 2.0 / and(p) The Internet 2.0 is not going to *have* these centralized / *storage points* that companies can charge / you rent on / basically / and *shut you down* / and I think that that is—that is going to be a *massive* transformation / it'll totally change the way people / share information in the world / and it's going to be the death knell of a lot of these tech giants / and good riddance / they're all bastards / uh / and(p) uh / in the meantime, though / we do need to push for regulation.

These places are / natural monopolies-m-monopolies / their public utilities / just like the utility company can't cut my gas off and make me freeze in the winter because of my politics / Pay Pal should not be able / to cut my money off / so that I starve in the winter because of my politics / that should not be possible / and(p) / frankly, the-the groundwork has been *laid* / by the progressive movement in *America* / by many leftist elements / to regulate these things for the common good / and we need to(p) / hold them up to that / we need to get the government to-to / uh / regulate these things for the common good / that's the direction we need to go / in the sh-in the sh-sh-in the shortest term / we're putting out the fires that are burning now / in the medium term / uh—we're *demanding* / I think we need to demand regulation / and I think that that / will *resonate* with larger and larger / portions of the population / and / in / also sort of the medium to long term / we need to create a new internet paradigm / that's less susceptible to this / so that these giant companies once they're regulated / suddenly they're going out of business / because they're no longer needed. So that's what I'm hoping. I know I don't think we'll ever put Amazon.com out of business / but I think it should definitely be regulated / It is the global book market / and the global market for a lot of other stuff / now / it needs to be regulated.

DG Yeah, and actually I'm I'm just moving over to a company called bitch shoot calm where they use peer-to-peer / video streaming / for hosting videos / so they're not even / they're not even using like / some / massive warehouse of servers as YouTube has to do they're literally just streaming from / one person's browser to the next person's browser / which is basically causing it to be unstoppable like their overheads are basically nothing as a result of this.

And I think that might be the future in some respects if if we don't at least / get the regulation pushed through it's hard to say whether we'll be able to do that /

But yeah / a lot of people are asking the comments / they want to hear Andrews perspective on Charlottesville / I haven't heard your perspective /

TM Yeah, Andrew / maybe you can tell us about that

AA It was poorly planned / since the first / observation / I can make on that.

I think that there they / the / whoever it was exactly that made these decisions should have been prepared to be attacked by the police / that would have been the first / um / *eventualities* that you would want to be prepared for // that the police would try and kick you out of the park and-th-that—you—because if they would've / *held* the park / then n—one of this stuff would have happened / but I was not involved in the planning / and it's / you know / I don't want to be / overly / critical of these people / that were there at the event / because I was not there / I live in Nigeria (joke, b) / so I could not make it.

(10:00) um / but-I-I think-/I think there were good things about it, I think that we showed force / I mean clearly / this(p) sent a *shockwave* through the entire *system* / that we're now being all shut down / um / at a rate that nobody could have imagined before this event happened / so I-

I think that the show of force / I-I think that we should be positive about the event / I mean / that there was a lot of positive / elements / to it in particular the fact that we showed we can get *thousands of people* / on the street / and(p) / th-ah-th-/ they're not / scared.

Um / I-I think / that-t / you know(p)(b) / it definitely could have been *planned* a lot better / I think that there were which we can discuss this with Greg Johnson because last time I / listened to a show that he was on with you and I felt my-my / *perspective* / on this was misrepresented / which is why I requested this show but / I think there / were / *aesthetic issues* / that it could have been dealt with but I mean this was the first major rally that the alt-right has held / so / I think we should give ourselves credit for the things that went / right / with it / rather than be overly self-critical / I mean / I've heard people say it was a failure / you know / it was an absolute success / I mean / just looking at the way it's been responded to you

TM Can you can say that this is this was a hundred percent?

AA Well / it-it was very successful / I mean / it was-it was much better that we did this then that we didn't do it / If only / eh-I mean look at this *shutting down* that's happening / this is-this is *good* that this is / *happening* / *now*(p) / i-in such an unorganized (p) / and *obvious* / way(i) / because it was *going* to happen eventually probably in a way that was *planned* / that would have been / a little bit-ah-eh-/ a little bit more *delicately done* (i) / um / but the way they've done was with me / and then just shutting everybody down / at the same *time*(p) / like this from *all* of these different platforms / um / i-it's-it's very good that it's happened this way / the Guardian just this morning published an / article / saying(p) / basically / we shouldn't let this happen / we should be-/ the Left should be standing up and defending these people because / this is going to happen to us next / so(p) / I mean the-the way that this has gone through's not-has not gained / popular / support / um / It's just-it's a-it's a *fringe* minority / that-th-/ I think that the-the-the leftist es-establishment gets *confused* about / just w-what people are thinking(i) / because they lie to themselves about what people were thinking, just the same with a Donald Trump election / you know / they had these *polls* / which I think they all actually believed / I think Hillary Clinton *believed* these *faked* / *polls* / so(p)-I-I think they were acting under the assumption / that just *everybody* is okay with censorship / uh / and that they can just shut everything down / and I think-that-this is going to prove *wrong* and that we're going to set up / um / barriers / to this / I think-that(f) right now / um / we're-ih-i-it's ready to be a very popular idea / that the(p)-that the *Internet* these-these / *gigantic* / tech corporations / be regulated by the government and have to follow / uh / th-First *Amendment* / procedures / and I think that-that *Google* / itself / is going to end up regulated. People said that I shouldn't have switched / and they blamed weave(?) for this / even though I was the one who did it / but I shouldn't have switched from GoDaddy to *Google* / immediately(i) / when I did after I was kicked off of GoDaddy, they told me I had 24 hours and I switched to *Google* and then *Google* / locked my-my domain / Daily Stormer dot com / is in *Google Prison* / some type of-eh-*purgatory* / right now/ um / *Google* locked it in that-and that-that brings them into this whole *situation* of-/of censorship / which I think was a good thing because *google* is really what people are scared of / this-this fact that-*Google* just / is the most *powerful* company that ever existed in history / it's more powerful than any *government* / that has ever existed in history / and that they're-there-they're willing to just shut people down(p) / based on disagreeing / with their *politics* / and the fact that this comes right after / the-r-um / the-the *firing* / of-of-of(p) Demore / what was it, James? / uh / Demore from-from *Google* who(p) / wrote(f) / that / uh(b) / memo // uh / um / manifesto / memofesto, I called it / that meme never caught on(p) / but I thought it was kind of good / uh / th-they-/ he wrote this wing was

asked about a *diversity* / uh-eh / *seminar* / he-he was asked to give a *response* to it and then / they / somebody published his response and they fired him for it / um / when his / I mean / it wasn't it-it-was-/ it was *very* // *light* / as far as what he wrote in that-/that / *memo* / and they fired the guy for it / so / I mean that / created / some(p)-some hysteria / it got Tucker Carlson to talk about it / Tucker Carlson has done three segments / talking about my situation now / I think he's kind of at the front of this / but I think-I think other people-/and like I said the Guardian published something / so / *leftists* / might get behind this / I mean the-the *basic concept* that once you / give up / *free speech* / anybody can be *censored* / um / I mean / this is the-this is just an obvious thing that everybody *knows* / nobody disagrees with that-that *fact* / that once you decide that neutrality is *gone* / uh / the / anybody can be *censored* / *it's-it's a known thing* / so / you know / I-I-I think that-that's-that's an ultimate(p) outcome of the-/ of the Charlottesville / *event* / that was(p) / very positive

TM / Yeah / I think that some of-the more honest liberals / on the Left / will actually stand by you / in the free speech / thing / obvious-sly / a lot of them will turn a blind eye or openly celebrate it because / they are / you know, interested in / totalitarian communism (I) is really what they're into / (b) / um / but yeah, I wanted to ask you about / the-the kind of Nazism / obviously / the last conversation that / Greg participated on here with (??) was about Nazism / and then / what *role*, if any / it should play in the alt-right / and ah / I know / that / you know / your website, The Daily Stormer is named after a pro-nazi / news-paper(p) and / you've had kind of / some / affiliation-s / with Nazi memes and things like this / and I haven't actually followed your work closely / enough / to be able to say that for you / so I'd like you to-/ could you tell me / uh / where you stand on that please? / and-and what involvement you've had in that kind of thing // or maybe even your followers and people on your website.

AA Well / okay(f) / *firstly* / *I don't know what neo-nazi white supremacism is(p)* / I mean / this-term is used over and over again / I don't think anybody's ever *defined* / what it is(i) / I guess when we picture this, we picture things from *the nine-ties* (i) / mainly / of like / skinhead groups with-with swastika tattoos out in the streets / um(b) / or like-like these movies / American History X / something like that / probably / as well / um / I've never(p)-I've never encouraged that / *aesthetic* / because I think that is ultimately what we're talking about / I think that that anybody on the right / h-honest right / whatever you want to call th-the alt-right / would agree with me / probably / in my views about Hitler / th-that this has just been that the Holocaust did not happen that this has been-n / blown(p) / all out of proportion / into this-uh-th-w-this *war propaganda* / that was created by(p)/by the US and the Allies during the war / has now-now carried over and that really this / holocaust is no different than / whatever / ah / you know / Assad bombing his own people /o-or-or weapons of mass destruction in Iraq / this-this is *this idea that-the Third Reich was some kind of / evil // um / it's just made up.*

So / what we're-what we're actually talking about(f) when we talk about neonazism e-etc is an aesthetic / I-I think / tha-that's ultimately all that we're-we're really *debating* / which I-I-the-/ I don't agree with the(p) / with the aesthetic of-of flying swastikas / because I-I wrote articles *about* how people should / not bring / swastikas(i) to rallies(i) / um / I(b)-I-I just / don't / really see that that's / beneficial at all(p) / I don't think that-they should have had any of those flags(i) / I mean if I'm gonna criticize this / rally / I would've / *if I had arranged that rally I would have had only American flags-/ the normal American flag* / just so that / straight up that everybody would be carrying American flags / and when you sit and think about the / uh / the-the-the psychological effect / that when you look at the videos *now* / of-of Charlottesville, if / you imagine that they were all carrying American flags / and that these blacks / and these

antifa were all attacking men / with American flags / it would be a very / very different / look / so / I mean / so much of this is just-just a discussion about / aesthetics / and I think that my-my view on aesthetics are very progressive as far-as- / it's a funny way to put it but I think it's accurate / as far as the Nazi memes / I think that these were / necessary / maybe still are / to a certain extent / but / I mean you had to remove-you have this idea that / the entire right wing or any kind of / *Nationalism* / is *evil* / because of the Third Reich is said to be evil / So that anytime that white people organize its evil / this is-This is- / this was the *block* / in the road that anytime you did anything you would it said / the entire *establishment* would say / well / this is this is Nazism / and Nazis are evil / they killed the six million and in the gas chambers / and then / you know made their bodies disappear / this is a- / it's always been a block / in the road for any kind of right-wing movement since World War II / they just say you're Nazis and Nazis are evil / so / the only way that I viewed the- / and still view / the way around that is to-is to go straight through it / and you just say / well this is-this is fake / **the Holocaust did not happen** / white people do not just *exterminate* / people / this is a hoax and we-we have right to organize for our interests and / you know / we are not sorry for anything and I think that a lot of a lot of people on the right did apologize for Nazism / say we're not-not- / it's like that everything has to be prefaced with we're not Nazis / we're not Nazis / we don't-we don't agree with this we're and you know even-even right-wingers / Alex Jones / or(p) / any of them / even Stefan Molyneux / *definitely* Paul Joseph Watson / any of these alt like people comparing Leftists to Nazis and / when-when I see that it's like / okay / show me one single place where a leftist has compared a right winger to Bolsheviks, okay? / I mean / it's-it's never / *happened* / and the Bolsheviks actually did exterminate millions of people so / that's-that's my view on that / I mean / the aesthetics are up for debate / I-I think that we need to be look good / and I don't think that we should pull out / stuff / from the-from the 80s or 90s / as far as-as far as-s- / I mean if people don't have shaved heads or if they have tattoos / I don't see any problem with that / but I don't think that we should try and pull aesthetics from 80s or 90s / neo-nazi romper stomper American History X type-type scenes / I don't-I don't think that's / a good idea at all / which I think is what-I-what I've been accused of.

TM Right / Um / so Greg Johnson / what do you think of that? Do you agree or?

DG Well / there are two replies to the "all right wingers or Nazis and Nazis are evil and therefore we're all evil" / and / one is to argue that no Nazis aren't evil and the other is simply to dismiss as unjust and stupid and childish the accusation that everybody on the right is a Nazi / I think that the latter path is far easier than the former one / I do not think that we have to rehabilitate the Third Reich simply to have sensible **white identity politics** in every other white country on the earth and / even in Germany / today / for that matter / nothing that we do depends on what happened in Germany in-in the- / during the Third Reich / nothing depends on that in my view / **our views are based on / objective reality / they're not based on historical contingencies** / and the fact of the matter is-is that / **objectively / there are races / races are different / they have different forms of life that are suitable to them / therefore when you mix different races together in the same political and economic system / there's going to be friction that friction will lead either to wearing away distinctions / or / it'll lead to the spark conflict / resentment / hatred / even massacres and war / and therefore the-the best solution to getting rid of unnecessary racial and ethnic conflict is to give every people its own homogeneous homeland / which means the whole idea that / diversity / adds goodness to a society is completely false** and therefore / we need to restore the homogeneous homelands for white people that existed all over Europe / and-and existed in not too distant past / honestly / within the lifetimes of people who are still alive / today.

We need to go back to that because that *works* and / *Multiculturalism* / doesn't / now / that's- that's an argument that doesn't depend on anything about the Third Reich / the-the Nazis could have killed one, two or six million Jews in the Second World War / and my answer to that is-is honestly / I'm sorry / but if the Nazis killed / you know / twenty million Jews / that doesn't mean the right the white race has to die / that doesn't follow that's an absurdity / It's a *moral obscenity* / to argue something like that / and we just need to reject that / as such I do not think / that / we need to rehabilitate the Third Reich / *there are many things that are valid* about the 25 point program that Hitler laid out that / ?? Dave / wanted to argue / *show that they were really leftist* because they were social-social / democratic / but there are there many valid things about it.

The only thing / honestly / that I didn't think was valid about that was the idea that the Germans needed to have colonies / right? / and of course / they want to have colonies at the expense of other white people / they weren't talking about colonizing Africa / they were talking about colonizing Ukraine and Russia.

AA I think that is Africa though / what's it they did talk about colonizing Africa / that's in the 25 point/

DG So / yeah / but they really were not particularly interested in having African colonies / I mean that / there are people on the in the interwar right where they were demanding their African colonies back / and I think that the-the National Socialists just / I-/ that-that kind of stuff / they-they want a territory that could be contiguous with the with the German Reich and that meant territories to the east rather than having to deal with-with-with Africans and whatnot / people like that / so / but anyway / I mean called colonialism / *Colonialism* and *imperialism* are bad things / but everything else is quite valid / However / you know / you can say that certain ideas are valid and true / but / and the fact that you know Hitler liked Bruckner and Wagner / doesn't mean that Bruckner and Wagner are wrong / right?

AA It's not logically possible that Hitler could have been wrong about everything / and if Hitler likes something that's not an argument for it being false or evil so / uh / the-the-the whole argument that everything on the right is like / *Nazis* / and therefore it's *evil* because the Nazis are evil is-is just / such / a childish tissue of fakery that we can / honestly / we can accept all the negative stuff they say about the Nazis / most of which is untrue / a lot of it's untrue

DG Okay / I will grant you that but the conclusion for politics today / that they're advancing / does not follow and it only really works with childish and neurotic people / they're basically trying to trigger neurotics into freaking out / Oh / it's like the Nazis and then they have will well-honed / you know responses that they have been trained in / for many many years by the mass media and education systems / so there they know they're supposed to freak out at this point and they they could get points for a moralistic ranting and so forth / my feeling about / the-the direction that our movement needs to go in is-/ is we need to be *realistic* / we're in a hole right now / we are regarded as having ideas that are ?? / but ideas that are by their very nature / *amoral* / taking our own side and ethnic conflicts / even acknowledging that / there are ethnic conflicts is / it's just treated as immoral and we are treated as worse than *child molesters* / as far as the tor browser company goes / we're worse than child molesters and terrorists / right / and human traffickers / and people feel quite self-righteous about maintaining that we're in a deep / hole / and when you're in a hole / you need to stop digging first of all and the hole that we're in as a whole of moral opprobrium and / we have to ask ourselves how we can / dig our get out of this hole / of / mole moral opprobrium / and the

way that we do that is to be morally exemplary / people / to the extent that that is possible for us / we have to we have to be better people than our enemies / we have to look better / we have to act better / we have to stop / and we have to stop playing into their hands / and I think that the whole / Nazi / aesthetic / the angry white man aesthetic / and so forth / plays into the enemy hands and it makes it harder rather than easier for us to dig ourselves / out of the hole that they put us in / the-the-the Establishment has invested billions of dollars in decades in turning anything connected with National Socialism into the most toxic stigmatizing brand possible and / it's a very well defended set of taboos that they've created / it's a very well defended set of triggering / you know triggers that they've implanted in people and / it's foolish for us to attack the enemy at their best defended points. And not only is it foolish / It's just totally unnecessary because we could make a case / for white identity / and white interests / that doesn't depend on whether or not the Nazis got it / right or wrong / or whether or not during the war they / they did things that they might not have ought to have done, right?

AA There are many things that I think the National Socialists did wrong / I do think that their plans for the the Slavic East / which was a postwar fabrication / as far as I can tell / but in the the sense that we / people who talk about white genocide / mean / today / namely / they-they planned basically to make it not impossible for these people to exist in their own homelands / and to replace them with Germans / and / that-that's immoral and if we are decrying white genocide today / we should we-should decry white / genocide / and then/ during the Second World War as well.

DG So / I bet / anyway / I just don't think that with anything that we do today depends on rehabilitating the reputation of National Socialism / because the argument that / what we stand for is National Socialism and therefore us all evil is a silly argument and the necessity is so great for us to take our own side because we really are I think being targeted for extermination / white genocide is a real thing / all the white countries in the world are pursuing policies that in the long term will make the survival of our race impossible / and if genocide is such a terrible thing /and-and that's really what all this you know Holocaust propaganda is-is presupposing and / Genocide is a terrible thing the real lesson of the Holocaust / I wrote a piece about this: What is the real lesson of the Holocaust the real lesson of the Holocaust? Is that stateless people are susceptible to being exterminated and that the solution for that is for stateless peoples to have their own homelands / at this point it's white people who are stateless because every white society is now embracing this multicultural agenda / there are no white homelands anymore / and / we / and the solution is the ethnos State the Jews have the ethnos state now / they have Israel / and that means there will never be another Holocaust for them / right? And so / whenever Whites assert themselves and you start screaming that this is going to cause another Holocaust that's / just an absurdity / they've got their ethno state / they've got their mountain of nuclear bio-biological and chemical weapons / there's never going to be another genocide against Jews / but Whites really are facing a slow Genocide in all of our homelands / so / if we want to learn the quote-unquote / lesson of the Holocaust the lesson of the Holocaust is that we need our own homelands and we need to protect ourselves from / from genocide / being foisted upon us by our own traitorous elites / and those traitorous elites are working hand in glove with the international Jewish community.

TM / Great /and Andrew / what do you think about that / I'd like to hear a quick response / and then I have some questions from chat.

AA Ok / I think the lesson of the Holocaust / the true lesson of the Holocaust is / it didn't happen / but it should have / as far as German Polish border disputes like these have happened for like a thousand years / I mean the- / whether or not Germany thought they were owed more / I mean / I don't want to go into details about this / but Greg said it so I'm gonna respond to it / I think that whether or not Germany believed that they / were / **owed** of larger percentage of Poland or not / is it historically irrelevant? / as far as the argument that we can just say / well / we're not the Nazis.

Well / okay if your win / have logic reason facts and arguments won over the public mind / when is a single time in history that this has happened / the-the-the larger public is not moved by-by logic or facts or reason / they are moved by emotions / and that's exactly what-what is determined the course of history / is-is the-is the use of emotions and in the way the public use things / and the Jews clearly understand this / and I think to not to not take that same approach that they have taken / look / what-what my idea has always been is that you can look at the 1960s revolutions / that the Jews through when they completely reversed the entire direction of society / during that-during that 1960s period / change morality / changed the entire view of history / changed the entire image of man the entire way that people viewed themselves / as existing in the universe you can-you can look at the way they did that and then and then repeat it / the-the idea that you're gonna say / basic

Well / yeah / basically / I agree with everything Hitler said / but / and-and I want / all the same things / but I have nothing to do with that / and that people are going to go along with that idea / it just doesn't it doesn't make any sense to me / I don't think that anybody's gonna go along with that besides / the-the elite intellectual minority / I mean / you can get them to go along with it by using / logic / and- / but you don't have to make you don't have to make arguments to an elite intellectual minority because you can just give them the data / you can present the data / and the facts / and just say / look / here's the situation / and they can say / okay / well / I can draw my own conclusion / which is the same as your conclusion here / no need to go any further with that / I understand the point which has been the been the strategy of a certain element of the / whatever you want to call / far right / for a long time / and said / well / we can present these facts and they'll be moving to people.

So / as long as the facts are out there / and they're all out there / I mean / all the facts are in / everybody *knows* what's going on / it is interested in looking at this situation objectively / so the rest of the people are obviously not interested in looking at this situation objectively / or they already would have so / in order to-to move those people you have to **use emotion based arguments** / and I think that humor is and demystification of the emotion based arguments of the you know / the Hitler 6,000,000 evil lampshade soap factories that / going at that with humor and and breaking down that entire / false / narrative / that they that they created through a motion by using **counter emotions** / **I mean that the Holocaust is a religion** / It's the basis of the entire modern Western liberal system the this idea that white people are not allowed to organize for themselves because if they do they'll start exterminating people / and then / as the basis of a religion / it can be attacked in the same way that the / **Jews / attacked Christianity**, which was mainly through humor / I mean / they totally / I mean / pretty much *completely* destroyed the religion of Christianity / which had been the **white religion** for fifteen hundred years / I mean / I know some people have problems with Christianity / whatever / I mean it was the was / the white / religion for a very long time / and they completely-they completely *removed* / that / purposefully using entirely **emotional arguments** / There's no logical / well / I mean not for replacing it with atheism / I mean to *destroy* / *Christianity* /

which was / you know / the-the thing that kind of held the entire culture together / to destroy that and replace it with-with *secular / atheism* / and / you know / training bathrooms / there's no *logical* argument for that / it was it was an entirely emotional argument that they used which involved a lot of humor and a lot of just / just meaningless *jabs* / and and fake arguments / and lies / so on / to destroy this religion / and I think we **can bring down the religion of the Holocaust** using-using similar methods / except that we don't have to lie / because we-we have the *truth* on our side which makes our position much stronger than theirs / That's my response to that thanks Andrew.

TM Yeah / I mean I find this to be a very interesting conversation / because I think that we kind-we kind of have our own / little / echo chambers within / like I / okay / in a weird way / because when I surveyed my audience and asked them / you know / how many of you actually would go along with genocide of non-white groups? You know, how many of you are? / Against harming non-whites / etc / it was like / 90% of people were against any form of harm or / it was they were indifferent / only about 4% have your stance on the genocide of Jews / I mean / are you pro-Jewish genocide?

AA Well / you know / I mean from an *intellectual* standpoint / a *factual* standpoint / **when you talk about Holocaust / it would have been better if it would have happened** / Just *historically* / everything would have turned out better / if it actually would have / happened / but / Right now / do I argue for that? / **No / not necessarily** / I'm not-I-think we need to get Jews out of our countries / is the primary thing / **I don't really care if they're exterminated or not** / personally / but / ok / ok / and-and / I mean the other point I wanted to add here is / just that / from my experience and / obviously we don't have like some / market / research / you're doing these studies and surveys are for us / but / from my experience / most people are red pillled / you know / seeing the mass migration into *Europe* or / you know / seeing their neighborhood being / taken over / by South American / *gangs* / or-or / realizing that Whites aren't / responsible for the / bad outcomes of non-whites because they have low IQ / etc / and most people in my circles don't even really care about the Holocaust because it's kind of like / well / that's in the past / and it's more about what's happening *now*

TM But I'm guessing that / maybe because of your websites called / the daily stormer and everything / maybe-maybe from your perspective / it seems that most people get red pillled by realizing that / the whole Holocaust / narrative / isn't all / it's cracked up to be / so maybe that's what we have a different / perspective / on how important that issue is /

AA Well / I think it's / you know / it's *changed* / over the last years / this migrant crisis has just recently happened / and I think that / is where a lot of / **new / people are-are coming in / I mean that / in from Donald Trump just making it okay to be white** / I think that's / you know / there's a lot of new people coming into this / but I think that to argue that there's anything other than the Holocaust as the / *basis* of the *idea* / that white people should not be *allowed* / to have their own countries would be / *objectively* / wrong / I mean it's-it-they also include the *slavery* / and *colonialism* / and you know / the-this-/ this *litany* / **of alleged / historical / crimes** of our ancestors that make us basically genetically / evil / but you know / I mean the Holocaust is the is the ground the-the-the-/ the *framework* / around which the entire concept that / white / people do not *deserve* their own countries is / based and / I mean / obviously you see that everything is Nazi Nazi Nazi Nazi / that's why Donald Trump is called a Nazi just because / I mean / you know / I mean / people *know* / why / he's called that just because it's / **he's implicitly white** / I mean / he even apologized for Charlottesville eventually / but just because he's white / and because he acts like a white person and talks about white people's

interests / without-without explicitly / saying and / just because of that he's called a Nazi / so and I mean / he's been called that before Charlottesville. Obviously / I mean / all throughout the campaign / just because he said that / Mexicans / were bringing drugs and that / they were / rapists / he was called a Nazi / so / I mean / everything clearly in the in the entire *paradigm* / of the *West* goes back to the any White people organizing for their own interests leads to a genocide because of the *Jewish / Holocaust*.